

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“Todo vagabundo é maconheiro, mas nem todo maconheiro é vagabundo”. Um estudo com consumidores estáveis de maconha.

FRANCISCO DE ASSIS LIMA FILHO

VITÓRIA
2010

FRANCISCO DE ASSIS LIMA FILHO

“Todo vagabundo é maconheiro, mas nem todo maconheiro é vagabundo”. Um estudo com consumidores estáveis de maconha.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia. Orientação: Prof^a. Dr^a Maria Cristina Smith Menandro.

UFES

Vitória, Agosto de 2010

159.9 L 372 t T	Lima Filho, Francisco de Assis 1985 Todo vagabundo é maconheiro, mas nem todo maconheiro é vagabundo: um estudo com consumidores estáveis de maconha/ Francisco de Assis Lima Filho. ____ 2010. 150 f. Orientadora: Maria Cristina Smith Menandro. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Consumo de Drogas (Psicologia) Consumo de Maconha (Psicologia) Consumidor Regular (Psicologia) Representações Sociais (Psicologia Social) I. Menandro, Maria Cristina Smith. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. Programa de Pós- Graduação em Psicologia.
-----------------------	---

“Todo vagabundo é maconheiro, mas nem todo maconheiro é vagabundo”.

Um estudo com consumidores estáveis de maconha.

FRANCISCO DE ASSIS LIMA FILHO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Dissertação defendida e aprovada em 31 de agosto de 2010.

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a Maria Cristina Smith Menandro, UFES

Prof. Dr. Marcos Eugênio Oliveira Lima, UFS

Prof^a Dr^a. Edinete Maria Rosa, UFES

AGRADECIMENTOS

À minha família. Mãe, pai, Luciana e Chico, Gabriel e Babi. Pelo bom humor, amor, portas abertas e apoio incondicional.

À Juliana Guedes Rodrigues. Pela paciência, cumplicidade, carinho. Pelo caminho que estamos construindo juntos.

À Cristina, pela oportunidade e aposta na dissertação. Pela possibilidade de um ângulo novo. Pelo conhecimento compartilhado, acadêmico ou não.

Aos amigos do mestrado.

Aos outros amigos, distantes e próximos. Pelos projetos, crescimento e discussões.

À Gabriel Costa Labanca, pela tradução do resumo.

Aos participantes dessa pesquisa.

À Marcélia Marino Scheider Côgo, pelos deslocamentos.

A todos que participaram da construção desta, direta ou indiretamente, sintam contemplados.

Ao Francisco, pela superação dos vários Franciscos, Chicos e Chiquinhos que há espalhados por aí.

Às ordens que me desorganizaram e as desordens que me organizaram.

Às vozes em minha cabeça.

Ao meu violão e guitarra, bons companheiros.

À minha insônia.

“Do ponto de vista da maconha, a humanidade deve parecer muito louca”

Fernando Gabeira

LIMA FILHO, Francisco de Assis (2010, agosto). *“Todo vagabundo é maconheiro, mas nem todo maconheiro é vagabundo”*. Um estudo com consumidores estáveis de maconha. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES.

RESUMO

A maconha é substância psicoativa mais consumida em todo o mundo. A literatura científica sobre maconha enfoca principalmente efeitos farmacológicos ocasionados, estratégias de prevenção, políticas públicas para consumidores de drogas e consumidores abusivos. Apenas um pequeno número de estudos dedica-se a investigar aspectos psicossociais sobre o consumo, assim como valores e práticas de consumidores de maconha socialmente integrados. A partir dessa lacuna, procuramos investigar o consumo de maconha por sujeitos socialmente integrados, bem como suas representações sociais de maconha. Desenvolvemos estudo qualitativo com 10 consumidores estáveis de maconha, todos do sexo masculino, com idades de 20 a 32 anos. Para a coleta de dados foi utilizada entrevista com base em roteiro semi-estruturado. Para análise dos dados, utilizamos método com base fenomenológica juntamente com análise de conteúdo. Os principais resultados mostram: a identificação dos sujeitos a um padrão de consumo não associado a práticas abusivas, sendo justificado através do cumprimento de obrigações sociais e observância de controles sociais; a identificação e aproximação desses consumidores com a realidade social de não-consumidores drogas; a importância da resignificação, por parte dos sujeitos, das informações sobre maconha inicialmente fornecidas por parte de instituições sociais (família, escola, religião) para o estabelecimento da regularidade no consumo; o padrão de consumo de maconha e a sua percepção pelos consumidores não está baseado somente em paradigmas médicos, legais - outras lógicas não quantificáveis são utilizadas na auto-classificação e levam em conta aspectos subjetivos, situações de consumo, atividades que serão desempenhadas, disponibilidade para consumir, entre outros; as representações sociais de maconha presentes nos discursos dos sujeitos expressam a desmistificação de seus efeitos, sua ligação com o prazer e seu caráter natural. Concluímos que a investigação dos conhecimentos ou da percepção dos consumidores de maconha sobre a própria prática de consumo permite compreender esse fenômeno de modo menos fragmentado.

Palavras-chave: Consumo de drogas, Consumo de maconha, Consumidor regular e representações sociais.

LIMA FILHO, Francisco de Assis (August, 2010). **“Every bum is a pot-head, but not all pot-heads are bums”**. A study about stable marijuana consumers. Master’s Thesis. Program of Post-Graduate in Psychology, Center of Humanities and Natural Sciences, Federal University of the Espírito Santo.

ABSTRACT

Marijuana is the most consumed psychoactive substance in the world. The scientific literature about Marijuana focuses mainly It’s pharmacological effects, actions of prevention, public policies for drug users and abusive consumers. Only a small number of studies were dedicated to investigate the psycho-social aspects of the consumption, just as values and practice of social integrated marijuana consumers. From this gap, we intent to investigate the marijuana consumption of social integrated people, as well as their social representations of marijuana. For that we developed a qualitative study with 10 male marijuana stable consumers between 20 and 32 years old. To collect the data we used interview based on semi-structured script and the data analysis were made using a method based on phenomenology together with content analysis. The main results demonstrate: an individuals identification to consumption norm non-associated to abusive practices, justified by their fulfillment of social duties and the observance of social controls; the identification and approximation of these drug consumers to the social reality of non-consumers; the importance of the re-signification, by part of these individuals, of information about marijuana initially provided by part of the social institutions (family, school, religion) for their consumption regularity settlement; the marijuana’s consumption standard and It’s perception by the consumers are not based only on medical paradigm, legal – other non-quantified logic are use on the self-classification and regard subjective aspects, consumption situations, activities that will be developed, availability to consume, etc; the social representations of marijuana existent in these individuals speeches demonstrate It’s effects demystification, It’s link to pleasure and It’s natural nature. We conclude that the investigation of knowledge or perception of marijuana consumers about their own consumption practice allow us to understand this phenomenon in a less fragmented way.

Key-words: Drug consumption, Marijuana consumption, Regular consumer, Social representations.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Apresentação.....	10
1.2 Drogas - aspectos históricos e sócio-culturais.....	11
1.3 Aspectos legais e breves considerações sobre a política nacional e internacional sobre drogas	16
1.4. Classificações e padronizações	19
1.5 O consumo e o consumidor de maconha e outras drogas na contemporaneidade.....	22
1.6 A teoria das representações sociais como fundamento teórico.....	29
1.7 Consumidor regular, estável de maconha.....	33
2. JUSTIFICATIVA.....	35
3. OBJETIVOS.....	36
4. MÉTODO.....	36
4.1 Local da pesquisa.....	37
4.2 Instrumentos.....	37
4.3 Participantes.....	39
4.3.1 Contato com os primeiros consumidores.....	39
4.4 Coleta de dados.....	40
4.5 Procedimentos de análise e interpretação dos dados.....	41
4.6 Aspectos éticos.....	44
5. RESULTADOS.....	44
5.1 Bastiaozinho da Laerte.....	44
5.2 Benjamim.....	50
5.3 Castaneda.....	54
5.4 Clóvis Bernado.....	58
5.5 João Bosco.....	63
5.6 Leo.....	68
5.7 Magrinho.....	73
5.8 Peter Tosh.....	80
5.9 Rodrix.....	86

5.10 Wanderley.....	90
6. DISCUSSÃO.....	94
6.1 Circunstâncias no início e progressão no consumo.....	94
6.2 Aquisição, distribuição e classificação.....	97
6.3 Padrão de consumo.....;	103
6.4 Alterações e efeitos associados ao consumo.....	109
6.5 Atividades associadas e não associadas ao consumo de maconha.....	112
6.6 Controles sociais.....	116
6.7 Redes de sociabilidade.....	121
6.8 Informações, conhecimento informal e Representações Sociais.....	123
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	134
ANEXOS.....	146
Anexo A.....	146
Anexo B.....	149

1. INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

A forma como as drogas foram percebidas pelas organizações sociais ao longo da história manteve uma lógica extremamente sinuosa e variada. O parecer sobre essas substâncias, em diferentes momentos históricos, manteve estreita relação com os valores e sentidos hegemônicos dessas respectivas épocas.

O presente trabalho aborda inicialmente a questão da maconha procurando explorar as raízes históricas dessa substância na sociedade. A partir da exploração dos estudos que discorrem sobre essa temática, notamos que em nenhum deles se perde de vista que a história das drogas, incluindo a maconha, é antiga e que sua presença está intimamente ligada a influências culturais, religiosas, econômicas, entre outras.

Partindo do pressuposto de que as sociedades diversificaram os seus valores e suas dinâmicas sociais ao longo do tempo, procuramos mostrar que a relação estabelecida com as drogas diferenciou-se proporcionalmente a essa variação. A importância dessa primeira exposição de ideias deve-se à possibilidade de notarmos que a droga como hoje surge é uma novidade histórica.

Procuramos discorrer sobre alguns contextos e relações estabelecidas com a maconha na Antiguidade buscando parcial e gradativamente pincelar alguns outros momentos históricos dessa relação até a contemporaneidade. Ressaltamos também esse desdobramento no Brasil e como a *cannabis sativa* foi difundida e posteriormente criminalizada desde o Brasil – Colônia até a atualidade.

Em um segundo momento foram trabalhadas questões legais a respeito das drogas e as políticas nacionais antidrogas, bem como alternativas a essas políticas, que são alvo constante de críticas.

O tópico seguinte foi dedicado à tarefa de aproximação aos termos, expressões e conceitos associados às drogas, que na literatura consultada aparecem de forma diversificada conforme a perspectiva de abordagem. Nota-se que diversas áreas como

medicina preventiva, psicologia, antropologia, epidemiologia, ciências políticas e sociologia contribuem para uma crescente produção de conhecimento sobre esse assunto. Procuramos também apresentar conceituações sobre “tipos” de drogas, as motivações para seu uso, e “tipos” de consumidores.

Dando seguimento ao texto enfocamos a temática na conjuntura atual recorrendo a estudos realizados, explorando a relação frequentemente discutida entre mídia e “drogas” bem como a diferenciação entre drogas lícitas e ilícitas. Buscamos mostrar como a psicologia vem estudando as drogas e seu consumo.

Para finalizar a parte introdutória procura-se definir “consumidor estável” ou “regular” (no sentido de periodicidade) de maconha. Para tanto, o estudo “*Outsiders – estudos de sociologia do desvio*” do sociólogo americano Howard Becker (2008) foi utilizado como referencia básica e tomado como norteador dessa pesquisa.

A partir de todos os elementos mencionados acima se apresenta a justificativa para a realização da pesquisa e os objetivos pretendidos. Em seguida há uma exposição do método e procedimentos utilizados para a realização do trabalho. Após o relato dos resultados analisados apresentamos uma discussão integrando os dados com o corpo teórico utilizado.

1.2 Drogas – aspectos históricos e sócio-culturais

Devemos estar atentos a historia do consumo das drogas, pois, através dela é possível se aproximar da sua condição no contexto de uma dada sociedade. O que hoje se nota é uma visão extremamente condicionada pelos aparelhos midiáticos que divulgam uma imagem do consumidor de drogas, incluído aí o consumidor de maconha, associada principalmente à marginalidade com exposição de cenas de violência, sempre supostamente ocasionadas pelo tráfico de drogas.

A história das drogas nas sociedades, desde a origem da humanidade até os dias atuais, é composta por meandros e configurações extremamente diversos. Esses aspectos muito se

relacionam com o tipo de droga e suas especificações, além dos contextos religiosos, políticos e econômicos de épocas variadas da nossa história que influenciaram decisivamente na maior ou menor permissividade social e cultural frente ao consumo de diferentes substâncias psicoativas.

Nota-se que em boa parte da literatura buscada (GONZALEZ, 2000, VELHO, 1993, ROMANI, 1997, FUENTE, 1986) há um consenso de que a problemática da droga da maneira como atualmente é colocada trata-se de uma manifestação muito recente e datada. As drogas variaram de época para época e de contexto para contexto e os sentidos e significados atribuídos a elas nem sempre foram os mesmos.

Alguns autores enfatizam que a história das drogas é tão antiga quanto à história do próprio homem, sempre ressaltando as várias modalidades em que o consumo da droga ocorria. Em boa parte desse trajeto histórico, o uso das substâncias psicoativas dava-se em rituais coletivos ou era orientado por objetivos que a sociedade reconhecia como expressão de seus valores, não configurando o consumo como ameaça à sociedade constituída (MACRAE, 2004, LOECK, 2006).

Entendendo ser essa dissertação sobre o consumo de maconha e partindo da informação que esta é a droga ilegal mais consumida no mundo, (BUDNEY, VANDREY e STANGER, 2010) procuraremos traçar um breve panorama sobre a história da erva e de como ela foi percebida ao longo do tempo. A *cannabis sativa*, a popular maconha, em diversas épocas obteve conotação de uso medicinal. Foi utilizada como incenso (Assíria em 900 a.c.), no tratamento de doenças (China, há 4000 anos) ou como calmante, estimulador de apetite, recurso para melhorar a concentração e tratar distúrbios intestinais (entre os hindus). A maconha, ainda na Antiguidade, esteve relacionada a fatores econômicos, através dos Celtas no comércio de cordas e estopas por volta de 700 a.c, e a fatores de socialização, como, por exemplo, o consumo em reuniões sociais na Roma Antiga (BITTENCOURT, 2007).

Numa primeira hipótese sobre sua origem no Brasil, a maconha chega por volta do século XV através dos escravos africanos, não sendo assim, a planta original do nosso país. É amplamente consumida e cultivada no norte e no nordeste brasileiro. Na verdade,

a maconha estaria relacionada ao Brasil na vinda das caravelas portuguesas na época do descobrimento, já que tais embarcações eram compostas de velas e cordames de fibra do cânhamo (CARLINI, 2006).

No “Brasil – Colônia”, o consumo da maconha foi extremamente difundido entre índios e escravos, todavia, relatos sugerem que a rainha Carlota Joaquina fazia uso de fibras de cânhamo em chás, o que amplia a noção de que o consumo esteve restrito a determinados grupos (BITTENCOURT, 2007). “No século XVIII passou a ser preocupação da Coroa Portuguesa o cultivo de maconha no Brasil. Mas ao contrário do que poderia se esperar, a Coroa procurava incentivar a cultura da *Cannabis*” (CARLINI, 2006, p. 315). Outra hipótese indica que a maconha já era consumida pelos índios na Amazônia pela sugestão de pajés em rituais sagrados ou para cura de doenças antes da chegada dos escravos (MACRAE & SIMÕES, 2004).

Coexistindo com os relatos de consumo, por vezes incentivado, a história é também marcada por impactos e restrição ao consumo dessa substância. No “Brasil – Colônia” até início do século XVIII, por exemplo, a adoção de uma nova religião pelo Estado, o cristianismo, influenciou intensamente a restrição do uso de maconha em função principalmente do consumo estar ligado a ritos mágicos e rituais pagãos (BITTENCOURT, 2007).

No âmbito da cultura mundial, no século XIX, a Europa viveu movimentos culturais intimistas, relacionados ao hedonismo e individualismo. Algumas dessas manifestações estiveram relacionadas ao místico, onde havia estreita relação com o consumo de haxixe (flores femininas do cânhamo índico, deixadas a secar e usadas para fumar, mascar ou tomar em bebida). Desta época relata-se também forte relação do consumo de haxixe com a produção artística. Alguns nomes conhecidos incentivaram e criaram poemas e romances, tais como Charles Baudelaire, Victor Hugo e mais tarde Lewis Carroll, com a publicação de Alice no País das Maravilhas, obra povoada de imagens oníricas e alusões ao consumo de haxixe (NEAD, 2009)

Voltando ao nosso país, na segunda metade do século XIX, chegam notícias do consumo hedonista da erva fomentada por esses poetas e escritores, o que muda levemente o

quadro sobre maconha no Brasil. Contudo, mais difundido e aceito era o consumo medicinal, sendo que até 1930 ainda encontramos tal associação em compêndios médicos e catálogos farmacêuticos (CARLINI, 2006).

Em território nacional a repressão à erva ganha significativa força em 1930, através da participação de um delegado brasileiro na II Conferencia Internacional do Ópio. Embora a discussão sobre maconha não fosse alvo dessa Conferência, dois delegados, um egípcio e o brasileiro, colocaram a planta em pauta. Algum tempo depois, a participação do delegado brasileiro repercutiu e a autorização oficial para a proibição da venda de maconha foi concedida. A repressão à venda da erva foi difundida por vários estados e ganhou força quando a Organizações das Nações Unidas (ONU), da qual o Brasil é signatário, considerou a maconha como uma droga extremamente prejudicial à saúde e à coletividade, equiparando-a a heroína. Essa concepção é mantida nos dias atuais (CARLINI, 2006).

Na metade do século XX, em razão de diversos fatores, como guerras e situações econômicas desfavoráveis, certa parcela da população mundial começou a procurar respostas e alternativas ao clima repressivo e de incertezas da época. Nos EUA, por exemplo, novos valores orientaram a vida dessas pessoas, tais como paz, liberdade, não-alinhamento as imposições estatais, entre outros. O “American Way of Life” começou a ser desacreditado e questionado. Novas experiências deveriam ser experimentadas, e as “drogas”, principalmente as alucinógenas, como a maconha e o ácido lisérgico, ganharam importância para solidificar essa nova atitude. Inicialmente restrita a poetas e escritores, a nova postura existencial ganhou um expressivo número de adeptos. Valores como o amor livre, consumo de “drogas”, viver em comunidades através da agricultura ganharam forma de contestação do sistema (NEAD, 2009).

Marco importante na história recente da maconha, portanto, foram as décadas de sessenta e de setenta em que houve uma larga propagação de seu consumo ocasionado pelo contexto sócio-político da época, em que o movimento *hippie* destacava-se como um grupo social de contracultura determinante nesse processo.

Destacamos ainda o fato de que ao final dos anos 70, a maconha estava numericamente bem difundida em todo o Ocidente. E para atender tal demanda de consumo, um forte narcotráfico foi criado especializado em produzir e distribuir a substância, concentrado na América do Sul e países Africanos. Marco ainda importante na história da maconha, foi o pioneirismo holandês de liberar o comércio e o consumo de maconha e seus derivados em 1984 (NEAD, 2009).

Por fim, gostaríamos de deixar destacado que a história da maconha no Brasil, desde a sua proibição em 1936, esteve estritamente ligada ao exercício de certo controle sobre determinadas parcelas da população. Seja em 1936, em que a proibição desencadeou fortes campanhas racistas, enfatizando a sua origem africana e utilizando o caráter proibitório da venda e consumo da erva com falso pretexto para manter os negros sob vigilância; seja na década de 70, com uma nova onda de alarme social, associando a juventude de classe média, que fumava maconha, como classe perigosa no contexto ditatorial brasileiro (MACRAE, 2005).

Salientamos ainda que uma vasta discussão feita nos anos 50 sobre maconha pela mídia associou o consumo de maconha à arruaça e vadiagem, e que na mesma época a medicina autorizou a caracterização do consumidor de maconha como “doente mental”. Noções que repercutem até hoje nas concepções coletivas da erva e do consumidor. Importante notar que há nessas discussões uma preferência por destacar possíveis problemas ocasionados pelo consumo de maconha, e pouco é enfatizado o consumo de maconha por pessoas socialmente integradas, denotando o aspecto enviesado com que essa problemática é tratada (MACRAE, 2005).

A concepção que busca manter sob controle determinados segmentos da população ainda é atual e pode ser observada em determinadas práticas. Refletimos conjuntamente com CINCO (2009) que afirma que a racionalidade que sustenta a proibição atual das drogas no Brasil parece não ser a de saúde pública, mas sim política enquanto uma estratégia de criminalização de determinados segmentos. Para o sociólogo, a maioria das pessoas que são apreendidas pela polícia são de classe popular, portando pequena quantidade e que nunca pegaram em armas, mas que por não possuir renda para justificar a posse flagrada são enquadradas como “*traficantes*”. Contudo, quando o sujeito é de classe média ou

alta o enquadramento da pessoa portando drogas é de “usuário” mostrando que a proibição acontece de forma seletiva no Brasil. A isso o autor chama de aplicação do paradigma médico para as classes abastadas e aplicação do paradigma penal para classes populares. Consideramos que seja importante em função disso trazer algumas questões atuais sobre condição política das “drogas” no Brasil e no mundo.

1.3 Aspectos legais e breves considerações sobre a política nacional e internacional sobre drogas

Entrou em vigor, no dia 8 de outubro de 2006, a atual lei brasileira sobre drogas – Lei 11.343/06. Ganhou o apelido de Lei Antidroga, assim como as anteriores (Lei 6.368/1976 e Lei 10.409/02, ambas revogadas pelo art. 75 da nova lei) possuíam o apelido de “Leis de Tóxicos” (PLANALTO, 2010). Embora reformulada e apresente aspectos novos em relação a suas antecessoras, posicionamento de alguns pensadores e juízes sobre tal Lei não é otimista.

A nova lei brasileira em matéria de drogas – Lei 11.343/06 – não traz qualquer alteração substancial, até porque, como suas antecessoras, suas novas ou repetidas regras naturalmente seguem as diretrizes dadas pelas proibicionistas convenções internacionais de que o Brasil, como quase todos os demais Estados nacionais, é signatário. (...) ao contrário do que muitos querem fazer crer, a nova Lei 11.343/06 não traz nenhum avanço nesse campo do consumo. Uma lei que repete violações a princípios e normas constantes das declarações universais de direitos e das Constituições democráticas jamais poderá ser considerada um avanço. Nenhuma lei que assim suprime direitos fundamentais pode merecer aplausos ou ser tolerada como resultado de uma conformista “política do possível” (KARAM, 2006, s/pág.)

Boa parte das políticas relacionadas às drogas no país tem-se respaldado em modelos previamente construídos, como por exemplo, o *War on Drugs*¹ americano, que pouco leva em conta a dimensão do sujeito e do contexto de consumo. Conforme aponta Carlini (2006, p. 317) “O problema das drogas em nosso país tem sofrido um julgamento apaixonado, permeado por atitudes moralistas e um tratamento policial”.

¹ *War On Drugs* – A “guerra contra as drogas” é uma controversa campanha de proibição das drogas empreendida pelos Estados Unidos, destinada a reduzir o tráfico ilegal e conter a oferta e a procura de substâncias psicoativas consideradas imorais, nocivas, perigosas ou indesejáveis. O termo foi utilizado pela primeira vez pelo presidente Richard Nixon, em 1971 (WIKIPEDIA, 2009).

Além disso, nota-se que as diretrizes dos programas possuem uma clara distinção entre drogas lícitas e ilícitas. Fica explícito um descompasso entre realidade, legislação e políticas públicas voltadas para a população brasileira, na medida em que não só se propõe uma sociedade livre das drogas como se acredita piamente na concretização dessa ideia utópica que justifica tal desarmonia (SOUZA & KANTORSKI, 2007).

A política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral a consumidores de Álcool e outras Drogas possui três diretrizes principais: a própria política de atenção integral em álcool e drogas, a redução de danos e a rede de saúde como local de conexão e extensão (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2003). Entretanto, nota-se atualmente um predomínio de palestras e uma ausência de gestão e institucionalização das ações entre as principais atividades de prevenção, mostrando, assim, uma persistência de padrões inconsistentes nos programas. Muitas vezes, as palestras estão associadas a certo tipo de moralismo ou a uma discussão religiosa, onde prepondera o consumo de drogas como uma ação pecaminosa através de arguição simplista (“a droga mata”), esquecendo-se de um enfoque educacional reflexivo estimulador de um senso crítico, em favor da vida (BITTENCOURT, 2007).

É importante nesse sentido atentar para alguns questionamentos que buscam deslocar o pensamento que culpabiliza o consumidor. Silva e Santos (2001) indagam, por exemplo, se prejuízos muitas vezes atribuídos ao consumo de drogas, por exemplo, seriam de fato ligados a esse uso ou causado/agravado pela reação repressiva que a sociedade exerce sobre o consumidor. Os mesmos autores perguntam também se não seriam, em muitos casos, os processos de marginalização social dos consumidores de drogas os principais danos.

Na maioria dos países a resposta tradicional aos usuários de drogas é a repressão ou prisão. A alternativa não-repressiva constitui-se na exclusividade do tratamento baseado na orientação à abstinência. Contudo, o que há de mais promissor na prevenção do uso de droga é a ideia de redução de danos, que encontra ainda dificuldade em ser implementada, muito em função de sua proposição polêmica e por oposição de forças conservadoras locais, crenças culturais e religiosas (PEREIRA, 2007). A ONU suprimiu da redação final das diretrizes para política internacional antidrogas o conceito de

redução de danos e reafirmou, apesar dos “tropeços”, as estratégias de “guerra as drogas”, tendo esta como bem sucedida (FATO, 2009). Contudo, o evidente fracasso “já deveria ser razão suficiente para o abandono da globalizada política proibicionista, traduzida nas convenções da ONU sobre a matéria (de 1961, 1971 e 1988) e em legislações internas de praticamente todos os Estados nacionais” (KARAM, 2009, p. 39).

Apesar da insistência da ONU, muitos que procuram alternativas a questão das “drogas”, apóiam e difundem a descriminalização ou regulamentação das drogas, sempre enfatizando uma diferença sutil entre liberação e regulamentação. Onde a primeira pressupõe uma legalização, uma liberação das drogas e do consumo sem regras e a segunda propõe que o consumo deixe de ser crime e que haja regulamentos estabelecendo desde como produzir, comercializar e utilizar cada uma das substâncias.

Isso a exemplo do avanço obtido de uma década para cá com o tabaco, que sem proibição total, somente através de conscientização, diminuição da propaganda e limitação de locais para fumantes, foi possível uma significativa redução de seu consumo. Argumenta-se que a história mostra a impossibilidade de se acabar com as drogas, tornando assim necessário pensar maneiras de se conviver com as substâncias e não erradicá-las, e tirar o mercado das drogas da mão do crime (CINCO, 2009).

Obviamente seria de se estranhar uma postura em relação a essa temática que negasse a periculosidade subjacente às drogas. Ao que nos parece, as drogas para alguns autores devem ser regulamentadas não em razão de serem seguras, mas sim e justamente por serem perigosas. Tal periculosidade seria mais bem controlada em um sistema regulado do que em um sistema de lógica informal e ilegal (MORGAN, 2007 & CINCO, 2007).

Zaluar (1993) alerta que não podemos ficar a mercê da construção ideológica que demoniza a droga e concebe o consumidor e o traficante como agentes do mal. É preciso ser cauteloso com a relação direta feita largamente no cotidiano que culpa exclusivamente os consumidores de drogas pelas mazelas sociais. Houve uma produção sócio-histórica sobre esse fenômeno e em determinado momento o que não era proibido tornou-se ilegal e, sem a regulamentação do Estado nasceu um lucrativo e violento mercado clandestino das drogas.

É de extrema importância notar que “é somente desconstruindo a metáfora da droga como objetivação do mal e do usuário como sua encarnação é que se pode lidar, de fato, com os eventuais danos decorrentes dessa prática e pensar nas alternativas à sua minimização” (PEREIRA, p. 24, 2007).

1. 4 Classificações e padronizações

Algumas padronizações e classificações sobre os consumidores e os tipos de drogas, pensadas por ângulos diferentes, tornam-se necessárias para uma uniformização de termos e ideias empregadas ao longo do texto.

Nos chama a atenção o fato de que, nos estudos e pesquisas sobre uso e abuso de “drogas” vários termos foram utilizados ao longo do tempo. A aplicação de alguns como toxicômano, drogadito, drogado, farmacodependente foram sendo “oficialmente” abandonados, mas o termo “viciado” ainda é predominante para classificar as pessoas que usam “drogas”, tanto por determinados grupos que atuam na área de tratamento, quanto por pessoas comuns (CUVELLO, 2004, p. 14).

Alguns termos usados largamente na literatura científica a propósito da temática das drogas possuem origem no modelo psiquiátrico. “Usuário”, por exemplo, é aquele sujeito que consome determinada substância, sem que isso implique riscos a seu psiquismo e a sua relação com os outros. Já “dependente” é aquele sujeito que apresenta pelo menos dois ou três critérios do DSM IV para diagnóstico de dependência, tais como tolerância, abstinência, dispendir muito tempo obtendo, usando ou recuperando-se dos efeitos, entre outros (MORALES, 2002).

O termo droga carrega consigo uma série de conotações. Pode se referir a medicamentos, a uma interjeição a algo que não corresponde à expectativa ou, por fim, pode relacionar-se com substâncias psicoativas, significado esse de nosso interesse *a priori*.

Por “drogas” podemos entender as chamadas “drogas” psicotrópicas ou substâncias psicoativas, conhecidas, ainda, pela denominação de tóxicos, estupefacientes, entorpecentes ou narcóticos, que agem no cérebro e alteram a sua maneira de funcionar e têm o poder de modificar o humor, a percepção, o comportamento, estados da consciência e outras funções psicológicas da pessoa sob efeito (BITTENCOURT, p. 36, 2007).

Uma das primeiras definições relacionadas às drogas utiliza o critério do mecanismo acionado no sistema nervoso central para classificá-las em três tipos - Estimuladores: tabaco; anfetaminas; êxtase; cocaína; crack; cafeína e xantinas. Depressoras: álcool, tranqüilizantes, barbitúricos e heroína. E por fim, Alucinógenas e Perturbadoras: L.S.D, Maconha e inalantes (AQUINO, 1998, *apud*, CALDEIRA, 1999).

Outra classificação, muito comum, preocupa-se menos com critérios técnicos e farmacológicos ou científicos, abordando o caráter de conformidade mediante as leis, dividindo assim as drogas em lícitas e ilícitas. Essa classificação pode variar de acordo com o contexto sócio-cultural. No Brasil, por exemplo, algumas drogas lícitas (“legais”), como benzina e éter, são utilizadas com fins recreacionais, não se mantendo fiéis à sua classificação de legais para fins profissionais e não desfiguradores da consciência (CALDEIRA, 1999).

Por fim, uma última classificação sobre drogas encontrada refere-se à origem dessas substâncias. Podendo ser então “naturais”, de fonte exclusivamente natural, como o chá de cogumelo ou de trombeta; semi-sintéticas, que necessitam algum tipo de tratamento, como a maconha, cocaína, álcool, tabaco; e as sintéticas, artificiais, obtidas em laboratórios, como L.S.D. e o “êxtase” (SEIDL & COSTA, *apud*, BITTENCOURT, 2007).

A despeito dessas classificações, a Organização Mundial de Saúde (OMS), criou uma classificação para tipos diferenciados de consumidores. Não-consumidor: nunca utilizou drogas; consumidor leve: utilizou drogas no último mês, mas o consumo foi menor que uma vez por semana; consumidor moderado: utilizou drogas semanalmente, mas não todos os dias, durante o último mês; consumidor pesado: utilizou drogas diariamente durante o último mês (PEREIRA, 2007). Apesar de questionável, conforme procuraremos mostrar em nossos resultados, a partir dessa classificação os sujeitos da presente pesquisa se enquadrariam no consumo moderado e pesado.

Segundo Caldeira (2007), a UNESCO considera a seguinte classificação para consumidores de drogas: experimentador, consumidor ocasional, consumidor habitual ou

funcional e, consumidor dependente ou disfuncional. Classificação de suma importância para esse estudo, pois também foi largamente usada pelos sujeitos. Segundo afirma o mesmo autor a OMS postula que quem está mais sujeito ao uso de drogas é o indivíduo sem informação adequada, com saúde deficiente, insatisfeito com a sua qualidade de vida, de personalidade vulnerável (mal integrada) e que possui um fácil acesso às drogas. O consumo deve ser entendido a partir de uma relação triangular que leve em consideração o sujeito – contexto – droga.

Hoje, em contraposição aos motivos místicos e medicinais de épocas anteriores, os principais motivadores para consumir drogas são a busca pela satisfação, a curiosidade, a inclusão em grupos sociais, busca de independência, busca de aventura e novas experiências, melhoria da criatividade, relaxamento, enfrentamento de desconforto, entre outros. Em uma teoria radical do psicofarmacólogo Ronald K. Siegel, consumir drogas está relacionado ao que ele chamou de o “quarto impulso”. Ou seja, além de fome, sede e sexo, teríamos a necessidade de alterar a consciência (BITTENCOURT, 2007).

Consideramos importante notar que a noção de experimentar algum tipo de droga é bem diferenciada da noção de dependência. Algumas pessoas podem manter o uso de droga sob controle, evitando os efeitos destrutivos, uso excessivo ou o abuso. Mas em contraposição a essa afirmação, é importante salientarmos que a nossa cultura não reconhece o consumo controlado de substâncias psicoativas (ZINBERG, 1984, *apud*, CALDEIRA, 1999). Há uma ampla gama de padrões de consumo, mas é difícil estabelecer quando o consumidor atravessa a linha do uso para o abuso e se a direção tomada será permanente ou fugaz, reversível ou não (PEREIRA, 2007).

Três grupos de comportamento podem ilustrar essa discussão sobre a possibilidade da pessoa tornar-se dependente ou não de substâncias psicoativas a partir do primeiro contato. A maioria tem experiências eventuais e moderadas, sem nunca ter problemas duradouros, tendo, no máximo, problemas eventuais. Outra pequena parcela de pessoas manifesta, desde logo, uma aversão física pelas substâncias e, naturalmente, passa a evitá-las. E um terceiro grupo, 12% a 15%, desenvolverá uma relação especial e permanente com as substâncias químicas (VESPUCCI & VESPUCCI, 1999, *apud*, BITTENCOURT, 2007).

Notamos ainda que no caso da maconha, nos últimos quinze anos, tomado como referência o ano de 2006 “o número de pessoas internadas por intoxicação aguda ou por dependência maconha não ultrapassou 300 por ano no triênio 1997-1999. Em contraste, as internações por álcool alcançaram um total de 119.906 internações no mesmo triênio” (CARLINI, 2006, p. 317).

Mesmo as estatísticas apontando uma baixa frequência de dependência de maconha, numa porcentagem mínima ela pode ser desenvolvida e por isso mesmo não pode deixar de ser considerada. Segundo o DSM-IV, a dependência química é um conjunto de sintomas que indicam que uma pessoa usa compulsivamente uma ou mais substâncias apesar dos problemas causados pela mesma. Um comportamento que foge ao controle (GARCIA-MIJARES e SILVA, 2006). A “dependência” não deve ser considerada somente como um fenômeno psicoquímico, mas um fenômeno ativo, voluntarista, um modo de existência, uma relação com a vida (OLIVENSTEIN, 1985, *apud*, CALDEIRA, 1999).

A literatura aponta dois tipos de dependência – a física e a psíquica, sendo que a física traduz-se na ideia de que o organismo acostuma com determinada substância e na sua falta ocorre o fenômeno conhecido como síndrome da abstinência. A psíquica traz a ideia de que o consumidor não consegue viver sem os efeitos das substâncias, evitando o mal-estar experimentado pela falta. Atualmente, a OMS sugere apenas classificar a dependência caracterizada (ou não) pela abstinência, já que é muito impreciso definir quando uma ou outra dependência ocorre (GARCIA-MIJARES & SILVA, 2006). “Os dados experimentais demonstram claramente a tolerância dos efeitos da *cannabis*; porém confirmam menos a presença de dependência física. A dependência psicológica do uso da *cannabis* desenvolve-se em consumidores a longo prazo” (KAPLAN, SADOCK e GREEB, 1997, p.404).

1.5 O consumo e o consumidor de maconha e outras drogas na contemporaneidade

O fenômeno das drogas jamais se configurou com tamanha dimensão e preocupação para sociedade tal como hoje. A preocupação se nota no cotidiano das pessoas, nas notícias diárias na imprensa mundial e também no nítido aumento de produção acadêmica sobre

essa temática que, em alguma medida, representa a necessidade de “compreendê-lo” sob a forma como hoje se apresenta.

No que diz respeito aos estudos sobre maconha e outras drogas, a literatura aponta, por exemplo, o pouco interesse nas pesquisas sobre efeitos secundários - de curto, médio e longo prazo - das drogas ilegais ou mesmo das legais. Conforme aponta Jáuregui (2007) não é de interesse econômico das indústrias farmacêuticas, por exemplo, divulgar que o princípio ativo do PROZAC está associado ao suicídio. Nota-se ainda que por trás do rigor científico, sempre há, os fatores humanos, a moral, os interesses econômicos, a ideologia. Para um assunto tão complexo torna-se importante não ignorar tais elementos.

Parte da literatura encontrada destaca também a pouca importância dada ao contexto em que o fenômeno do consumo ocorre, produzindo estudos descontextualizados, fomentando discursos alarmistas em relação às drogas. Alguns autores condenam os estudos que insistem em utilizar a noção de “problemas associados ao uso de drogas” ou “fatores de risco”² como o único eixo de argumentação dos seus textos. Observa-se uma concordância entre alguns autores em postular que há falta de consenso científico sobre diversas questões levantadas pelos estudos produzidos relativos ao consumo de drogas (VELHO, 1993, SILVA & SANTOS, 2001).

É bastante comum a referência da relação da mídia com as drogas. De maneira geral tal relação é vista sempre com preocupação quando pensamos que a mídia ocupa um papel importante na sociedade, apresentando modelos ideais influenciados pela ideologia atual. Os tons assertivos nas matérias, não permitindo um questionamento sobre a questão; tons dramáticos e alarmistas; o uso constante de citações de profissionais da saúde, como psicólogos e psiquiatras, autorizando o que é escrito e associando invariavelmente o uso de substâncias ilegais à doença ou à loucura; a grande valorização das propriedades farmacológicas das drogas; a pouca diferenciação entre o uso e abuso de drogas e; a

² No estudo realizado por Sutherland e Shepherd (2001), que busca evidenciar a dimensão social do uso de “drogas” por adolescentes, relativiza-se a relação direta de causa e efeito presente em estudos que trazem essa ideia de “fatores de risco” ou “problemas associados ao uso de “drogas””. No estudo, constatou-se, por exemplo, que idade é uma variável que influencia no uso de álcool e que gênero é uma fator que deve ser considerado mediante a constatação de que é maior o número meninos que usam “drogas” ilícitas do que meninas. Contudo, o estudo alerta que estas relações não são necessariamente causais, já que variáveis sociais também entram em consideração e é considerada a “natureza” biopsicosocial da causalidade do uso de substâncias por adolescentes.

apresentação de uma visão maniqueísta são algumas das características que diversos autores apontam como complicadas e produtoras da marginalização dos consumidores de drogas ao serem veiculadas pela mídia (SILVA & SANTOS, 2001; RIBEIRO, PERGHER & TOROSSIAN, 1998).

Dissemina-se uma imagem caricatural do consumidor de drogas e da droga em si. Ideias como experimentar um cigarro de maconha (cannabis sativa) torna o consumidor um viciado potencial em crack, ou mesmo uma supervalorização do poder farmacológico das substâncias são amplamente divulgadas menosprezando as diferenças básicas das substâncias, efeitos e reações nos organismos humanos, os uniformizando sob um mesmo crivo. Isso pode ser preocupante se pensarmos que o crack possui as suas especificidades e não pode ser equiparado à maconha, por exemplo, já que as implicações do uso dessas drogas são bem diferentes.

Contudo, nos atentamos também para o fato de que

(...) não se pode, teoricamente, demonizar a mídia: de um lado ela reflete e refrata a cultura vigente. E, de outro, seria um erro menosprezar a capacidade crítica dos jovens e a sinergia de vários outros elementos com os meios de comunicação. Nenhuma propaganda por si só atinge efeito demoníaco de persuasão, quando fatores protetores atuam em direção contrária (...) (SCHENKER & MINAYO, 2005, p. 710).

De qualquer maneira, ainda sobre a relação acima abordada, é importante notar que alguns autores apontam que uma grande quantidade de matérias são produzidas negligenciando a capacidade de julgamento moral e espírito crítico que os adolescentes possuem, sugerindo que estes estão em posição de fragilidade, indefesos, carentes de informação e que por isso precisam de proteção e orientação, principalmente na questão das drogas (JÁUREGUI, 2007; RIBEIRO, PERGHER & TOROSSIAN, 1998).

Os autores notam que se divulga uma ideia de culpa de apenas uma camada da sociedade, que por si só já é “estigmatizada” – a adolescência. Parece que a adolescência por si só cria esse problema. Fica-nos claro que associar o “problema das drogas” a uma camada da nossa sociedade, como os pobres ou os adolescentes e jovens, está muito longe de levar à compreensão ou a uma aproximação com propriedade desse fenômeno social tão diversificado em seu acontecimento (JÁUREGUI, 2007).

Existem casos em que se discute o processo de marginalização e exclusão do consumidor de drogas, assim como o de maconha. Alguns estudos apontam para a acusação moral implícita na identidade de “drogado”, onde todo o contexto de marginalidade e intolerância é transferido para a maneira pela qual a sociedade enxerga e classifica consumidores de drogas (LOECK, 2006).

Partindo da noção de “comportamento desviante” fica-nos mais fácil entender a razão pela qual a identidade de “drogado” é tão facilmente marginalizada pelo grupo social que convive com esses indivíduos:

[trazendo] a noção básica de que não existem desvios em si mesmos, mas sim uma relação entre atores de estarem conscientes ou inconscientemente quebrando, com seu comportamento, limites e valores de determinada situação sociocultural. [...] os grupos sociais criam o desvio ao estabelecer as regras cuja infração constitui desvio. [...] Sob tal ponto de vista o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa faz, mas sim a consequência da aplicação por outrem de regras e sanções ao “transgressor”. O desviante é aquele que a quem tal marca foi aplicada com sucesso, o comportamento desviante é o comportamento assim definido por pessoas concretas. Em outros termos, certos grupos sociais realizam determinada ‘leitura’ do sistema sociocultural. Fazem parte dele e, em função, de sua própria situação, posição, experiência, interesses, etc., estabelecem regras cuja infração cria o comportamento desviante. [...] o comportamento desviante não é uma questão de “inaptidão cultural”, mas um problema político, obviamente vinculado a uma problemática de identidade (VELHO, 1985, p. 23).

A noção acima mencionada é muito bem explorada pelo grupo dos chamados *interacionistas* que explora convincentemente essa relação de exclusão do sujeito que possui a identidade de drogado. Complementam ainda dizendo que

[...] drogado é uma acusação moral e médica que assume explicitamente uma dimensão política, sendo, portanto, também uma acusação totalizadora. O fato de os acusados serem moralmente nocivos segundo o discurso oficial, pois têm hábitos e costumes desviantes, acaba por transformá-los em ameaça ao status quo, logo em problema político. A categoria drogado explicita a problemática da patologia individual. O drogado, na definição médica, seria um doente. A partir disso, um discurso sobre anormalidade do consumo e das consequências para o indivíduo e a sociedade é construído (VELHO, 1999, *apud*, LOECK, 2006, p.5).

É importante notar que muitas vezes essa “marginalidade” é projetada no consumidor e esse passa a ser tratado como “marginal”, “fora dos padrões”. Isso pode produzir uma profecia auto-realizadora na qual o próprio consumidor se vê dessa forma e constrói uma imagem de si mesmo de “marginal”, “criminoso”, “fora dos padrões” (BAUMRIND, 1984).

As drogas ilícitas ocupam boa parte da vida dos sujeitos que as consomem e conjuntamente ao adquirir, sem saber, o rótulo de “viciado”, o sujeito vai perdendo seu espaço e lugar na sociedade, sendo exilado, separado, menos valorizado socialmente. O consumo de drogas é mal visto socialmente e isso legitima e justifica a exclusão dos envolvidos (ARRIBAS, 2001).

Outro item importante que é ressaltado na literatura pesquisada é o grande descompasso entre a maneira como são encaradas as drogas lícitas e as drogas ilícitas. Exemplo explícito disso é a difusão diferenciada de informações para o grande público sobre as drogas ilegais e legais. Por um lado, as drogas não socialmente aceitas sempre se associam a violência gerada pelo tráfico, ao perigo, e em contrapartida, as drogas lícitas são alvo de sofisticadas propagandas para estímulo de venda. Uma tensão funda-se nessa diferenciação já que é notada a pouca importância dada ao poder de influência midiático (NOTO, BAPTISTA, *et al.*, 2006; JÁUREGUI, 2007; ZALUAR, 1993, PINSKY e PARAVINO FILHO, 2007). É importante lembrarmos que

(...) conjunto de imagens e estereótipos ligado às “drogas” conseguiu simbolizar, ativa ou passivamente, aspectos básicos da vida social: temores ancestrais, dificuldades de expressar emoções, inseguranças provocadas pelas mudanças, medo do desconhecido, frustrações não resolvidas, constituindo-se numa paixão – ou seja, algo no nível profundo das emoções – que ameaça a comodidade de uma cosmovisão tradicional (MINAYO, 2003, p. 19).

A maconha, por exemplo, em recentes estudos vem sendo equiparada ao álcool e ao tabaco em seus malefícios. No entanto, as duas últimas permanecem liberadas enquanto a primeira se mantém ilegal carregando a negatividade à qual as drogas foram associadas ao longo da história. As opiniões de consumidores e não-consumidores permanecem divididas e só recentemente é que uma abertura maior para essa discussão vem

ocorrendo não só em discussões acadêmicas (ZALUAR, 1993) como na esfera público-cotidiana. Isso é mais espantoso quando confrontamos com a informação de que

No Brasil, o álcool é responsável por mais de 90% das internações por dependência química, e está associado a mais da metade dos acidentes de trânsito e é a principal causa de morte na faixa etária de 16 a 20 anos. O álcool é, seguramente, a droga que mais danos traz à sociedade como um todo. Além disso, no caso particular de adolescentes e jovens, o consumo de álcool também está diretamente relacionado a doenças sexualmente transmissíveis, uso de outras “drogas”, abuso sexual, baixo desempenho escolar, danos ao patrimônio, comportamento violento e confrontos entre gangues (DEA, SANTOS, ITAKURA, *et al.*, 2004, s/ pág.)

Outro aspecto ainda ligado a esse descompasso na maneira como atribuímos valores diferenciados às drogas legais e ilegais refere-se à forma antagonizada com que são percebidos os medicamentos psicotrópicos, fármacos ou drogas lícitas em relação àquelas não legalizadas. As drogas medicinais não receberam toda a negatividade que o termo “droga” sugere. Aqui fica-nos claro que o aspecto fármaco-químico que ambas as categorias de drogas possuem não é suficiente para determinar todo esse processo de valoração diferenciada. Nota-se que não é apenas uma questão toxicológica, mas sim sócio-cultural (JÁREGUI, 2007).

Cada cultura determina quais “drogas” devem ser consideradas legais e ilegais. Isso está mais relacionado a aspectos antropológicos e econômicos do que a morais ou éticos, ou mesmo aos efeitos ou características farmacológicas das substâncias em questão (DEA, SANTOS, ITAKURA, *et al.*, 2004, s/ pág, *apud*, BUCHER, 1992).

Também é possível perceber que muitos autores são categóricos ao afirmarem que estudos realizados sobre essa temática reduzem-se ao nível da discussão do controle social e que alguns ainda mantêm uma tendência em enfatizar apenas os aspectos bioquímicos das drogas. E por detectar isso muitos afirmam que apesar de estar em voga a discussão sobre drogas, o foco sobre as mesmas está equivocado (JAUREGUI, 2007; ARRIBAS, 2004).

Apesar de ainda escassos, alguns estudos sobre drogas vem apontando que a reflexão que contempla aspectos sócio-culturais do fenômeno é mais apropriada para uma compreensão científica e menos fragmentada dessa questão. Outras questões são

contempladas nessa perspectiva retirando-a de determinismos comuns em estudos sobre o consumo de drogas, tais como a supervalorização do potencial farmacológico das substâncias, o “caminho sem volta” ao entrar em contato com as drogas, entre outros.

O estudo de HOUT (2007) ilustra bem a manifestação dessa influência cultural na maneira como construímos nossas percepções diferenciadas devido a valores sócio-culturais diferentes. Na Irlanda, local do estudo citado, por exemplo, há uma percepção da cocaína como uma “droga segura”, “limpa” e com complicações mínimas de saúde.

Assim como o estudo acima, o apontamento de Howard Becker chama a atenção para a importância da influência do contexto sócio-cultural na construção de um saber sobre as substâncias ilícitas que, por sua vez, incide diretamente nos efeitos das substâncias.

Constatando que as ideias do consumidor sobre a droga influenciam com ele as usa, interpreta e responde a seus efeitos, Becker argumenta que a natureza da experiência depende do grau de conhecimento que lhe é disponível. Já que a divulgação desse saber é função da organização social dos grupos onde as “drogas” são usadas, os efeitos do uso irão, portanto, se relacionar as mudanças na organização social e cultural. (BECKER, 1976 e 1980 *apud*, MACRAE, 2004, p.2).

Nessa tendência relativamente nova de abordar aspectos sócios culturais dessa temática entram em jogo outras variáveis tais como as ideias que os consumidores fazem sobre as drogas, as redes sociais que dinamizam o processo realizado para a droga ficar pronta para ser consumida, as regras que definem como devem ser consumidas, os valores e regras de condutas compartilhadas informalmente por consumidores, as leis e políticas que regulamentam o uso de drogas, as maneiras de aquisição e administração, entre outros (MACRAE, 1993; VELHO, 1993).

Na psicologia, diversos são os modelos teóricos utilizados na experiência com essa temática. É válido lembrar que apesar da grande adesão obtida pelos tratamentos farmacológicos nos últimos anos, a psicologia tem o direito de reclamar para si o pioneirismo no tratamento do consumo abusivo de drogas. A psicologia deve ser essencial em qualquer tratamento que se pretende integral (IGLESIAS, 2007)

Estudos em psicologia apontam que alguns fatores são importantes na tentativa de compreender o consumo de drogas. São citados como elementos importantes: os processos psicológicos básicos; tipos de família e criança; adolescência e o consumo de drogas; ócio, tempo livre, vida recreativa; a passagem da adolescência para a vida adulta (IGLESIAS, 2007; SECADES-VILLA, GARCÍA-RODRÍGUEZ, FERNÁNDEZ-HERMIDA, *et. al.*, 2007).

Tendo em vista essa profusão de teorias e modelos que tentam abarcar a problemática do consumo de drogas, a psicologia tem mostrado a sua pertinência nesse fenômeno através da intensa participação de psicólogos nas políticas e modelos de prevenção. A maioria dos programas de prevenção que se mostraram eficazes têm sido realizados por psicólogos, ao menos os da última geração que vem funcionando adequadamente. Data dos anos 70 e 80 o aparecimento dos programas de prevenção baseados no modelo de influencias sociais e psicossociais, a partir tanto de estudos da psicologia social como da aprendizagem social e dos estudos sobre antecedentes do consumo de drogas (IGLESIAS, 2007; GAETE, 2007; GONZALEZ, 2000).

De maneira geral a psicologia, possui com propriedade o conhecimento do que é dependência, tem uma explicação psicológica completa para a mesma e programas preventivos adequados para que as pessoas não comecem a consumir drogas (IGLESIAS, 2007). Contudo a grande maioria dos estudos psicológicos tem-se dedicado a investigar consumidores abusivos, políticas públicas e estratégias de prevenção, pouco sendo enfatizado, por outro lado, um consumidor regular e socialmente integrado que é responsável pela maior consumo de drogas, principalmente a maconha.

Nesse sentido, procurando preencher essa lacuna na produção acadêmica sobre drogas, recorreremos à Teoria das Representações Sociais como aporte teórico fundamental para compreender o consumo regular, estável de consumidores de maconha socialmente integrados.

1.6 A Teoria das Representações Sociais como fundamento teórico

A escolha da Teoria das Representações Sociais se adequou bem ao propósito desse estudo na medida em que tal proposição em seu desenvolvimento possui elementos que contemplam os aspectos sócio-culturais tão importantes para estudo sobre a temática dos consumidores regulares de maconha, e que são relativamente negligenciados como importante fonte de informação. Em definição descrita por Denise Jodelet, as representações sociais

concernem ao conhecimento do sentido comum, que se põe a disposição na experiência cotidiana; são programas de percepção, construções com status de teoria ingênua, que servem de guia para a ação e instrumento de leitura da realidade; sistemas de significações que permitem interpretar o curso dos acontecimentos e das relações sociais; que expressam a relação que os indivíduos e os grupos mantem com o mundo e os outros; que são forjadas na interação e no contato com os discursos que circulam no espaço público; que estão inscritas nas linguagens e nas práticas; e que funcionam como linguagem em razão de sua função simbólica e dos marcos que proporcionam para codificar e categorizar o que compõe o universo da vida (JODELET, 2000, p. 10).

Desta maneira, as representações sociais enquanto um conceito utilizado pela Psicologia Social, onde “o indivíduo só existe dentro da rede social e toda sociedade é resultado da interação de milhares de indivíduos” (ALEXANDRE, 2004, p. 130), mostra-se um *locus* privilegiado de averiguação para a presente pesquisa.

É importante consideramos o apontamento feito por Jean-Claude Abric (1998), que postula que é crucial nessa teoria o abandono da clássica distinção entre sujeito e objeto, que autoriza, por conseguinte, a redefinição do que se convencionou chamar de “realidade objetiva”. A partir dessa consideração toda a realidade “é representada, quer dizer, reapropriada pelo indivíduo ou pelo grupo, reconstruída no seu sistema cognitivo, integrada no seu sistema de valores, dependente de sua história e do contexto social e ideológico que o cerca” (ABRIC, 1998, p. 27).

As representações sociais possuem duas características básicas:

Em primeiro lugar, elas convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhe dão uma forma definitiva, as localizam em determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. (...) Em segundo lugar, as representações são prescritivas, isto é, elas se

impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado (MOSCOVICI, 2003, p. 34 e 36).

Entendendo as representações sociais como um conhecimento corrente, prático, relacionado diretamente ao senso comum, três propriedades podem caracterizá-las. 1. As representações possuem o caráter de serem socialmente elaboradas e compartilhadas; 2. “Tem uma orientação prática de organização, de domínio do meio (material, social, ideal) e de orientação das condutas e da comunicação; 3. Participa do estabelecimento de uma visão de realidade comum a um dado conjunto social (grupo, classe, etc) ou cultural” (ALMEIDA, 2005, p. 122).

Consideramos ainda importante definir dois conceitos centrais na Teoria das Representações Sociais – Ancoragem e Objetivação.

Ancoragem é o processo pelo qual os indivíduos escolhem um quadro de referência comum que lhes permita apreender o objeto social. Geralmente, este quadro de referência corresponde a um domínio familiar. (...) Objetivação é o processo que os indivíduos vão utilizar para tentar reduzir a distância entre o conhecimento do objeto social que eles constroem e a percepção que eles têm deste objeto. Trata-se de transformar a crença ou a opinião em informação (DESCHAMP & MOLINER, 2009, p. 127)

São apontadas quatro importantes funções das representações: *função de saber*, que permite a integração de um saber novo a conhecimentos anteriores, tornando o novo acessível; *função identitária*, que permite os indivíduos se situarem no campo social através da construção de uma identidade social e pessoal positiva; *função de orientação*, já que definem o que é socialmente aceito, o que as torna prescritivas, como já sinalizado e; *função justificadora*, que permite fortalecer a diferenciação social, o que por sua vez, preserva, justifica e mantém a distancia social entre os demais grupos (ALMEIDA, 2005).

Gostaríamos de dar destaque para a função identitária de que nos fala Almeida (2005). Por sua característica de ser socialmente compartilhadas por determinado grupo, as representações permitem determinado grupo ser definido e diferenciado de outro, ocasionado os processos de comparação social, no qual “a representação do grupo é

sempre marcada por uma super avaliação de algumas de suas características ou de sua produção” (ABRIC, 1998, p. 29).

Fica patente a estreita relação, portanto, da Teoria das Representações Sociais com a Teoria da Identidade Social, que possui seu conceito capital assim definido: “A identidade social será entendida, (...) como aquela parcela do auto-conceito dum indivíduo que deriva do seu conhecimento, da sua pertença a um grupo (ou grupos) social, juntamente com o significado emocional e de valor associado àquela pertença” (TAJFEL, 1983, p. 290).

Essa relação entre representações sociais e identidade social fica mais clara quando consideramos que

uma representação pode ser para um grupo um meio de afirmar suas particularidades e diferenças. (...) A especificidade do “nós” não se exprime somente através das características que o grupo se atribui (a representação do endogrupo). Ela também pode exprimir-se na maneira pela qual este grupo representa um objeto social. Em muitos casos, esta representação se torna um meio de acentuar ao mesmo tempo as diferenças entre o endogrupo e exogrupo (DESCHAMPS & MOLINER, 2009, p.133).

Assim, as representações sociais aparecem como elementos importantes na preservação e valorização da identidade grupal. Na teoria proposta por Tajfel (1983) fica evidente que no chamado processo de *comparação social* há uma tendência comum de atribuir ao “exogrupo” uma valoração negativa e positiva ao endogrupo. É digno de nota que se um determinado grupo, a princípio reconhecido como positivo, não oferece condições adequadas para preservar a identidade social de determinada pessoa, dois mecanismos, “mobilidade social” e “mudança social”, permitem a determinado sujeito buscar um *status* mais alto, aonde a identificação com grupo inicial é perdida.

“A categorização social permite ao indivíduo orientar-se e definir o seu lugar na sociedade. Dinamizando o processo de categorização social, temos a comparação social que permite evidenciar o conflito entre o endogrupo (o “nós”) e o exogrupo (o “outro”) (SOUZA, BONONO, LIVRAMENTO, et., 2009, p. 30).

1.7 Consumidor regular, estável de maconha

Uma questão importante que surgiu ao longo da pesquisa e mesmo no desenvolvimento da coleta de dados é o sentido do que entendemos e definimos como consumidor regular ou estável de maconha.

Esse consumidor era o que nos interessava. Para nós o consumidor que apenas já experimentou ou mesmo que eventualmente consome não era o foco de nossa pesquisa. Não nos interessava também aquele consumidor que fez ou faz um consumo abusivo da substância ao ponto de em algum momento deixar de realizar os seus “compromissos sociais” tais como trabalho, estudo, vida social, etc., e por isso ter necessitado de centros de referências e ajuda de qualquer espécie. O objetivo é os consumidores que regularmente consomem e estão socialmente integrados, o que pode ser entendido como um consumo habitual e controlado da substância. Com o desenvolvimento da pesquisa, esse ajuste entre consumo e desempenho de atividades cotidianas (trabalho, estudo, lazer, convivência familiar e social) tornou-se um dos focos principais.

Assumir tal aspecto já é considerar uma perspectiva que diverge essencialmente das visões mais conservadoras do fenômeno do consumo de maconha cujo discurso é acompanhado de condenação moral. Nesse sentido um desafio colocado a essa pesquisa seria conseguir definir um “consumidor regular” de maconha sem idealizá-lo, para não nos distanciarmos da problemática concreta do estudo. Uma perspectiva interessante e que se aproxima do mundo do consumidor regular de maconha, é o clássico estudo sociológico de Howard S. Becker – *“Outsiders – estudos de sociologia do desvio”* (2008).

Becker (2008) se contrapõe às ideias convencionais e estereotipadas sobre consumir maconha, tais como a supervalorização do potencial farmacológico ou que experimentar um cigarro de maconha torna o sujeito imediatamente dependente ou potencial consumidor de drogas mais pesadas. Reflete e afirma que o grau de adesão dos sujeitos a padrões de consumo não envolve atos isolados e eventuais acusações, mas aprendizados específicos.

O consumo de maconha, usualmente explicado como decorrente de traços psicológicos, tem significados e motivação socialmente configurados, e o aprendizado de técnicas e interpretações do consumo são construídos ao longo da carreira, no caso, de consumidor de maconha (BECKER, 2008).

Fumar maconha por prazer. Chegar a tal “etapa”, envolve um processo, uma seqüência de experiências que abrange: 1. o aprendizado da técnica de fumar; 2. aprender a perceber os efeitos ou a identificação dos efeitos e atribuição desses efeitos ao uso da maconha; e 3. aprender a gostar dos efeitos ou a redefinição das sensações prazerosas (BECKER, 2008).

Essa noção é refinada ainda mais quando refletimos que o prazer ao fumar maconha é condição necessária, mas não suficiente para que uma pessoa desenvolva um padrão estável no consumo. Alguém só se torna um consumidor regular de maconha se “lutar ainda com as poderosas forças de controle social que faz o ato parecer inconveniente, moral ou ambos” (BECKER, p. 69, 2008). Nesse sentido uma questão é colocada pelo autor:

Qual é a seqüência de eventos e experiências pela qual uma pessoa se torna capaz de levar adiante o uso da maconha, apesar de elaborados controles sociais que funcionam para evitar tal comportamento? (BECKER, p. 70, 2008).

Se nos valemos do estudo de Becker (2008), essa pergunta pode ser respondida observando três elementos essenciais presentes no mundo social do consumidor de maconha: 1. a questão do fornecimento da erva, que por ser ilegal há certa restrição na distribuição para os consumidores; 2. a questão do sigilo, que restringe o consumo à medida que existe a crença de que se “não-consumidores” descobrirem o consumo, sanções poderão ser aplicadas por pessoas das quais os consumidores necessitam do respeito e aceitação; 3. a questão da moralidade, que torna-se também um meio de controle do consumo, na qual o consumidor precisa lidar com o estereótipo de “viciado em drogas”.

A partir desses parâmetros podemos definir melhor o que estamos entendendo como consumidor regular, recreacional ou estável de maconha. A maneira pela qual o

consumidor lida com os controles sociais ou como esses atuam na vida desses sujeitos pode ser decisivo para a relação que o consumidor estabelecerá com a erva. Especificamente refletindo sobre o consumidor regular, tal relação só se estabelece se o sujeito possuir, por exemplo, na questão do fornecimento, uma fonte de distribuição mais estável. Se o consumidor apenas possui acesso à maconha em encontros eventuais com outros consumidores, isso, por sua vez, não permite a construção de um consumo estável. Para isso é preciso de uma fonte certa na qual o consumidor pode ter a *cannabis* sempre que desejar (BECKER, 2008).

Em linhas gerais, tomamos essa referência de consumidor regular de maconha, na qual a carreira do consumidor se desenvolve de um estágio inicial para ocasional, e finalmente, para o de consumidor regular em função desses aprendizados necessários e dessas pressões sociais, podendo haver sucessos e fracassos em cada um destes estágios. Tal concepção parece refletir de forma coerente a concepção de Becker de *mundos sociais* enquanto mundos formados por pessoas que conjuntamente, com graus diferentes de comprometimento, produzem realidades que as definem (MOURA, 2008).

Tornou-se primordial, a partir das questões suscitadas acima, buscar as variadas táticas empreendidas por sujeitos consumidores de maconha de camadas médias urbanas para conciliar de modo adequado o consumo da erva com as demandas colocadas por seu meio social (MACRAE & SIMÕES, 2004). Buscamos dessa forma, descrever como os consumidores regulares de maconha vivenciam sua relação com a substância, o que nos encaminhou para a investigação dos significados e sentidos culturais associados a esse tipo de comportamento.

2. JUSTIFICATIVA

Este estudo mostra a sua importância na medida em que tentará contribuir para o desenvolvimento científico sobre a questão das drogas, mais especificamente do consumidor regular de maconha, e os processos atuais subjacentes a esse consumo pela ótica da psicologia. A relevância dessa pesquisa, assim, encontra-se na premissa de que estudar a relação que a sociedade mantém atualmente com a maconha e seu consumo reflete em certa medida na possibilidade de se estudar fenômenos típicos de nosso tempo

o que, por sua vez, permite uma compreensão das dinâmicas sociais e valores que regem o funcionamento da sociedade. Essa pesquisa ainda pretende oferecer contribuição à linha de pesquisa “Processos Psicossociais” do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo e à literatura científica que aborda a questão das drogas.

3. OBJETIVO GERAL

- Conhecer representações e práticas de consumo de maconha elaboradas por consumidores estáveis dessa substância.

3.1 Objetivos Específicos

- Identificar a percepção dos entrevistados sobre os próprios padrões de consumo de maconha;

- Caracterizar as redes sociais estabelecidas em função do consumo;

- Identificar as alterações e efeitos percebidos a partir do consumo;

- Investigar como lidam com os controles sociais envolvidos na prática do consumo;

4. MÉTODO

A presente dissertação mediante as suas características e “natureza” opta pela abordagem qualitativa, entendendo ser esta a mais proveitosa em relação à pretensão dessa pesquisa. A realização de uma pesquisa qualitativa pressupõe a interação direta e prolongada do pesquisador com a atmosfera e a situação que se propõe a investigar em função de que considera que fenômeno a ser pesquisado é muito influenciado pelo seu contexto onde as circunstâncias próprias do meio em que o objeto se insere são fundamentais para que se possa compreendê-lo de maneira a não fragmentá-lo. Nesse sentido, o investimento do pesquisador deve-se voltar sobremaneira para um maior número possível de informações presentes na esfera a ser estudada, não descartando o que *a priori* possa parecer trivial, já

que esse aspecto sob pré-julgamento pode ser tornar a peça fundamental para a compreensão do problema proposto (LUDKE, ANDRÉ, 1986).

O estudo qualitativo pressupõe também a tentativa de capturar a perspectiva dos participantes, ou seja, a maneira como são encaradas pelos sujeitos da pesquisa as informações centrais e relevantes ao estudo. Nesse sentido a investigação deve-se voltar para a verificação de como o fenômeno se manifesta nas atividades, procedimentos e nas interações cotidianas (LUDKE, ANDRÉ, 1986).

4.1 Local de Pesquisa:

Grande Vitória (GV), sobremaneira a cidade de Vitória, local de construção dessa pesquisa.

4.2 Instrumentos:

A entrevista semi-estruturada foi o instrumento principal para coleta de dados desta pesquisa (ANEXO A).

Tal técnica é tida como o instrumento por excelência da investigação social. A entrevista é em ultima instância uma conversa a dois destinada a colher informações relacionadas a um objeto de pesquisa, ou seja, um procedimento com propósitos bem definidos (MINAYO, 2007). Por sua natureza interativa, a entrevista permite tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários, explorando-os em profundidade (ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER, 2000, p. 168).

Partimos então da proposição de que a entrevista é essencialmente uma situação de interação humana, onde as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações estão no proscênio desse procedimento (SZYMANSKI, 2002).

O pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa um conversa despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta de fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. (...) Através desse procedimento, podemos obter dados objetivos e subjetivos.

(...) o segundo tipo de dados se relaciona aos valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados (MINAYO, p.57, 2002).

Especificamente, as entrevistas semi-estruturadas situam-se entre o extremo de uma entrevista estruturada e a entrevista não-estruturada, desenrolando-se a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações, ou seja, esse tipo de entrevista também permite ao investigador a possibilidade de agregar ou excluir questões ao roteiro durante o processo (LUDKE, ANDRÉ, 1986).

A modalidade de entrevista semi-estruturada difere apenas em grau da não estruturada, porque na verdade nenhuma interação, para finalidade de pesquisa, se coloca de forma totalmente aberta ou fechada. Mas, neste caso, a semi-estruturada obedece a um roteiro que é apropriado fisicamente e utilizado pelo pesquisador. Por ter um apoio claro na seqüência das questões, a entrevista semi-aberta facilita a abordagem e assegura, sobretudo aos investigadores menos experientes, que as suas hipóteses ou seus pressupostos serão cobertos na conversa (MINAYO, 2007, p. 267).

Estamos atentos aos apontamentos feitos por Ludke e André (1986) de que há toda uma gama de gestos expressões, entonações, sinais não verbais, hesitações, alterações de ritmo, enfim, toda uma comunicação não-verbal muito importante para a compreensão e a validação do que foi efetivamente dito em uma entrevista. Consideramos, portanto, a “entrevista como um encontro interpessoal no qual é incluída a subjetividade dos protagonistas, podendo se constituir um momento de construção de um novo conhecimento, nos limites da representatividade da fala e na busca de uma horizontalidade nas relações de poder” (SZYMANSKI, 2002, p. 14).

Por fim, gostaríamos de apoiar e tomar como referência a noção de que

A subjetividade, elemento constitutivo da alteridade presente Na relação entre sujeitos, não pode ser expulsa, nem evitada, mas deve ser admitida e explicada e, assim, controlada pelos recursos teóricos e metodológicos do pesquisador, vale dizer, da experiência que ele, lentamente, vai adquirindo no trabalho de campo. Desse modo, o encontro que ocorre na situação de entrevista é marcado por emoções e sentimentos que emergem no decorrer dessa relação e suscitam reações afetivas no investigador que deve registrar, na exposição de seus dados, a irrupção das emoções do outro e também das suas. É o momento em que os *imponderáveis* da cultura anunciam sua existência, dando *carne e sangue* ao relato (ROMANELLI, 1998, p. 128).

4.3 Participantes

Caracterizamos como participantes dessa pesquisa dez homens residentes da Grande Vitória (GV). Foram entrevistados dez homens com faixa etária superior a dezoito anos de camadas médias urbanas e que concluíram ou estão concluindo a graduação no ensino superior.

As entrevistas realizadas com os dez sujeitos que participaram dessa pesquisa atenderam o critério de saturação, ou seja, o conjunto de informações coletadas foi totalmente investigado, a saber, os dados não sinalizarem novas categorias ou representações (BAUER & GASKELL, 2002).

4.3.1 Contato com os primeiros consumidores

Os primeiros participantes dessa pesquisa foram localizados e identificados a partir de alguns contatos com o grupo social do pesquisador. O fenômeno não é raro no meio universitário, intelectual e artístico e com frequência nos deparamos com tal fenômeno nas relações mais cotidianas (MACRAE & SIMÕES, 2004). A partir do próximo contato do pesquisador com tais setores e áreas, alguns sujeitos foram convidados a participar da pesquisa, sendo o contato feito pessoalmente, por telefone ou mesmo por e-mail.

Consideramos importante destacar que os consumidores foram escolhidos dentro de uma gama de sujeitos formalmente integrados a sociedade, isto é, pessoas com formação profissional específica, ou em formação, alguns regularmente empregados, todos pertencentes às classes médias urbanas. Deixamos esclarecido que conjuntamente ao consumo regular de *cannabis* os sujeitos estão incluídos em atividades profissionais variadas e relativamente bem sucedidas, a se julgar pelos títulos acadêmicos conquistados, concursos passados e cargos devidamente desempenhados.

No contato com os sujeitos eram explicadas informações essenciais e básicas sobre a própria pesquisa e sobre o procedimento de coleta de dados. O pesquisador se apresentava como mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) interessado em informações sobre o

consumo de maconha do sujeito e as relações que eram mantidas em função desse consumo. Pela natureza dessa pesquisa envolver a identidade dos participantes, já nesse primeiro contato, eram explicitadas a garantia de anonimato, sigilo total da identidade e das informações que seriam colhidas, sendo estas usadas apenas com fins de pesquisa acadêmica.

O sujeito aceitando o convite de participação era agenda a hora e o local de preferência dos entrevistados. Os locais em sua grande maioria eram as próprias residências dos participantes, sendo que alguns escolheram casas de amigos, praças públicas, ou mesmo alguma sala disponível dentro da UFES. A opção de deixar os participantes escolherem o local ganha extrema importância nessa pesquisa já que a localidade escolhida deveria ser insuspeita para o entrevistado. Não deveria fornecer margem de possibilidade de a identidade, e principalmente a identidade de consumidor de maconha, ser revelada. Em locais aonde houvesse essa suspeita algumas informações poderiam ser suprimidas ou mesmo não contadas em função desse risco possível.

Ao contrário do que normalmente acontece em estudos com essa temática, a maioria dos participantes contatados aceitou muito prontamente a participar, sendo que apenas três mostraram-se “desconfiados” e solicitaram maiores informações da pesquisa. A partir de observações feitas ao longo da entrevista, os participantes, até mesmo os receosos, deixaram claro que julgavam necessário falar, discutir e debater mais sobre esse tema, o que possivelmente explica a prontidão e a participação.

4.4 Coleta de dados

As entrevistas foram realizadas individualmente e duraram em média quarenta minutos. Antes das entrevistas a pesquisa foi contextualizada para os sujeitos participantes através de uma breve explicação. Foi salientado aos sujeitos a importância da opinião deles sobre os temas que seriam abordados e explicitado também que não nos era prioritário uma possível resposta certa ou errada, mas o que pensam sobre determinado assunto ou tema.

O termo de consentimento foi apresentado e pediu-se que os participantes o lessem e assinassem em duas vias (ANEXO B). Nesse termo são destacadas questões importantes da pesquisa tal como identificação da pesquisa, justificativa, objetivo, benefícios, etc. A partir do consentimento dos participantes, as entrevistas foram registradas com *players* digitais de mp3 e mp4 e transcritas na íntegra.

Após ser coletado os dados dos primeiros participantes, solicitou-se a esses indicações de outros sujeitos que poderiam participar da pesquisa tal como pressupõe a técnica de coleta de dados “snowball”, muito utilizada em pesquisas sobre “drogas” por sua condição específica (FERNANDES & CARVALHO, 2008)

Foram realizadas um total de 15 entrevistas com indivíduos que há tempo considerável (contado em anos) vinham consumindo regularmente maconha. Não foi uma preocupação estabelecer precisamente a frequência mínima de consumo, mas demarcamos apenas o tempo de consumo e a manifestada vontade em ter a maconha disponível para fumar. De qualquer maneira 60% do grupo tendem ao consumo diário, sendo que o restante faz um consumo mais esporádico, mas semanal, numa variação de duas a quatro vezes por semana.

Cinco entrevistas foram descartadas pois a droga consumida preferencial pelos entrevistados não era maconha conforme o relato dos próprios, não contemplando o critério de consumidores que predominante consumiam maconha. Por fim, é importante esclarecer que o nomes fictícios para identificar os sujeitos dessa pesquisa foram sugerido pelos próprios entrevistados a partir da solicitação feita pelo pesquisador.

4.5 Procedimentos de análise e interpretação dos dados

Utilizamos para a análise e interpretação dos dados a “Análise de Conteúdo”. A técnica tem origem nos Estados Unidos no início do século passado e atualmente diferencia-se da proposição inicial. As duas principais funções da aplicação são à verificação de hipóteses e/ou técnicas e a descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos sendo que tais empregos podem se complementar (MINAYO, 2002).

Definimos análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN, 2002, p. 42).

“Do ponto de vista operacional, a análise de conteúdo parte de uma leitura primeira do plano das falas, depoimentos e documentos, para atingir um nível mais profundo, ultrapassando os sentidos manifestos do material” (MINAYO, 2007, p. 308). A técnica de análise de conteúdo abrange três fases principais: Estabelecer a unidade de análise, determinar as categorias de análises e selecionar uma amostra do material de análise (ANDER-EGG, 1978, *apud*, MARCONI & LAKATOS, 2007).

O processo de construção das categorias é iniciado por meio da leitura flutuante do material a ser analisado a fim de se obter uma visão geral do conteúdo. Em seguida, são realizadas leituras mais apuradas com a finalidade de identificar os temas presentes no conjunto textual.

Para Chizzotti (2005), a Análise de Conteúdo:

Procura reduzir o volume amplo de informações contidas em uma comunicação a algumas características particulares ou categorias conceituais que permitam passar dos elementos descritivos à interpretação ou investigar a compreensão dos atores sociais no contexto cultural em que produzem a informação (CHIZZOTTI, 2005, p. 99).

Além disso, nos utilizamos do método qualitativo e fenomenológico – o método de pesquisa de base fenomenológica. Atualmente esse método está correlacionado com várias pesquisas em psicologia. A grande vantagem desse método trata-se da possibilidade de buscar a experiência de determinado fenômeno “tal qual foi ou é vivenciada, respondendo ao questionamento sobre o que significa ter vivido esta ou aquela experiência” (TRINDADE, MENANDRO & GIANÓRDOLI-NASCIMENTO, 2007, p. 74).

Os dados das entrevistas foram organizados seguindo as fases descritas por Trindade (1991):

Fase 1: Consiste na transcrição integral e leituras das entrevistas a fim de identificar as unidades de significado, que são “os aspectos das falas dos participantes que consideramos importantes para o nosso objetivo” (p. 36).

Fase 2: Consiste na reorganização da entrevista, distribuindo as falas literais dos entrevistados nas unidades de significado correspondentes.

Fase 3: As falas presentes nas unidades de significado são convertidas em linguagem padronizada, com uso da terceira pessoa do singular.

Fase 4: Consiste na transformação das unidades de significado em estruturas ou narrativas, “articulando os constituintes de significado específico encontrados nas respostas” (p.37).

Essencialmente buscamos evidenciar, fundamentados no método acima, quatro grandes categorias. Cada uma formada por unidades de significado, organizadas em 10 narrativas, correspondentes a cada sujeito entrevistado. A primeira categoria foi nomeada de “A” e envolve as unidades de “circunstâncias no início e a progressão no consumo de maconha”. A segunda, “B”, foi composta pela unidade de “aquisição e fornecimento da erva”, “classificação do consumo e quantidade relativa (em baseados)”; “padrão de consumo”; “alterações e efeitos percebidos” e “atividades desempenhadas”. A categoria “C” foi construída a partir dos “controles sociais” e das “redes de sociabilidade” relatadas pelos entrevistados. E por fim, a categoria “D”, que envolve unicamente as “informações” adquiridas e relacionadas a maconha. As narrativas construídas de todos os sujeito procuraram respeitar essa seqüência: A, B, C e D.

Após uma *análise* individual dessas unidades em cada sujeito, procuramos na *discussão* consensualizar essas experiências, observar quais são as práticas e valores que coletivamente podem ser entendidas como típicas do grupo pesquisado. Nesse sentido, a discussão procurou evidenciar as mesmas unidades de análise sob uma perspectiva coletiva do grupo, evidenciando o dialogo com outros estudos sobre maconha.

4.6 Aspectos éticos

Os dados colhidos possuem a garantia de anonimato e sigilo das informações, com utilização do conhecimento obtido meramente em eventos e publicações científicas. Cada participante assinou um Termo de Consentimento (ANEXO B), autorizando a sua participação na pesquisa.

Esta pesquisa esta de acordo com as normas éticas de pesquisa com seres humanos submetendo-se a Comissão de Ética em Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo que atua de acordo com as diretrizes estipuladas pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde e que está subordinada a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa que estabelece um conjunto normativo de resoluções no intuito de proteger a integridade e o bem-estar das pessoas pesquisadas e contribuir para a qualidade das pesquisas que queiram ser cientificamente fidedignas, metodologicamente corretas, moralmente aceitáveis e socialmente relevantes (SCHRAMM, 2004).

5. RESULTADOS

5.1 Bastiaozinho da Laerte – “A porta de entrada das “drogas” é a curiosidade, não é a maconha, coitadinha”

Bastiaozinho da Laerte, Video Maker de 25 anos, mantém uma “união estável” com sua parceira. Consome álcool, tabaco e maconha. O humor parece ser uma das características principais do nosso sujeito e descontraidamente brinca com a condição de consumidor. Aborda o tema com uma leveza inusual, trazendo uma perspectiva aonde assuntos normalmente comentados com cautela, são facilmente acessados e refletidos.

Bastiaozinho começou a fumar maconha aos dezesseis anos e isso nos informa que há nove consome. Em sua primeira experiência ficou vislumbrado com a erva, com a experiência de consumir a erva, mas o vislumbre não o tornou um consumidor instantâneo. Com intervalos de dois a três meses entre as “baforadas” iniciais, aos poucos foi fumando até estabelecer regularidade. Na época Bastiaozinho perdeu a fé nas instituições e na religião. Começou a olhar para elas e seus princípios com desconfiança.

Perdendo essas referências, buscou outras. A curiosidade por experiências novas ganhou o centro na vida do nosso sujeito e consumir maconha não tardou para ser vivenciado. *“Eu comecei a fumar muito por curiosidade, eu queria saber como que aquele negócio funcionava. Era uma época em que as barreiras vão caindo, a religião caiu, a fé nas instituições caíram, então eu passei a não levar a sério o que aquelas instituições me diziam, principalmente em relação ao medo, em relação a droga. Eu me lembro que eu fumei maconha não foi de orelhada, eu procurei saber o que eu estava fumando e tal, me informei antes. (...) A porta de entrada das “drogas” é a curiosidade, não é a maconha, coitadinha”.*

Bastiazinho da Laerte faz um consumo médio de maconha, segundo o próprio. Fuma um baseado todos os dias ou cinquenta gramas a cada dois meses. Numa aritmética rápida Bastiazinho compara: *“Eu gasto uns cinquenta reais por mês. Se eu fosse tomar uma cerveja por dia, a cerveja custando dois e cinquenta, eu gastaria setenta e cinco reais. Se eu tomasse uma cerveja por dia, então eu acho um vício barato”.*

O dinheiro gasto não faz falta no orçamento. Bastiazinho é enfático, ironiza, põe as coisas no seu lugar dizendo que não deixa de comer, de pagar suas contas, e de fazer outras coisas - esse não é o consumidor regular de maconha. O dinheiro só é ressentido pois ele sabe que maconha é ilegal, a situação de compra o incomoda. Não concorda com as campanhas anti-“drogas” que relacionam o consumo de “drogas” ao financiamento da violência. Para ele isso marginaliza o consumidor, o criminaliza.

Numa linha de raciocínio comum às arguições de Bastiazinho, as comparações com consumidores abusivos ou com os outros consumos que julga mais prejudiciais vão delineando o padrão e o lugar de consumo em que o nosso sujeito se percebe. Ele não acorda e fuma, não está no meio do trabalho, pára o que está fazendo, e fuma. Se estiver em lugar que não pode fumar, passa o dia relativamente tranquilo. Muito mais preocupante para Bastiazinho é o tabaco: *“(…) O tabaco me preocupa, é um vício que eu quero largar, mas a televisão não fala isso para mim. (...) Fumei um cigarro agora, daqui a vinte, trinta minutos eu vou estar com vontade de fumar novamente, com a maconha não é assim não. É um negócio que tá ligado a um ritual, a um momento de lazer, um momento bom”.* Bastiazinho possui o hábito de fumar maconha, pois tem

certo controle desse consumo, mas Bastiaozinho é viciado em tabaco, pois não controla a necessidade de fumar cigarro.

Bastião sente prazer ao fumar maconha. E tal prazer é preservado do abuso. Para nosso sujeito o excesso desse prazer pode acabar por cessá-lo. Nosso sujeito relata que há horas que não são para fumar maconha. Fumá-la em excesso acaba destruindo o prazer que o consumo esporádico proporciona. Existe um mau consumo da erva. *“Você tem que saber usar, você tem que respeitar a substância. Você tem que tratar o efeito da maconha e das “drogas” com respeito. Você não pode abusar também não. Seu cérebro não foi feito para operar o tempo todo com aquela substância na cabeça. Ele tem que respirar, tem que deixar a serotonina voltar, não pode dá esse mole”*.

Uma ideia comum associada ao consumo de maconha é relativizada por nosso sujeito. Quando fuma maconha não “viaja” tanto assim, não vai para um universo paralelo, não tem alucinações. Para Bastião, fumar maconha é conhecer a psicodelia desse mundo real. *“Para mim maconha não tem o efeito do estranhamento, de ser um outro mundo. (...) Para mim não. É esse mundinho que está sempre perto. Então quando eu fumo, eu to relaxado, me sinto, percebo alteração na percepção visual, mas nada muito LSD. (...) As coisas com a maconha, elas não acontecem fora do corpo. Você não fica vendo coisas. As coisas acontecem dentro da sua cabeça”*.

As alterações ocasionadas pela maconha para Bastião deixam as coisas em “*slow motion*”, a comida fica com um gosto bom, a música é boa de ser escutar, as cores acentuam-se, dá uma alegria, Bastiaozinho fica bobo e seguidamente tem sono. Quando está sob o efeito da erva, com as pessoas que não conhece, fica menos sociável, mas não por paranóia, mas em razão de que *“rola uma onda mais introspectiva. Acho que a maconha é uma droga mais introspectiva, pelo menos para mim funciona assim”*.

Apesar da boa relação com a maconha, Bastiaozinho pensa que maconha não serve para todos e por isso não generaliza o consumo como uma coisa boa para todas as pessoas. Diz que algumas pessoas não gostam mesmo, passam bem sem a droga, algumas não conseguem se desfazer do medo imputado por campanhas anti-“drogas” e conseguem

buscar prazer de outra maneira, mas isso não serviria para ele. Não é assim que ele funciona.

Bastião diz que por a maconha ser ilegal é preciso levar em consideração os não fumantes, vizinhos que não fumam. É preciso ter cautela ao consumir. Nessa tentativa de cautela, Bastiaozinho fuma no banheiro. Lugar que não gosta de fumar, que acha recluso, mas que com o tempo conseguiu superar tal sensação de “encarceramento”.

Contudo, antes encarcerado em casa, do que ser encarcerado por fumar na rua. Para nosso sujeito é um paradoxo a forma como nossa sociedade trata a questão do consumidor. As sanções aplicadas aos consumidores de maconha são muito piores do que os possíveis danos ocasionados pela erva em si, segundo Bastiaozinho. *“Cadeia meu amigo, não é um lugar bom, se fosse bom ‘neguim’ levaria o filho para curtir a cadeia, não o parque. (...) Olha a humilhação que o cara passa. Chega lá ele fica na cela com outros presos, alguns que cometeram delitos muito mais graves do que os dele. Depois se o cara sair, se o cara for liberado pelo delegado, se não sofreu violência física, sofreu psicológica de ficar preso lá. (...) A pena alternativa é varrer a rua do bairro que ele mora, ou do bairro próximo, ou de fazer algum trabalho para a ‘sociedade’ e tem que freqüentar um mês de NA. E esse negócio de pena alternativa, tá bom, o cara não foi preso, mas é humilhação”*.

Bastião convive com muitas pessoas que consomem “drogas” em geral. Conhece pessoas que consomem maconha, cocaína, crack, mas isso não o tornou um consumidor assíduo de cocaína ou crack. Bastião diz que para conseguir a droga é preciso estar aonde as “drogas” circulam, mas que de qualquer forma é impossível as pessoas viverem num mundo isolado das “drogas”. Considera, por fim, que estar no meio, não o torna do meio.

Mesmo se assim não considerasse, seria difícil dizer quem é ou não é do meio, do grupo de quem consome “drogas”. Se existir um exagero no consumo, relata Bastião, é possível saber que a pessoa está “chapada”, principalmente para quem conhece os efeitos. Mas fora isso, segundo nosso sujeito, não há mudanças marcantes na índole, na personalidade, na forma de agir que poderiam “denunciar” ou sinalizar o consumidor. Tem o dedo amarelo, tem a “larica”, mas é possível ser discreto em relação a isso.

De forma geral, as relações que as pessoas estabelecem com a maconha variam de pessoa para pessoa. *“Acho que cada grupo relaciona-se de maneira diferente com a cannabis. As pessoas que eu conheço que fumam maconha são pessoas instruídas, mas já fumei com pessoas que não são instruídas. Não são apenas os intelectuais que fumam maconha, não. Tem intelectual que fuma, tem imbecil que fuma, tem rico que fuma, tem pobre... Eu acho complicado você definir o maconheiro”*. Mas se Bastiãozinho pudesse estabelecer características que de forma geral podemos encontrar nos consumidores de maconha, diria que os “maconheiros” são contraventores, infringem um regulamento para obter a maconha, desafia a lei por um prazer. Não seria um bandido, um marginal, mas alguém com vontade de fazer isso. Além disso, o “maconheiro” é um “bon vivant”, alguém que gosta da vida e que não se importa com que as pessoas vão pensar, a não ser a polícia.

Os pais de Bastião sabem que ele consome maconha e não aceitam muito bem, mas de certa forma toleram. *“Quando você fala para uma mãe ou para um pai que você usa “drogas”, que você usa um determinado tipo de droga, ou “drogas”, normalmente a reação é de desespero. Puta que pariu, perdi meu filho para as “drogas”, a casa caiu. Esse moleque... O cara não é mais a mesma pessoa. Meu deus o quê que eu fiz? Aonde eu errei?”* Bastiãozinho tenta não fumar na frente deles, sabe que isso causa dor para eles, sabe que é um problema para seus pais. Fica uma situação de “dito pelo não dito”. Enquanto seus pais pensam que fumar maconha faz mal, Bastião acha que faz bem. *“Eles acham que é o fim do mundo, eu acho que não, então a gente não toca no assunto.”*

Nosso sujeito gosta de fumar mais nos momentos de prazer, de ligar o consumo a experiências visuais, como filmes. Bastião gosta de associar maconha e sexo. Gosta também da combinação entre maconha e música, shows, arte de forma geral. Gosta de ler, mas preferencialmente quadrinhos. Uma leitura mais prolixa não é possível, pois quando Bastião chega na parte de baixo do parágrafo, já esqueceu o que está na parte de cima. Então prefere ler coisas mais leves.

Mas nem para tudo precisa de maconha. *“Tem coisa que você faz que é divertido e você não precisa de substância nenhuma. Jogar futebol, é divertido sem fumar maconha, sem fumar nada. Outra coisa, sair com os amigos, com as pessoas que você gosta. Música, a música, você gosta sem ou com maconha”*.

Bastião além de dizer que nem para tudo precisa de maconha, diz que algumas coisas não devem ser feitas sob o efeito da erva. Bastião não considera a maconha uma droga do trabalho. Em nada ajuda a organizar as coisas, principalmente no trabalho, mas aceita que numa parte mais “contemplativa”, menos mecânica, numa parte mais de ideias, de criatividade em que não há tempo e necessidade de sistematização das coisas, a maconha pode ser bem-vinda. *“Tem hora que você fica preso naquele texto, as ideias que você tinha, você já usou, o texto já está formado. As vezes quando eu fumo e releio aquele texto eu tenho outras ideia, mas isso é relativo também. Às vezes o fumo não ajuda nada”*. De forma geral, nosso sujeito não acredita na possibilidade de trabalhar sempre através dos efeitos de certas “drogas”, nem nos casos de músicos ou de grandes artistas, mas pensa que a percepção muda quando há o consumo e que às vezes essa troca de ângulo pode ajudar em certas circunstâncias no trabalho. Mas isso é de pessoa para pessoa.

Bastião considera-se um curioso sobre a maconha. Busca informações detalhadas e mais fidedignas em diversas fontes. Em livros, pessoas que pesquisaram, mas não só pesquisadores, mas artistas envolvidos com a temática, revistas, entre outros. Bastião considera que as informações que chegaram até ele através da televisão, escola, família, mostraram-se todas equivocadas. E vê nisso um grande problema. *“A molecada cresce escutando que droga faz mal. Primeiro que droga aparece no singular, como se só existisse uma, “drogas”, existem várias. Aí o camarada vai aí numa dessa acaba experimentando maconha, ou qualquer outra droga, e não é aquele fim do mundo. O cara não acorda burro no outro dia, não tem grande seqüela, não tem grandes efeitos, ele pode acabar achando que todas as outras “drogas” são a mesma coisa, e não é”*.

Bastião considera que as “drogas” oferecem certo risco e por isso não podem ser refletidas através de inverdades extremas tais como tratar as “drogas” como uma entidade do mal, que vai destruir a vida das pessoas, que leva para criminalidade. Isso só

gera descrédito para essas informações e os informantes. Considera a influência da religião nessa questão equivocada e às vezes tal intervenção pode causar mais dor e sofrimento, pois há sempre uma marginalização nesse caso. Pensa também que é um equívoco tratar pessoas dependentes em clínicas dirigidas por padres e pastores. *“O cara ao em invés de tratar o cara, substitui uma droga por outra, substitui o crack pela religião. O cara fica dependente da religião, não consegue pensar por ele mesmo... O cara não sai de casa sem a religião o tempo inteiro, se não ela não funciona, ele volta para o crack ou para outra droga que ele é viciado ou era”*. E apesar de ainda existir equívocos nas informações vinculadas por profissionais de saúde, Bastião considera tal área mais aberta, aonde se pode dizer que se fuma maconha e o profissional não irá chamar a polícia ou te expulsar do seu consultório.

Entre seus amigos há troca de informações sobre fumar maconha, mas para Bastião não é verdade que se você fuma maconha, está sempre falando de fumar maconha. Eventualmente acontece de trocar informações, “receitas”, já que maconha não só se fuma, mas também cozinha-se.

Nosso sujeito não percebe implicações mais graves na sua saúde, mas sabe que maconha reduz a imunidade e por isso quando está passando mal procura não fumar. Mas de forma geral, *“não é uma coisa que me preocupa. Pode me fazer mal, pode. Mas a gordura que eu como, a batata frita, a gordura transgênica, o ar que eu respiro na cidade podre, um monte coisa que ta aí faz mal. Não vou ficar aí, meu deus, eu vou morrer. Eu não sou essa geração saúde a ponto de ficar me preocupando o tempo todo com minha saúde”*.

5.2 Benjamim – “Eu procuro fumar sempre quando eu sei que no outro dia eu vou ficar tranqüilo, por exemplo, no final de semana. Ou no outro dia eu tenho uma aula, mas eu sei que não é uma aula importante”.

Benjamim, designer gráfico de 24 anos, solteiro. Consome maconha e some esta substância. Benjamim mostra-se disponível, interessado no assunto e escolhe o lugar mais apropriado em seu apartamento para iniciarmos. Sem delongas começa a responder as perguntas com a maior clareza que consegue expressar.

Há cinco anos consumindo maconha, antes de começar a fumar já convivia com fumantes e mostrava-se aberta as pessoas que consumia, não via naquilo um problema, não tinha preconceitos. Certa vez, em uma situação onde várias pessoas estavam fumando, pergunta-se em razão de que não ? E resolve experimentar. Pensa que o meio em que estava inserido exerceu forte influência na sua decisão.

Benjamim faz um consumo médio de maconha, fumando cerca de dois baseados por semana. Fuma muito coletivamente e por isso não é sempre que compra. No início, relata, não gastava nada. Mas a ultima vez que precisou comprar, comprou cinquenta gramas que durou meses. Sempre que compra, quando não fuma sozinho, compartilha a erva. Não considera que gasta muito com isso, não verdade seu gasto é baixo.

Benjamim entende que o padrão de consumo das pessoas, o que possivelmente reflete também o seu, é muito determinado pela maneira que o sujeito construiu uma relação com a maconha ou mesmo por cargos trabalhistas que as pessoas ocupam. Para ele a maconha não causa dependência química, apenas psicológica. *“A pessoa gosta tanto de ficar naquele estado de alegria, você se sente meio eufórico, você tem sensações boas, ela gosta tanto daquilo, que ela quer aquilo mais vezes, cada vez mais, que ela acaba se viciando dessa forma. Mas não quimicamente. É mais um estado que você quer ficar daquele jeito, não que seu corpo necessite daquilo”*.

Para Benjamim alguém só consumirá maconha se conseguir, mesmo sob efeito da erva, ter certo controle de si mesmo. Para ele as pessoas não que não fumam ou não conseguem se livrar dos controles sociais ou não gosta de estar sob efeito de psicotrópicos. *“Eu conheço uma pessoa que já fumou, fuma às vezes, bem raramente, mas o que ela fala, ela fala que ela não gosta de se sentir com pouca autonomia sobre ela. Quando ela fuma, ela fica muito... Igual quando você bebe mesmo, você perde a linha, você perde... Você faria coisas que você não faria se você estivesse são”*.

Benjamim pensa que certas responsabilidades que ocupamos na sociedade também são determinantes para estabelecermos uma relação com a maconha ou não. Benjamim não gosta de fumar se no outro dia tem alguma tarefa importante, que vai exigir da sua

concentração, como uma prova. *“Eu acho que não é legal fumar em função de que de repente pode influenciar, eu posso ficar um pouco mais propício a viajar um pouco mais nas questões, ficar um pouco lento. Eu procuro fumar sempre quando eu sei que no outro dia eu vou ficar tranqüilo, por exemplo, no final de semana. Ou no outro dia eu tenho uma aula, mas eu sei que não é uma aula importante”*.

As pessoas que fumam, para Benjamim fumam pois procuram prazer. Associado ao prazer nosso sujeito diz que quando fuma percebe melhor as coisas. Quando fuma consegue ouvir um determinado instrumento numa música que fica lá no fundo e que nunca tinha ouvido antes. A concentração fica focada e algo que é colorido torna-se mais colorido ainda. Os sabores dos alimentos realçam-se e sempre tem famosa “larica”.

Para Benjamim a maconha pode tornar a sua diversão mais interessante, quando vê filme, por exemplo. Mas já houve vezes que a maconha não foi bem associada ao seu lazer: *“Fui para um churrasco só de gente próxima. Aí todo mundo bebendo, e se você bebe e fuma, vai potencializar o efeito. Não sei como é o efeito, mas acredito que é como você beber um destilado e um fermentado, você vai se sentir mal. É como se você misturasse duas ondas diferentes. Então eu estava bebendo e fui lá dei umas quatro bolinhas. Depois me senti mal, não deveria ter feito isso. (...) Podia ter ficado curtindo numa boa com o pessoal”*.

Benjamim gosta de fumar sozinho, diz ser esta a situação mais propícia para consumir. Se fumar com outra pessoa, tem que ser alguém de bastante confiança. Fumar e sair para rua, não dá. Várias são as preocupações que podem surgir em função do olhar do outro e Benjamim também se preocupa com o estereótipo de “maconheiro”: *“(...) eu não gosto de fumar e sair na rua sabendo que alguém ta me olhando. De repente passar e sentir o cheiro, de repente to andando, viajando em alguma coisa e de repente encontro um conhecido... Tenho um pouco de medo disso e de não causar muita suspeita, e de ficar taxando, ah olha lá o maconheiro. Prefiro ficar em casa, ficar gastando na minha, sozinho. Benjamim diz que o atual lugar em que estuda quase ninguém fuma, então ele procura se preservar, não comenta sobre maconha, reserva-se, não quer ser taxado.*

Apesar do atual lugar de estudo possuir poucos consumidores, Benjamim diz que convive com pessoas em diversos graus de intimidade que consomem maconha. Os pais de Benjamim sabe que ele fuma, e diz se que seu consumo é influenciado por isso, já que não quer deixar seus pais tristes.

Benjamim era “maconheiro” antes de sê-lo. Outrora Benjamim possuía um cabelo grande, e para ele as pessoas o julgam o maior “maconheiro” do mundo em função disso. Na verdade, Benjamim diz que o estilo da pessoa denuncia muito se ela consome ou não consome maconha. *“Surfista são uma galera que ta muito propicia, estão sempre viajando para praias, quando você fuma seus sentidos ficam potencializados, toda aquele contato que o surfista tem no mar, enfim, o visual, então ele fuma ainda mais admirado com aquilo tudo então é muito comum você encontrar. É bem raro um surfista que não fuma”*. Apesar disso, diz que essencialmente não há diferenças marcantes entre as pessoas que fumam e não fumam.

Benjamim, sob efeito da erva, gosta de ver filmes, comer, “gastar” no computador e não gosta de se “relacionar com as pessoas que não estejam na mesma onda que eu”. Não fuma para trabalhar, mas acredita que seja possível para certas pessoas. Disse que já até tentou no trabalho “dar uma bola”, mas não acha que seja bom. *“É de pessoa para pessoa... Tem gente que fuma e fica lá retardada , não consegue fazer mais nada, e tem gente que fuma e fica centrado numa coisa e produz de uma forma que ela não produziria se não tivesse fumado. Tem gente que fuma e produz mais e tem gente que fuma e não produz. É de sujeito para sujeito...”*.

Pela convivência com outras pessoas que fumam Benjamim aprendeu bastante coisa. Mas pensa que a carga negativa que as informações carregam sobrepuja as boas informações que circulam. *“Na verdade tem uma carga muito grande negativa que gente recebe dos pais, da televisão que é uma coisa ruim, mas se você começa a conviver com essas pessoas que consomem, e você vê que as pessoas conseguem levar a sua vida normalmente, então você já pensa, será? Então a pessoa de repente fala, vou experimentar. Não tenho tanto a perder”*.

Muito do que aprendeu foi na sua vivência da faculdade. Segundo Benjamim em seu curso de graduação é muito comum o consumo. Benjamim sempre procuram se informar bastante e realizou um seminário na sua graduação abordando o tema, época em que não fumava.

As informações acumuladas pelo seu interesse em conhecer sobre consumir maconha ajudou a Benjamim a construir a opinião de que fumar maconha pode prejudicar na sua saúde. Cigarros de maconha não possuem filtros como cigarros de tabaco. O sistema respiratório de forma geral é prejudica. Benjamim ainda cita a popular ideia de que fumar erva mata neurônios.

Para Benjamim a religião, de forma geral, vê o consumidores de maconha como alguém sem norte, com perda de valores sem família. Já a área jurídica ainda liga o consumidor ao crime enquanto a área da saúde não apóia o consumo, mas com uma carga menos negativa. De forma geral área médica para Benjamim não gosta não por uma questão moral, mas por estar prejudicando a saúde própria.

5.3 CASTANEDA – “A impressão que eu tenho é como se um olhar que ta meio massificado, cansado de uma parada cotidiana, do dia-a-dia, se renovasse e eu explorasse a beleza que existe sobre as coisas”.

Castaneda, 25 anos, psicólogo desempregado, atualmente namora. Fuma maconha há mais de dez anos e experimentou pela primeira vez aos quatorze anos. Castaneda é um homem que se “sente em casa” na rua. Extremamente sociável, conversa e cumprimenta diversos de seus amigos, irmãos de rua, antes de nos dirigirmos para o local da entrevista. De pessoas mais velhas a crianças, todos, se não se dirigem a Castaneda, ao menos o cumprimenta. Atende por um apelido que sugere a relação com a rua. Conhece cada canto de seu bairro e as relações que ali se estabelecem. Todos do entorno que me vêm com Castaneda sabem que não sou dali.

Nosso sujeito no momento inicial da entrevista mostra-se um pouco incomodado com a situação. Não em razão de que queria iria falar de algo associado a “ilegalidade” ou mesmo por alguma suspeita, mas mais em função de achar difícil dar lógica a algo que

vivência de modo pouco racional. Para Castaneda, colocar em palavras a experiência de fumar a erva é limitá-la. É fazer um recorte aonde o que é mais interesse em fumar maconha é perdido. Mas mostra-se disposto. Procura responder as perguntas menos em função dos efeitos ocasionados pelo fumo e ressalta mais as ideias “filosóficas” que ao fumar maconha pode se ter. Após a ressalva, sugere que, embora difícil, acha a pesquisa que me proponho uma boa pesquisa, e entre risos, sugere que ela ficaria mais interessante se eu tivesse conseguido autorização para experimentar a erva e falar sobre essa experiência, em um estilo Aldous Huxley.

Castaneda comenta que começou a fumar muito em função da curiosidade que experimentar maconha sugere. Tal curiosidade foi associada na época a certo esgotamento da rotina e de certo modo de vida que sua cidade sugeria. Diz que seu grupo pouco o influenciou a consumir. O que contou para Castaneda foi a possibilidade do novo, de buscar *“novas perspectivas de enxergar a vida”*. Hoje nosso sujeito diz que as lógicas que o levam a fumar não são as mesmas pelas quais começou. Lembra que naquele momento experienciava uma perda de um “universo meio lúdico” em função da entrada na “maioridade”.

Atualmente faz um consumo médio como o próprio classifica tendo uma regularidade de dois baseados semanais. Castaneda sempre pega “intera”, ou seja, compra uma fração de certa quantidade que foi adquirida para ser dividida entre amigos e conhecidos. Para nosso sujeito, essa partilha varia muito. Às vezes compra apenas uma “dolinha” e gasta cerca de cinco reais. Às vezes adquire uma “intera” e gasta em torno de vinte a trinta reais mensais. O preço para Castaneda é acessível e considera barato em razão do efeito proporcionado pela erva. *“Eu acho que a maconha é droga mais barata que existe... O efeito é prolongado e completamente diferente de um crack que é vendido para desgraçar com a sociedade mesmo. Na verdade coloca aí trinta reais por alto...”*.

O consumo que faz pouco o preocupa. Traz mais benefícios do que prejuízos. Prejudicaria mais do que beneficiaria se Castaneda não criasse vínculos com outras coisas que não estivessem associados ao consumo, ou seja, se ele não conseguisse ir a qualquer lugar sem usar a erva, o que não acontece. Castaneda gosta de consumir maconha para celebrar as coisas da vida, segundo ele passaria bem sem a maconha.

“É muito mais difícil eu viver sem o álcool do que sem a maconha. A maconha eu uso para celebrar as coisas... Não como uma parada dependente. Eu acho que quando eu fumo, eu quero estar em um lugar que me traga aconchego, tenho que estar com os amigos. Eu não gosto dessa coisa de chegar em qualquer lugar e estar fumado. Eu procuro me conservar, procuro um pouco de lugares que tragam vibrações boas, amigos (...).”

Para Castaneda muitos que consomem maconha atribuem a erva mais do que ela pode oferecer. Pensa que é “emboscada” usar a maconha para superar algum problema momentâneo. Nosso sujeito diz que se alguém está mal e faz uso de qualquer coisa, ele continuará mal. *“A ilusão que se cria em cima disso é usar achando que aquilo ali vai melhorar, resolver. No meu caso, eu nunca uso quando eu to mal, quando eu to com algum problema pessoal... Eu uso justamente para fazer o contrário do movimento de individualização... É expansão com relação com a vida”*.

Castaneda relata menos efeitos e alterações sensitivas, perceptivas. Para ele, quando fuma maconha é como se um universo novo se apresentasse para ele. O olhar cansado da rotina, um olhar massificado pelo caos diário, pode ser renovado ao consumir a erva e a beleza que existe na vida, e que não percebemos, pode ser explorada. *“Eu entendo como se fosse uma nova forma, como se fosse uma consciência que tá ali, que existe, mas que você precisa se utilizar de meios para conseguir chegar a esse novo estágio de consciência. Fica um mundo mais vivo, de compreensão de valores, do que você tem de valor sobre a vida, como você pensa a sua relação com o mundo (...)”*. Castaneda acredita que a busca cega pelo futuro impede de enxergarmos a relação que possuímos com vida. Estamos sempre “correndo atrás”, mas nunca chegamos, o que sempre gera frustração. Consumir maconha pára esse mecanismo e nos permite viver a vida de outra forma, segundo Castaneda.

Castaneda acha ruim a imagem que se criou da maconha e dos seus consumidores. Segundo ele consumir maconha com certa regularidade não combina como um modo de produção capitalista que vivemos, já que a erva exploraria outras capacidades humanas que não a ação de produtividade. Isso por sua vez, fez a sociedade criar certas resguardas e ressalvas em relação a maconha. Gerou medo, endemonizou o consumidor e a erva.

Mas Casteneda superou isso. Convive com bastante gente que fuma e pensa que se não convivesse fumaria do mesmo jeito. Isto é Castaneda. E o que observa nos grupos sociais que frequenta é que na maioria das vezes é possível diferenciar a pessoa que fuma maconha e a pessoa que não fuma. Embora confesse que já viu pessoas que não fumam a erva, mas que mantém uma relação com as coisas que parece típicas de quem consome. De forma geral é possível diferenciar. Aparece nas entrelinhas, às vezes a pessoa fala algo que “denuncia” que é consumidor. Mas também não há como generalizar, é de pessoa para pessoa. Para Casteneda não é só a maconha ou é só o sujeito, é o sujeito interagindo com maconha, o que singulariza a experiência.

Os pais de nosso sujeito não sabem diretamente que fuma. Nunca deu discussão e nunca chegaram diretamente para ele e falaram sobre algo relacionada a consumir maconha.

Casteneda nunca fuma em casa. *“Eu não gosto da parada do uso para parada fechada do cotidiano, familiar, nuclear, do sujeito não. Eu uso para ir para praia, no morro, para dar uma volta mesmo, para me relacionar com os amigos, mais fora”*. Mas pensa que normalmente as pessoas fumam em locais nos quais o consumo está associado, é naturalizado, como em shows de raggae ou de rock.

Além disso, Castaneda mantém certo ritual antes de consumir a erva. Pensa em algumas relações que está vivenciando, antes de consumir. Não faz um “pit stop” para refletir sobre essas coisas, mas naturalmente acontece de pensar aonde vai “gastar” a onda, o que está vivendo, se vai depois conversar com os amigos ou vai para outro lugar. E já sob o efeito da erva, gosta de manter uma série de experiências que normalmente são vivenciadas após “o nó da racionalidade” ser desatado.

Castaneda pensa que conseguiria fumar maconha e ir trabalhar, mas não mantém essa relação. *“Se eu for trabalhar, eu não vou ficar usando, eu preciso ficar concentrado no trabalho. A não ser que for um trabalho que explore esse outro lado da percepção, aonde você possa ter essa relação com um lance mais de criatividade. Mas dependendo do trabalho, não rola não”*. Para Castaneda, para fumar e trabalhar depende da frequência em que se faz isso, depende da quantidade que se fuma, de como é a “onda”

para o sujeito. *“Se o cara fuma um toçõ e vai trabalhar, ta fudido... Mas às vezes se o cara fuma um, dá umas bola e vai, eu acho que dá uma relaxada. Depende muito do sujeito, depende muito de como o efeito é nele”*.

Castaneda considera que o conhecimento que tem sobre consumir maconha e mesmo sobre a relação que mantém com a erva é mais prático do que teórico. Procurou vivenciar as suas experiências, tentou perceber o que estava vivendo e tirar conclusões. Buscou uma alternativa às informações oficiais que circulam e que em sua opinião são má informações. Castaneda comenta que a diferença está no fato de que ele não concebe maconha como uma droga, então não faltou informação, já que não precisou. De qualquer forma o que fez foi *“processar a informação tinha e tirar minha conclusão”*.

Para Castaneda a religião enxerga a maconha e consumidor da erva da pior forma possível. A religião sempre proclama um mundo para além desse e recrimina o prazer mundano. Já a área jurídica tem mudado bastante e não tardará a legalizar a maconha. Também diz que é preciso desmarginalizar a imagem do consumidor, já que este não está ligado ao crime. Na verdade, para ele tem muita gente que lucra com isso, tem toda uma “empresa” no “plano de fundo” dessa história que favorece muita gente. Já a área da saúde sempre esteve ligada à área jurídica. E por isso mesmo só ajuda a manter certo modelo proposto como o ideal, que é vendido e faz com que as coisas não mudem em nada.

5.4 Clóvis Bernardo – *“Eu tenho um nível de dependência, mas não tenho o nível de dependência de abandonar tudo e sair por aí procurando maconha”*

Clóvis Bernardo, 27 anos, professor, considera-se ateu e mantém uma “união estável” com sua parceira. Clóvis é objetivo, concluiu suas ideias em uma rara forma prática de finalização. Objetivo não quer dizer minimalista. Clóvis procura traçar com o maior detalhamento possível as nuances e as relações mantidas em função do consumo regular de maconha.

Clóvis consome tabaco, maconha e álcool. Sendo a maconha predominante. Começou com vinte ou vinte e um anos, totalizando uns seis a sete de consumo. Segundo ele,

sempre teve vontade, além disso, o cigarro não dava uma “onda” interessante e a maconha estava difundida entre os amigos. Clóvis, essencialmente pensa que foram esses os motivos para começar a consumir – curiosidade e amigos, mas acredita que vários outros motivos podem ocasionar o consumo. Tenta comparar com outros prazeres na tentativa de responder: *“Tipo chocolate... Tipo a partir do momento que ela (pessoa) acha que realmente chocolate é a coisa mais maravilhosa que pode acontecer no dia dela, chocolate pode se tornar ali um tipo de consumo... ‘Punheta’, tudo isso. Em razão de que começamos a bater ‘punheta’? Em razão de que alguns batem mais ‘punheta’ do que os outros? Eu não saberia listar...”*

Considera que faz um alto consumo de maconha, fumando cerca de um a dois baseados por dia, mas complementa dizendo que varia muito. Isso seria uma média. Por mês, gasta setenta reais. Diz que já fez as contas e *“com cigarro, cento e vinte reais, com bebida, oitenta e oito reais. Em comparação a outras substancias, é barato. (...) se eu tiver na ‘pindaíba’, naturalmente é com dor que eu dou aquele dinheiro, mas se eu tiver tranqüilo, não. Dinheiro é para gastar!”*.

Clóvis eventualmente preocupa-se com o consumo que faz. O “hábito” descontrola-se e começa a ser incorporado a qualquer atividade do dia, por exemplo, ir ao banheiro, ler, internet, etc. *“Às vezes escapa de um controle mais ou menos determinado. (...) Eu tenho um nível de dependência, mas não tenho o nível de dependência de abandonar tudo e sair por aí procurando maconha, essas coisas assim, que é um tipo de dependência que me preocuparia. A dependência mesmo é quando o sujeito perde o controle da própria rotina”*.

Clóvis relata que as atividades mais introspectivas até consegue realiza-las quando está sob efeito da erva, mas que coletivamente, não funciona muito bem, assim como em atividades que exigem um nível técnico muito alto. As atividades que conseguiria realizar sob efeito da maconha, resume, são aquelas introspectivas mecânicas.

A confluência de ideias, o entusiasmo, a verbosidade, a perda do eixo de equilíbrio, tontura, intensificação das cores e às vezes alteração do som são os efeitos e as alterações mais vivenciadas por Clóvis quando fuma maconha. Clóvis faz uma associação direta

entre lazer e maconha. Sempre fica mais divertido. *“Lazer sem maconha, não é lazer. Tem uma implicação muito grande. Sem duvida fica mais divertido, você vai para um rock e pode ir com um baseado na testa ou no bolso. Melhora o rock duzentos por cento e é cerveja que eu deixo de tomar”*.

Clóvis ainda conta que normalmente a desatenção, individualidade e animação são alterações também percebidas. Certo tempo depois de já ter consumido, o ânimo cai um pouco e dá “lezeira”. Segundo Clóvis, o prazer proporcionado às vezes é um pouco solitário, a pessoa fica desatenta às coisas que o estão estimulando externamente. A pessoa acaba interagindo mais em função do momento, o que, para Clóvis, pode ser o motivo causador da desatenção. Mas os efeitos são muito relativos, podem até ser negativos, mas não necessariamente são ruins: *“Não dá para falar que é negativo, mas não dá para falar que é só positivo. Acho que depende. Um cara pode estar atento em alguma coisa, pode estar pensando, sei lá, na próxima revolução cubana, pode estar pensando em alguma coisa que pode beneficiar ele posteriormente, e que pode ou não lembrar depois, mas enfim... Negativa, em função de que, porra, muitas vezes o cara tá lá pastando, e às vezes é ruim, dependendo da onde ele está também...”*.

Clóvis pensa que usualmente as pessoas que interrompem o consumo de maconha recebem ou acabam vivenciando uma influência ruim em função do consumo. Isso pode gerar certos prejuízos na relação amorosa e no trabalho. Algumas questões pessoais também podem estar envolvidas, como, por exemplo, provar para si mesmo que consegue parar.

Clóvis possui vários amigos que fumam maconha. Nem sempre fuma com eles. Mas pensa que o fato de seus amigos fumarem exerce alguma influência no seu consumo, até mesmo para manter a regularidade em fumar, já que os amigos sempre compartilham a erva, principalmente em períodos em que comprar maconha é difícil. Sempre tem épocas de “seca” da maconha. Nosso sujeito acredita que *“muitas vezes meus grupos sociais são repletos de maconheiros, muitas vezes não fecha o grupo, mas segrega. Pode até ter mais pessoas no grupo, mas acaba que fica segregado... Os maconheiros ou não maconheiros, e muitas atividades são feitas por um grupo e não outro”*. Clóvis também conhece pessoas que não fumam maconha, e para ele essas pessoas não fumam por

motivos variados: não suportam, nunca consumiram e não sabem como é, não gostam, por educação familiar, não sabem como é a onda, medo, preferem outra droga, entre outros.

Clóvis Bernardo percebe algumas diferenças entre fumantes e não fumantes. Diferenças que são marcantes, mas ao mesmo tempo sutis, mais fáceis de serem identificadas por aqueles que consomem a maconha. As pessoas que fumam podem ser identificadas pelo dedo amarelo, pela larica, pela ‘marofa’ (cheio característico), olho vermelho, mas também: “(...) *a maneira de tratamento é outra, é diferente... A pessoa que faz uso e sabe que você faz, te trata de uma maneira diferente, usando, nem gíria não, mas um tipo de tratamento, de cumprimento que é diferente mesmo, que é próprio. Outras pessoas não, outras pessoas não conhecem a própria cultura ‘maconhística’, acabam não mostrando, demonstrando a peculiaridade da maconha*”.

Clóvis diz que sua família não sabe que ele fuma, mas que algumas implicações já ocorrem em função da desconfiança. De forma geral, diz que sua mulher sabe, sua irmã sabe, mas que o pai não sabe e também não faz questão de saber.

Clóvis Bernardo diz que normalmente festas estimulam a fumar maconha e que às vezes não é nem a festa em si, mas vontade de alterar a consciência. Como não é muito de beber, acaba fumando um “beckzinho”. Quando chega em sua casa cansado à noite, gosta de “fumar um”, deitar e assistir televisão. Dessa forma, chegar em casa cansado o estimula a fumar e para isso mantém todo um ritual: . “*Antes de fumar um baseado, por exemplo, quando eu chego em casa à noite.... Eu chego, tiro a roupa toda, converso com o cônjuge, aí vou, preparo alguma coisa para comer, não que eu vá comer naquele instante, aí vou e sento na cabeceira da cama... Pego meu kit maconheiro, e ponho os objetos numa diagramação muito própria, vou e aperto um, faço uma piteira, para não queimar os dedos, não ficar com os dedos muito amarelos e vou a banheiro. Tranco o banheiro todo, fecho o banheiro todo, sento-me a privada, para usá-la ou não, e fumo. As vezes ouvindo uma musiquinha no celular. Quando eu estou sozinho é sempre assim, em grupo, não. Aí altera*”. Sucintamente, Clóvis gosta de comer quando fuma, gosta de ver tevê, internet, de fumar cigarro, acaba fumando uns dez cigarros, e depois disso, cerca de uma hora e meia depois, duas horas, dorme, “desmaia”.

Clóvis conta que fumar maconha já o atrapalhou no trabalho, mas hoje me dia quase não o atrapalha. Mas pensa que tem pessoas que tomam cachaça e vão trabalhar, tomam cerveja depois do trabalho, cheiram cocaína e tornam isso uma rotina. Reafirma que sua vida profissional não é prejudicada pela maconha e vai além. Para Clóvis ele só possui uma vida profissional em função da maconha: *“Acho que sou estou tendo uma vida profissional hoje por causa da maconha. Trabalho de modo geral. Vamos dizer assim, não existe trabalho ruim, trabalhar que é ruim, trabalho mesmo assim é uma merda, já que você tem que trabalhar, que pelo menos seja com maconha. Não digo tráfico, mas enfim...”*

Clóvis é enfático. Diz que é subjetivo o desempenho pessoal sob o efeito da maconha. Diz que há excelentes profissionais e que lidam muito bem com a associação trabalho e maconha. Fumam antes do trabalho, fumam ou cheiram na hora do almoço e trabalham muito bem. Há também aqueles que fumando ou não são incompetentes ou que sob o efeito, fica pior. Novamente reafirma que as atividades profissionais em públicos não funcionam para ele sob o efeito da erva, mas que há em sua vida profissional circunstâncias que são bem associados com a maconha. *“A maconha, pelo menos na minha rotina profissional, pelo menos tem algumas atividades que eu consigo fazer completamente chapado, outras não”*.

Clóvis diz que o conhecimento que possui sobre maconha não veio de livros, já que leu poucos livros sobre o tema, salvo o que o Fernando Gabeira escreveu. Mas que gosta de buscar matérias sensacionalistas sobre a droga, que se diverte vendo ou lendo esse tipo de informação. Fora isso, pensa que uma educação religiosa que teve quando pequeno também o informou sobre as “drogas”.

Clóvis pensa que foi mal informado sobre esse assunto e que de certa forma faltou informações adequadas. *“(...) naturalmente poderia ter muito melhor instruído na infância, apresentado não ao que é certo ou que é errado no mundo das “drogas”, mas o tipo de consequência que a droga pode causar dependendo ali da droga, dependendo do abuso da droga e também os tipos de efeitos, que muitas vezes é passado para gente*

numa linguagem extremamente científica, um tipo de linguagem que não é acessível na infância”.

Clóvis considera que há sempre uma troca de informação sobre fumar maconha entre seus amigos, principalmente em “períodos de seca”, quando há coisa nova na cidade, sempre há troca. Mas Clóvis diz que não se preocupa muito com as informações trocadas sobre maneiras e formas de fumar maconha. Gosta da cultura do baseado, até acha o “bong” interessante, mas o “baseado” é mais prático.

Para Clóvis a maconha afeta a sua saúde mais em função de que ele não é muito adepto dos esportes, mas que não é só a maconha, tem muito cigarro. Pensa que o prejudicaria mais se ele já tivesse algum problema de pulmão, mas em sua alimentação não altera nada.

De maneira resumida, Clóvis diz que a religião *“tenta endemonizar as “drogas” como um afastamento de deus, talvez”*. Juridicamente o consumidor para Clóvis ainda é visto como criminoso. As últimas modificações nessa área são classificadas como inofensivas. *“Qualquer um pode ser fichado, qualquer um pode ficar a mercê do suborno da polícia, das vontades e emoções policiais, que vai te deixar uma hora, dez minutos ou um dia na cadeia. Completamente arbitrário. Então ainda é criminalizado. Enquanto não discernir, segregar, isso é tráfico, isso é consumidor, ainda é criminoso, ainda é, ainda vai ser tratado como criminoso”*. Já a saúde vê os consumidores como portadores de uma doença que precisa ser tratada apoiada nas formulações da Organização Mundial de Saúde.

5.5 João Bosco – “Eu posso acordar e ter a vontade de fumar, mas não quer dizer que eu vou acordar e fumar e tipo, se eu não fumar eu não vou fazer nada...”

João Bosco, vinte e cinco anos, designer se jóias, atualmente namora. Tem formação católica, mas não prática. Consome álcool e maconha, tendo a maconha como a droga de predominância das consideradas ilícitas. João, ao ser convidado para a entrevista ficou receoso. Pediu informações, quis saber como procederíamos. Procurei explicitar o sigilo da sua identidade e que as informações ali colhidas seriam usadas apenas com propósitos

acadêmicos. O anonimato seria garantido. João demonstrou desconfiança, teve cautela ao assinar o termo de compromisso colocando apenas uma das iniciais de todo o seu nome. A desconfiança não foi superior e nem empecilho para participar da pesquisa. Bosco escolheu um lugar público e em uma parte discreta de uma praça pública, trocamos.

João fuma maconha há sete anos. Esporadicamente foi fumando até estabelecer uma regularidade. Antes de começar, já convivia com pessoas que fumavam. Já tinha até tido a oportunidade de fumar, mas não quis. Quando a curiosidade foi maior que a cautela, João conseguiu a maconha, ele mesmo fez o “cigarrinho” e fumou. João Bosco entende que na época estar no meio de pessoas que fumavam há algum tempo não foi essencial para que ele fumasse. *“Eu comecei a fumar praticamente sozinho. Tinha uma curiosidade, mas não acho que fui influenciado”*. João não generaliza a sua maneira particular de conhecer a maconha para outras pessoas. Em geral, segundo nosso sujeito, a maioria das pessoas começa a fumar de modo inconseqüente, sem saber direito o que é, embora a curiosidade esteja presente sempre.

O consumo de João, para o próprio, é um consumo de médio para alto. Fuma mais de três vezes por semana, mas varia bastante. Quando compra, fuma bastante: três, quatro ou cinco baseados por dia. Todavia, se não tem maconha, passa dois, três, quatro dias sem fumar, sem problema.

João entende a maconha como mais um produto, e como os produtos legais, as qualidades da erva são variadas. Por isso, maconha pode ser bem barato, mas também caro. O dinheiro que gasta funciona *“da mesma maneira que um dinheiro que gasto saindo assim, por exemplo. Faz parte de rotina de vida até. Você gasta seu dinheiro com algum tipo de coisa que traga alguma satisfação. Então não é alguma coisa que no final do mês me gera insatisfação por ter gastado. Não é um consumo excessivo também”*. Comparado ao dinheiro que usualmente se gasta com restaurante, entretenimento, bares, maconha não é cara. Não é sempre que compra, mas em uma média por alto gasta cinquenta reais.

Segundo João, a maioria das substâncias que são consumidas em excesso são prejudiciais. João não julga a maconha tão destrutiva, tão nociva que poderia o impedir

de conviver com as pessoas, mas admite que em excesso possa prejudicar. O excesso pode acabar levando a dependência, que João caracteriza quando há perda do controle de consumir. “(...) até o ponto em que você consegue conviver e escolher quando você quer fumar ou quando você não quer fumar não chega a ser uma preocupação. Dependência seria quando você precisa de alguma substância para realizar uma tarefa que você poderia realizar sem”. João diz que pode acordar e ter vontade de fumar, mas não quer dizer que vai fumar ou que se não fumar, não vai fazer nada.

Um ritual muito preciso não é vivenciado por João para fumar maconha. “O que acontece é que você adequa muita vezes o uso ao seu horário, e muitas vezes pode acontecer de você adequar os seus horários ao uso, aí que passa ser mais complicado. Quando você começa a alterar a sua rotina para poder fumar eu acho que você está complicando um pouco as coisas”. João faz uma metáfora para explicitar seu tipo de consumo – normalmente consome depois do trabalho, com alguém que toma uma cerveja para relaxar, para conversar. Mas de fato João não encerra isso numa ideia rotineira, de ritual: “Eu não tenho uma rotina de sempre... ah, de manhã eu fumo, de tarde eu fumo e de noite eu fumo. Mas quando me dá vontade eu fumo, se eu tiver. Se eu não tiver e não tiver vontade... se eu tiver vontade eu posso ir atrás também, mas na maioria das vezes quando eu tenho e me dá vontade, eu fumo, se eu não tenho, eu não fico nessa preocupação de deixar de fazer outras coisas”.

João Bosco afirma que as alterações ocasionadas pela erva não são tão drásticas quanto algumas pessoas poderiam imaginar. Tais alterações suavizam-se para quem faz um consumo contínuo. João nota que quando fuma seus sentidos básicos alteram-se. Som, sabor, percepção são as lembradas e citadas. Lazer e maconha associados fazem parte dos momentos que João consome, o agrada consumir nessas horas. E reafirma que fumar para ele é um momento recreativo, como alguém que toma uma cerveja. Mas João discerne as coisas e não visualiza todos vivenciando a erva da mesma forma. Algumas pessoas experimentaram e não gostaram. Algumas, para João, não consomem por restrições biológicas, morais, familiar, entre outras.

Bosco procurar ir relativizando certas ideias comuns associadas ao consumidor de maconha e ao consumo. “Eu acho que os danos gerados pela substância são muito

menores que os danos gerados dessa cadeia, do que o tráfico... Eu acho que os riscos do tráfico, os riscos que as pessoas se submetem por conta do consumo são muito maiores do que seriam, por exemplo, se você pudesse plantar um pé de maconha, pois é um processo simples". O simples processo não demanda um ferramental ou instrumental, não é nada de extraordinário.

João procura reverter a ideia ou a noção de que certos locais estimulam o consumo. O que na verdade acontece é que há certos lugares que inibem o consumo. São locais que o consumidor precisa se preocupar em ser reprimido pela polícia, por exemplo, já que a maconha é uma planta ilegal. A preocupação em não ser reprimido, assume papel importante no ato de fumar, sugere uma “onda” tranqüila, boa.

Incomoda a João o fato de consumir maconha de uma maneira velada. Mas isso também não o impede de conviver com as pessoas da maneira como quer e ele não percebe que as pessoas o tratam de uma maneira diferente em função disso. Fumar maconha é mais uma escolha, entre as milhares que as pessoas fazem.

O grupo social de João não se resume as pessoas que fumam maconha. Tem amigos que não consomem e João não tem problema com isso. Obviamente que fumantes também fazem parte de seu grupo, desde os que fumam de maneira mais discreta até os que não fazem questão da discrição. De maneira geral, João não acha que há uma segregação entre fumantes e não fumantes, mas pensa que as pessoas que fumam acabam tendo mais contato com as pessoas que fumam. *“Segrega para as pessoas que tem algum tipo de aversão e que preferem não ter algum tipo de contato com as pessoas que fumam. Agora das pessoas que fumam, eu não vejo essa iniciativa de não querer ter contato com as pessoas que não usam, eu acho que quem faz uso, não tem esse tipo de restrição”.* O hábito de fumar a erva, assim como um hobby, reforça certos laços de amizade. De forma geral, João diz que é difícil resumir as pessoas que fumam a partir de um perfil único, assim como também é complicado fazer isso com as pessoas que não consomem.

A família de João tem uma relação aberta com o fato de João fumar. Na verdade, João reedita: *“Ninguém nunca achou nada, ninguém nunca viu nada, mas acho que fica subentendido... Não têm noção de frequência, se faço uso contínuo, mas acho, imagino*

que acham que já usei". João acredita ser difícil para quem faz consumo contínuo permanecer como uma incógnita. Algumas pessoas de sua família, como a sua irmã, que Bosco tem mais liberdade, já conversou com ele, mas isso não ocorreu com seus avós e pais.

A maneira que gosta mais de "gastar" a onda quando fuma varia muito em funções do lugar e da situação que Bosco está. Normalmente, se está acompanhado, interage com outras pessoas, conversa, bebe, mas se está sozinho, experiência uma "onda" mais subjetiva canalizada para o que se está fazendo. Nosso sujeito acredita que *"quem trabalha com música, para quem trabalha com arte, com criação, com esse tipo de coisa, muitas vezes acaba utilizando com um meio de dar vazão a esses canais de possibilidade que a própria maconha abre, de percepção"*. A maconha pode até dar certo estímulo para quem trabalha com desenho, criação. A percepção pode estar aberta para outras coisas, a liberdade para criar é maior. Bosco reafirma que o excesso no consumo pode atrapalhar, que é importante sempre dosar, a quantidade, o que se vai fazer logo após fumar, isso tudo deve ser levado em consideração. *"E o que se fuma também. Se fuma um haxixe ou um skank, que são derivados da maconha, então, dependendo o que você vai fazer pode fumar menos, pode fumar isso, mas pode fumar menos"*.

Bosco entende que os conhecimentos que possui sobre consumir e sobre as implicações de se consumir maconha são oriundos de diversas fontes. Considera-se bem informado já que esse tipo de informação não falta. *"Desde a convivência com outras pessoas cotidianamente na rua, ou aonde quer que esteja. Numa atividade de lazer. No espaço público, praticando algum tipo de esporte, até televisão, internet, quando você se interessa, você lê sobre o assunto, pesquisa também."* Bosco não percebe implicações diretas ou visíveis em sua saúde em função do consumo regular.

Bosco acredita que as informações que circulam sobre maconha são diversificadas e boa parte delas são equivocadas. A religião, por exemplo, fala muito sem base, é desinformada, e tal condição não a impede de realizar julgamentos sobre a questão. Falta informação que sejam mais reais, mais condizentes. Para Bosco as religiões falam com propriedade de quem conhece, o que seria paradoxal. Nosso sujeito ainda nos

lembra de que há religiões que convivem bem com o consumo, que este possui uma importância fundamental em certos sistemas religiosos.

Por um lado, Bosco acredita que as pessoas, e área jurídica de certa forma, estão chegando em um momento de reconhecimento da questão da maconha como um caso de saúde pública e não de segurança pública. *“Eu acho que, no Brasil principalmente, a área jurídica é abarrotada de questões que são muito mais urgentes e que ela não dá conta de resolver, então não tem sentido você abarrotar ainda mais esse sistema que já é falho com um consumidor de maconha, por exemplo. O grande problema para essas áreas jurídica, é a própria proibição que é o que gera o tráfico. Só passa a ser considerado ilícito por conta da proibição, por conta do tráfico, não por causa da proibição em si.*

Bosco se surpreende com o que nota na área da saúde, pensa que a área é controversa. Não acredita que certos depoimentos dados por médicos são dados por pessoas que se consideram profissionais de saúde. Declarações que nada condizem com as alterações e efeitos gerados no organismo. *“Não dá para entender até que ponto ele tem um comprometimento com a verdade, de procurar esclarecer os fatos para não falar besteiras. Assume uma postura que influencia muita gente, que querendo ou não a área médica que tem uma influência grande na sociedade, então eu acho que às vezes são irresponsáveis de falar tanta besteira”.* Mas acredita que existem estudos sérios na área da saúde. Lembra-se da possibilidade da maconha ser usada na indústria têxtil, medicinalmente, em bio combustíveis. Bosco entende que a medicina já não está em tempo de se limitar ou de ser limitada juridicamente.

5.6 LEO – “*Todo vagabundo é maconheiro, mas nem todo maconheiro é vagabundo*”

Leo, marketeiro de 32 anos, solteiro, possui uma relação estreita com as “drogas” e tal relação possui uma influência direta na sua identidade. Homem de opinião firme, objetivo e “sem rodeios” para falar sobre o consumo que mantém com as “drogas”. *“Fumo maconha, cheiro pó, tomo doce, tomo pastilha, que é o ecstasy, tomo MDMA em gota, mescalina, álcool, só essas mesmas. Fumo maconha todo dia”.* A droga que mais consome é maconha e sua relação com a erva possui particularidades. Começou a fumar

com dezesseis anos, mas ficou dois anos sem fumar e retornou aos dezoito anos. Considera que são treze anos fumando.

Caçula de uma família de filhos homens, Leo refere-se a presença da maconha no âmbito familiar como algo comum mas que não chamava a sua atenção até perceber que na sua escola amigos também faziam uso: *“Cara , eu sempre achei maconha em casa, dos meus irmãos, mas nunca tive vontade. Aí na escola encontrei uns amigos meus, vi que era uma coisa normal, porra, legal, sempre gostei de fumar cigarro, fumava cigarro também, não fumo mais, pelo hábito de fumar, de brincar com a fumaça, aí fui e fumei maconha, no começo não gostei, achei ruim, gosto ruim, cheiro ruim, depois eu gostei”*.

De lá para cá Leo progressivamente estabeleceu um consumo regular de maconha e tal como o próprio diz, faz um consumo hoje altíssimo, se colocarmos em gramas, cinquenta gramas a cada duas semanas. Se colocarmos em baseados, de dois a três baseados por dia.

Treze anos de consumo, não são treze dias, ou treze meses. Leo é um consumidor experiente que sabe que pela *cannabis* ser ilegal, a qualidade do fumo varia muito, com muita mistura, mas para seu consumo gosta de “coisa boa”, diz que gasta de 60 a 70 reais por mês para obter maconha e sempre compra dividindo entre amigos, irmãos de fumo. O dinheiro faz falta não pela razão em que ele é destinado, mas em função de que poderia adquirir o fumo de outra forma com qualidade melhor e com menos risco: *“Se eu pudesse pagar menos por um skank, se eu pudesse pagar o valor que eu pago na maconha normal no skank, eu ficaria muito mais feliz. Eu queria ter um pé dentro de casa, mas minha mãe ainda não deixa, mas quando eu morar sozinho eu vou ter meu pé e não vou gastar dinheiro não. Da grana, eu tenho que gastar. As vezes você tem que ir a certos lugares, as vezes em morro comprar, as vezes a pessoa que te entrega em casa, não ta podendo, não tem, aí muitas vezes você tem que se misturar com gente que você não quer para obter a maconha”*

Leo mantém uma relação com a maconha aonde parece respeitar a própria substância. Apesar do consumo *altíssimo*, sua experiência mostra que maconha não combina com tudo e nem para tudo é preciso fumar maconha: *“Quando eu saio com a minha mãe, eu*

não uso, para ir no cinema com ela, ou ir comer com ela, vou de cara. Até por que ela não gosta, entendeu? E meu lazer com ela é muito bom. Se tiver um filme engraçado eu vou rir pra caramba, independe de fumar ou não”.

A experiência de Leo também mostra que o prazer em consumir maconha não se restringe apenas aos efeitos ocasionados pelo fumo. Certos procedimentos para nosso sujeito são essenciais para a obtenção desse prazer e que não é problema esperar pela próxima oportunidade caso as condições para fumar não estejam de acordo, apropriadas para o consumo: *“Eu gosto de apertar, eu gosto de fazer o meu cigarro, de enrolar do jeito que eu gosto, com o tanto de papel que eu gosto, eu gosto de papel próprio, eu não gosto de fumar em guardanapo, eu não gosto de fumar em papel de pão. Eu gosto de fumar na sedinha própria boa, sem semente. Se a maconha for ruim eu não fumo, se não estiver enrolada nesses tipos de papeis que não são apropriados, eu não fumo, fico sem fumar, espero a oportunidade”.*

Difícil é explicar “a onda” e os efeitos, o que sente quando consome maconha. É um estado de consciência não racional, pouco usual. Mas Leo sabe que seus olhos se avermelham quando consome, que as ideias se multiplicam e a concentração fica dispersa. Sua velocidade própria fica mais lenta, as palavras amolecem e apesar do seu organismo não agir como age sem o efeito da erva, isso o relaxa, lhe dá prazer: *“È difícil você explicar a onda, fica mais relaxado, fica mais devagar, fica mais propenso ao riso. A conversa fica mais mole, mas é gostoso, se fosse ruim, ninguém fumava”.*

Coexistindo, ou pelo menos bem próximo ao prazer, é a noção de que consumir maconha ainda é um fenômeno discriminado e socialmente rejeitado por uma sociedade capitalista de produção: *“A pessoa acha que você é um maconheiro, então você não vai ser um bom profissional, não vai cumprir com as suas obrigações. As pessoas têm a quem queimar, como o próprio sistema capitalista impõe isso nessa guerra, nessa fogueira de vaidades de um puxar o tapete do outro, isso é uma coisa que prejudicaria num ambiente de trabalho; saber que você fuma maconha, eles poderiam estar puxando seu tapete em função disso”.* Mas a mesma perspicácia usada para observar as “regras do jogo”, também é utilizada a seu favor enquanto consumidor regular de maconha e facilmente

Leo relativiza tais concepções: *“Não necessariamente se você fumar você vai ser uma pessoa ruim, vai roubar, vai transgredir algo na sociedade”*.

O nosso sujeito não encara o próprio consumo e a condição de consumidor como algo que o distanciaria das demais pessoas. Considera que algumas coisas podem denunciar a identidade de “maconheiro” e não com dificuldades poderíamos descobrir quem consome e quem não consome maconha, o que tornaria a identidade do consumidor vulnerável, e o que, por sua vez, facilitaria a discriminação e o preconceito. Mas nosso sujeito desconsidera que tal vulnerabilidade tenha grande poder. Para Leo essa identidade mantém-se preservada já que existe “caretas-doidões” e “doidões caretas”:
“Se você não conhece o cara, você não tem como saber se ele fuma ou não. Agora, tem gente que veste o estereotipo do maconheiro. Bota a camisa do Bob Marley fumando um, uma camisa com uma folha de maconha, o cara tem um linguajar, é um cara bem despojado. Agora se o cara quiser esconder, ele esconde, tranquilamente, isso depende de cada um mesmo, da pessoa vestir o estereotipo ou não. O jeito, como eu posso dizer, se você olhar no olho da pessoa, se ela não tiver pingado um colírio, você consegue ver, pela roupa mesmo dá para você ver... Com quem ela anda de repente, se você ver a pessoa comprando também, você vai saber que ela fuma. Agora tirando isso, acho muito difícil você apontar que essa ou essa ou aquela fuma, eu conheço muitos amigos meus que são pessoas completamente doidonas, mas não usam nada. São completamente extrovertidas, brincalhonas, e fala e vai, e faz um monte de coisas, mas não bebe nem uma cerveja. Às vezes você fala, esse cara deve ser maior doidão, e nem é nada. Na personalidade não denuncia, o que denuncia é o hábito”.

Fumar para Leo, preferencialmente em conjunto, com mais pessoas. Dificilmente fuma sozinho. Gosta de fumar na praia, em grandes eventos e em casa. Nada melhor para nosso sujeito do que ir para praia, fumar um e ficar vendo aquele monte de “mulher boa”. Quando fuma também gosta de conversar, jogar vídeo-game e gosta de associar atividade esportivas com maconha, como frescobol e jogar bola: *“Quando eu jogava bola com frequência, eu gostava de fumar meia hora antes de jogar bola, me sentia mais solto, cansava menos. Eu achava que meu desempenho era melhor quando eu fumava antes. Gosto de fumar antes malhar também”*.

Mas se certas atividades são melhores com maconha, Leo é categórico em relação a outras: *“Droga não combina com trabalho. (...) Para mim não rola, não rendo no trabalho”*. Sabe que entre seus amigos essa prática não é incomum e acredita que de fato há pessoas que trabalham perfeitamente sob o efeito da maconha. Para Leo alguns fumam e desempenham normalmente seu trabalho, são assíduos e produtivos, enquanto há outros que não fumam e vivem de atestado médico no serviço como desculpa. *“Eu prefiro trabalhar o dia inteiro de cara, exercer a minha função e depois quando eu encerrar o meu expediente, aí sim, fumar, chegar em casa, tirar minha roupa, tomar um banho, fumar um. (...) se eu fumar e ir trabalhar, eu não trabalho nada. Ou se eu beber e ir bêbado, ou ir com ressaca, também não vou render bem. Se usar qualquer tipo de droga, se o cara tomar um doce ir trabalhar, vai olhar para cara do chefe e vai dar uma risada”*.

Leo gosta de fumar maconha, concebe o mundo assim. Mas apesar de uma série de coisas boas que a maconha proporciona ao nosso sujeito, Leo não considera que só há benefícios. Para ele não tem lógica dizer que é saudável ingerir fumaça para seu pulmão, mas isso não impede seu consumo e pode ser facilmente compensado: *“Claro que não é saudável. Isso é uma coisa que com certeza deve afetar. Mas procuro contra-balancear com atividade física constante durante a semana, não fumo cigarro, já dá uma equiparada, não sou muito de beber, só quando eu saio mesmo, que eu dou uns virotes, malho bem, me alimento bem, durmo bem, só optei por fumar um, ao invés de sentar no bar todos os dias e tomar uma cerveja. Mas que faz mal, pois ingerimos fumaça, isso não tem a menor dúvida”*.

O conhecimento que Leo adquiriu sobre fumar maconha e as relações criadas em função do consumo, segundo ele, veio da rua, é lá que de fato aprendeu. É na rua, no que ela ensina e nas relações que ela estabelece que Leo pôde construir a sua própria perspectiva, ou mesmo sua representação sobre maconha, e ainda desconstruir mitos associados a erva: *“Quando eu era pequeno, eu ouvia que as pessoas falavam que os maconheiros chegavam na casa, fumavam maconha e sopravam fumaça dentro da casa das pessoas. Elas dormiam e eles roubavam. Mas aí eu questionava, mas o cara que sopra não dorme também? Eu acho tinha essa coisa, mistificação, de associar*

maconheiro a criminalidade. Eu costumava dizer o seguinte: ‘todo vagabundo é maconheiro, mas nem todo maconheiro é vagabundo’.”

O conhecimento adquirido nas ruas e as redes de sociabilidade construídas em função do consumo integram a maneira pela qual Leo concebe consumir maconha. Através dessa troca, práticas e técnicas foram aprendidas, noções estabelecidas, opiniões formadas e a relação com a erva constituída: *“Agora no meu bairro, as pessoas andam nas ruas, tem várias praças. Esse convívio desde novo com gente mais velha no bairro, eu aprendi muita coisa ae. (...) Todo maconheiro sabe que se você bebe e depois fuma, você passa mal. Isso é uma coisa que muita gente aprende pela experiência ou pelo discurso. (...) Aprendi mais na conversa. Tem essa conversa. A gente conversa, tem maconha boa aqui. Um cara lançou uma seda que é transparente, que é de celulose, é mais ou menos esse tipo de conversa. Potencializar é só quando fuma um melhor que o outro. Ai a galera fala, fumamos um melhor. Eu tenho um amigo que tem um, é diferente, que é mais barato... Os amigos estão sempre trocando esse tipo de informação. Quando pega uma coisa boa, liga pro outro para mostrar, olha esse aqui tal. Vamos fumar um comigo que estou com um bom e tal, mas todo mundo trabalha tal. Eu conheço gente que fuma maconha a cinquenta anos, um coroa, amigo do meu pai, ninguém é sequelado”.*

5.7 Magrinho – “Só fumar por fumar, não rola”

Magrinho, vinte e cinco anos, oceanógrafo, solteiro. Ao ser convidado para participar da pesquisa mostrou interesse. O interesse sugeria que tinha muito para falar e contribuir, o que se verificou de fato. Convite feito, logo a afirmativa: *“Rola fácil. Vamos marcar esse bate papo descontraído”*. A riqueza dessa entrevista está localizada na possibilidade aberta de conhecer melhor um consumidor regular de maconha que estaria em um segundo momento do consumo, como o próprio relata na entrevista: *“Acho que faço um uso melhor”*.

Nosso sujeito consome álcool, maconha e *“outras substâncias mais”*. Maconha é a predominante entre as ‘ilícitas’. A primeira experiência com a maconha foi aos doze anos, mas apenas aos quatorze começou a manter regularidade no consumo, cerca de 11 anos fumando. Tempo considerável que já permitiu Magrinho refletir que seu começo de

consumo foi fortemente influenciado por seus amigos. *“Andava com uma galera que costumava usar, e em função disso comecei a usar também, se não você acabava sendo excluído”*.

Atualmente o consumo de maconha é baixíssimo se comparado com outras épocas. Mas essa diminuição não foi programada como se de repente tivesse tomada a decisão de decrescer o consumo. Naturalmente Magrinho foi ficando mais *“tranquilo”* e consumindo menos. Antes, na época do auge do consumo, nosso sujeito não sabia dizer não quando convidado para fumar, mas *“Hoje em dia, mesmo que alguém me chame, falo que não to na pilha, começou a me atrapalhar em determinadas coisas. Acho que faço um uso melhor”*. Só consome quando quer mesmo usar a erva.

Magrinho brinca, diz que às vezes bate aquela vontade desesperadora, mas que hoje há um discernimento das situações que gosta e não gosta de consumir. A brincadeira parece sugerir que apesar da nova forma de consumir, gosta de fumar, faz questão de fumar e manter o consumo. Especificando, consome uma vez na semana e duas vezes no final de semana em média, totalizando, no máximo, três vezes por semana.

O preço de compra da erva não é barato. A matemática do nosso sujeito sugere que se alguém adquire cinquenta gramas, e essa pessoa é um consumidor diário, em duas ou três semanas a maconha acaba. Magrinho ressalta que no final de semana o consumo aumenta muito, e lembra que já chegou a gastar cem reais por mês. O grande tempo de consumo do nosso sujeito o permite julgar o preço da erva como caro, já que percebe um inflacionamento. *“Já foi um estilo de vida barato. Quando eu comecei a fumar, eu comprava a trinta e cinco reais, a cinquentinha. Tem muito tempo. Cinco reais vinha muita quantidade. Na época era solto. Era tipo: ‘Toma! Fume a vontade!’. Hoje é caro. É uma coisa que você tem que pensar melhor. Não dá mais para esbanjar. Hoje gasto menos”*.

Atualmente não compra cinquenta gramas mais para consumir sozinho, acaba estragando, mofa. Atualmente compra as mesmas cinquenta gramas e divide em quatro pessoas, fica com doze gramas, e vende os outros $\frac{3}{4}$. As doze gramas dura um mês. O gasto hoje não o preocupa, mas antes o preocupava. Se receber trinta reais, sabia que

teria que guardar uma parte ou deixar de fazer certas coisas para poder comprar a erva. O dinheiro acabava fazendo falta.

O que agradaria mesmo o nosso sujeito não é ficar comprando sempre, mas plantar. Acredita que se perguntarmos para maioria dos consumidores, a maioria quer plantar. Evita os riscos associados a compra e a qualidade da erva seria muito superior. Conclui isso não só idealmente, mas sabe que é melhor, pois tem amigos que plantam. *“Tenho amigos que plantam. Vários pés. Safra e a entressafra. Nunca está sem. A parada é cor de abóbora, os ‘camarão’ são cor de abóbora. Sem nada, sem conservante e é outra onda. Ele planta no jardim, cresce normal. No máximo ele tem que colocar uns adubos”*.

Para Magrinho o consumo é algo para relaxar. Quanto mais relaxado melhor. Para “fumar um” não dá para fumar e sair correndo. Tem que ter pelo menos uns dez minutos depois de fumar, tem que ‘trocar uma ideia’, tem que ter um tempo para ‘dar um rolé’, ou seja, precisa-se de um momento específico. Se alguém convida para fumar rapidamente em razão de que tem sair ligeiro para outro lugar, Magrinho não fuma, deixa para próxima. *“Se alguém me chama: vão fumar um rapidinho que eu tenho que sair ? Não bicho, fuma aê. Eu não quero fumar um, voltar para casa e ter que ficar olhando para cara da minha mãe. (...) Só fumar por fumar, não rola”*.

Fumar por fumar não agrada nosso sujeito. Magrinho sustenta essa afirmação dizendo mesmo com a ‘seca’ da erva que está tendo, ele não está nem aí. ‘Seca’, aliás, que Magrinho em seu tempo de consumo nunca viu. *“Quem me vendia, ta ligando para comprar, querendo. Muita gente foi presa. A maioria dos camaradas que eu conhecia, rapidamente foram presos. Ou você sobe morro, que é meio brechó, ou tem que ter um contato forte, paga caro”*. Nosso sujeito ressalva: a verdade é que ele está tranquilo, tem a reserva dele.

Os efeitos e alterações percebidos pelo nosso sujeito, em primeiro lugar, é a queda brusca de preocupação, de estresse. *“Não quer saber de mais nada ? Estressou geral ? Dá uma bola e pum, esquece”*. Os problemas são bloqueados. A concentração vai embora, salvo em temas que muito interessam. Se Magrinho fumar, ele não vai ler, não

dá. È a mesma coisa que não lê. O que é lido não é guardado, não foca. Conjuntamente com a despreocupação, uma confluência de coisas são pensadas. Magrinho fica “away” quando fuma.

Em certas atividades a maconha beneficia nosso sujeito. Para o alto nível de estresse que vivemos uma válvula de escape: a maconha. Na verdade: *Não precisa ser ‘fumar um’, pode ser qualquer coisa que te dar prazer, que te dá satisfação, que te deixa tranqüilo. Se te deixa tranqüilo bater a cabeça na parede, bata meu irmão. As pessoas trabalham o dia todo, trabalha no trabalho, chegam em casa tem que trabalhar também.*

Magrinho percebe que após uma longa jornada de trabalho, seu rendimento cai vertiginosamente. Diz que não consegue trabalhar mais de duas horas direto. E nessa hora de baixa produção fumar maconha o ajuda a reorganizar as ideias, dá uma acalmada, pensar, cogitar estratégias para o outro dia, ou mesmo para duas ou três horas depois voltar a produzir mais organizado.

Nosso sujeito entende que existem restrições sociais ao consumidor de maconha, o que gera exclusão. Os “caretas” extremos evitam os “maconheiros”. Estes que evitam, segundo Magrinho, são aqueles que possuem uma verdade e que não estavam abertos a outras opiniões. São aqueles que acham que todos que fumam são “doidões”, irresponsáveis, “burros”, menos capazes do que eles e que em razão do consumo, deve roubar.

Normalmente essas pessoas que não consomem convivem apenas com os que não consomem. Tais pessoas não fumam por uma questão de educação dos pais, pelos pais serem muito “caretas”. Magrinho nos revela que seus pais fumaram maconha e que esse tipo de informação sempre foi mais acessível a ele. Pais que tratam a maconha de modo mais conservador acabando influenciado as atitudes conservadoras dos filhos. E o problema maior disso é que essas pessoas *“Não sabem diferenciar um drogado... De uma pessoa que faz uso da maconha, de uma pessoa que fuma pedra. Para mim, isso é uma coisa totalmente diferente. É drogado, louco, vai matar, vai roubar. Tem gente que nem considera maconha droga, mas tem gente que considera tão quanto pedra”*. E tentar argumentar com tais pessoas sobre outro lado da maconha, é perda de tempo.

Certas condições podem levar alguns consumidores de maconha a deixar de consumir. Algumas dessas condições seriam: situações drásticas, como morte de parente. Nessa situação, por exemplo, o sujeito que consome acha que *“a vida vale mais”* do que ficar consumindo. Magrinho relata que recentemente encontrou um amigo que deixou de fumar e esse amigo falou uma frase que nosso sujeito disse que se analisarmos essa frase daria um estudo inteiro de psicologia: *“A onda agora é ficar de cara. A doideira é não ficar doido. É uma doideira não ficar doido. Deve dá até onda”*.

Magrinho considera que questões profissionais, tais como amigos que entraram para polícia, podem influenciar quando alguém interrompe o consumo. Assim como motivos religiosos. Outros simplesmente vão parando gradativamente. A pessoa acaba perdendo o gosto pela maconha. *“São vários motivos, mas basicamente acho que o amadurecimento da pessoa, o ficar velho, melhor ainda, o ficar velho com responsabilidade te faz ficar sem nada”*.

Há uma diferença enorme em você trabalhar com dezoito anos e você trabalhar formado. Com dezoito anos há pouca preocupação, se for mandado embora, arrumará outro emprego. *“Agora, depois de graduado, que você quer fazer uma carreira, aí você já não quer ser visto com aqueles mesmos olhos. Mesmo que você fume, você tende a evitar, a negar”*.

Os melhores amigos de nosso sujeito fumam maconha, mas Magrinho tem amigos que se afastaram muito dele por não consumir ou em razão de que ele consome. Acaba segregando. A perspectiva é de que fumaria do mesmo jeito se seus amigos não fumassem, mas fumaria menos. *“A galera fuma demais”*.

Os comportamentos típicos de quem fuma maconha há muito tempo diferencia-se dos comportamentos de quem não consome. O jeito de falar é mais devagar, menos ativo, a pessoa é mais devagar. *“É a tal da seqüela, é marcante. Até mesmo no nível de preocupação com as coisas... O camarada que não fuma é muito mais bitolado, e muito mais preocupado com coisas pequenas do que o cara que fuma há muito tempo. O cara que fuma não vai ultrapassar o limite de estresse. Já aprendeu isso”*.

A mãe do nosso sujeito sabe que ele fuma. Mas se ele fumar todos os dias em casa, ela reclama. Se ele fumar mais de uma vez, *“ela dá uma chiliquezão”*. Hoje em dia a sua mãe não é tão preocupada. Quando fica preocupada não chega brigando com o filho. Ela chega e sugere que Magrinho está fumando muito e que isso pode estar prejudicando-o, que poderia estar produzindo mais e não está, que é preciso ficar atento a isso. Ela não fala não. Mas procura mostrar aonde pode estar prejudicando. *“Seria pior se ela proibisse. Falar não, já é um sim quase. Mas quando você libera, quando você banaliza a coisa, a pessoa tem a chance de falar sim ou não”*.

No seu grupo de trabalho Magrinho pensa que deu sorte. É comum no seu meio muitos profissionais consumirem. Mas Magrinho tem certeza que muitos não dariam um trabalho a ele por saber que ele fuma. Mas essas pessoas são evitadas. Nosso sujeito arremata e diz que a gente sempre produz menos do que gostaria. *“Uma frase: ‘trabalhando mais do que eu gostaria porem menos do que deveria’. Mas você segue sempre rendendo. E tem um monte de gente que não fuma e não faz porra nenhuma”*.

Na área de trabalho de Magrinho, peixes, os melhores profissionais, os que mais admira, fumam maconha. E fumam maconha boa, de alta qualidade. Fumam muito, mas produzem muito. E os que não fumam, mas que Magrinho admira, já fumaram muito. Magrinho vislumbra um futuro como pesquisador. *“Na área de pesquisa, o que você tem que fazer muito é viajar mesmo. Ir para o ambiente e viajar. Aprende muito no ambiente. E às vezes na onda, você tem sacações que você não teria ‘de cara’. Deixa a mente expandir. Mas você também vai ter muitas ideias burras. De cara, depois, você vê que foi burro”*. Mas ressalva que trabalho é trabalho. Não é um lugar para relaxar. Tem que ser sério, consciente, bem focado.

Magrinho não percebe uma rotina no seu consumo. Mas antes de fumar sempre analisa se amanhã de manhã não tem nada para fazer, se não tem que acordar e pensar. Se assim for, então esse é o momento para ‘fumar um’. *“Não precisa da sincronia, tem a situação. Você tá relaxado, tá sem muita preocupação, se rolar beleza”*. Magrinho conta que antigamente levava mais a sério todo ritual para fumar como apertar, debulhar, entre outros procedimentos, mas *“hoje em dia, se eu pudesse comer maconha, eu comia. Hoje*

eu sou extremamente preguiçoso, muito do que me fez diminuir o consumo foi em função disso... Eu chegava em casa, loco para fumar um e não fumava por preguiça de apertar. Eu só queria a onda, só a sensação”.

Já sob o efeito, nosso sujeito gosta de “gastar a onda” fazendo o que lhe dá prazer. Futebol e filmes principalmente. Mas consegue também fazer outras coisas, até mesmo atividades profissionais *“Na minha área de trabalho, por exemplo, é fazer calculo. Parte de estatística biológica. Fazer isso de cara, faço amarradão, mas é uma coisa que eu sei que posso fazer doidão, até em função de que, você gasta mais, e estressa menos. É uma parada que é bem automática(...)”.*

Fumar para sair para festas e bares não gosta. Quando Magrinho sai com segundas intenções, *“quando fumo um, primeiro, eu não quero conversar muito, não quero ficar pensando, mirabolando vários caôs para chegar nas mulé. Eu fumo mais em casa, mas na casa dos meus amigos, do que na minha casa em si”.*

Magrinho nunca procurou informações sobre a erva e suas implicações na internet. Adquiriu esse tipo de informação na rua. Na conversa com amigos acaba sabendo quem consome e não consome, aonde tem para comprar, aonde não se deve comprar, entre outras práticas. Nosso sujeito diz que sabe o básico, que a galera sabe sobre a maconha, mas bem informado mesmo só os pesquisadores que estudam as causas em cima dos efeitos colaterais. *“Rola no grupo também, informações do tipo: quem fuma muito, quem fuma pouco, quem ta roubando para fumar, quem viciou, quem não viciou, quem leva a parada mais regrado, quem não consegue, isso tudo se consegue saber pela galera. Questões do tipo, formas de uso, que onda vai dar, a galera sabe também. É igual fumar maconha e comer maconha, nada a vê. Não se iluda, você vai passar mal, tem gente que para no hospital”.*

Magrinho entende que nenhuma fumaça faz bem. Pensa que maconha também pode deixar seqüela. Por exemplo, se fumar à noite, no outro dia o cérebro demora, o raciocínio fica mais lento, sempre tem uma preguiça a mais. Você tem que esperar aquecer um pouco. Mas se não fuma a noite, o cérebro fica mais sagaz, acorda mais disposto. *“É igual um carro a gasolina e um carro a álcool. É bem perceptível”.*

Magrinho diz que existem várias religiões, mas que a grande maioria vê o consumidor de maconha com “*maus olhos*”. Para nosso sujeito as religiões seguem a discriminação legal em termo do que é considerado lícito e ilícito. *Fumar cigarro? A religião fala alguma coisa? A maioria não esta nem aí. Por mais que isso mate vertiginosamente, o câncer pulmonar mata. (...) Deus nem nunca falou sobre isso. Na verdade foi Ele que criou a maioria das “drogas”*”.

Juridicamente está mudando e tende a mudar mais, pelo menos em relação ao consumo de maconha, principalmente na América Latina. Magrinho comenta que nunca ouviu falar de overdose de maconha. Se fumar muito, “*vai punkar e dormir*”. O que já não acontece com o álcool. É preciso mudar a legislação.

Na área da saúde há uma grande evolução, mas as contradições se mantêm. Reafirma, fumaça faz mal, mas o THC faz mal ? Talvez não. Lembra que muitos países fazem o consumo medicinal e lembra de uma pesquisa que leu que o THC em cérebros em formação faz mal, parece que atrapalha no desenvolvimento. Mas em compensação, segundo Magrinho, a pesquisa divulgou que em cérebro desenvolvidos, faz bem. “*Ela (a maconha) forma uma cápsula envoltória no neurônio que ajuda na sinapse, na conexão neurônio com neurônio, na transmissão de impulsos. Estão provando que é o contrário, que não mata, que não deixa burro. Na verdade aumenta a velocidade de sinapse e forma uma camada protetora que ajuda não matar o neurônio*”.

5.8 Peter Tosh – “*Eu nunca vi nada com bagulho que parecesse com a galera que gosta de cheirar...*”.

Peter Tosh, vinte e sete anos, solteiro, consome álcool, “doce” (LSD), maconha e eventualmente cocaína. A maconha é droga que mais consome, salvo álcool. Apesar da graduação em direito, atualmente Tosh cursa música, dá aulas de música e podemos considerá-lo músico. A relação com a música é estreita. A predileção de Peter Tosh é pelos sons graves e o contrabaixo é seu instrumento inseparável. A música sem o grave é um feijão sem arroz.

Peter fuma maconha há nove anos. O ano de dois mil e um é o ano de referência. Desde esse ano, Tosh começou a ter regularidade em fumar maconha, apesar já ter tido experiência com a erva anteriormente. Tosh nos conta que em sua cidade anterior tinha uns “*maconheirinhos lá, que sempre tem*”, mas que não tinha interesse até então. A partir do momento que veio morar em Vitória, começou a fumar. A curiosidade foi o fator principal. “*Antes saber o que é aquilo do que ficar cheio de ideia errada, achar que é um monstro, que não pode tocar naquilo*”. Tosh morava com uma pessoa que fumava maconha e quando parou de fumar tabaco começou a fumar maconha mais do que fumava antes, quando ocasionalmente consumia. Pegou gosto e assim começou a ter frequência.

O consumo de Tosh, segundo o próprio, é baixo. Fuma sempre “fininho”. Às vezes todos os dias. Normalmente compra vinte e cinco gramas e as consome em um mês. Para adquirir essa quantidade, gasta quarenta reais. Mas com a “seca”, sabe que esse valor varia. A “seca” prejudica na qualidade da erva e no preço. Tem aparecido muita coisa ruim e um colega pegou as mesmas vinte e cinco gramas recentemente por sessenta reais. O dinheiro gasto com maconha é comparado com o dinheiro gasto com bebida. O que gasta em um dia com álcool é o que gasta o mês todo com “bagulho”.

Tosh não se preocupa com a quantidade que consome, mas como consome. Se policia, não pela quantidade, mas pela maneira que consome a erva. Houve uma época que sempre antes de ir para faculdade, quando ia de carro, “fumava um”, e isso era normal. Mas tem uma hora que percebe que não precisa ficar sempre fumando para ir a faculdade. Não precisa mesmo. Peter explica que é melhor “dar um pauzinho” em dado momento do dia do que ficar todo o dia fumando. Não precisa ficar fumando sem necessidade. Quando acontece, o preocupa, pensa que está “dando mole”.

Peter explica que de forma geral, fumar maconha não o preocupa. Nunca viu ninguém viciar em maconha como acontece com as pessoas que consomem cocaína ou crack. Independente de qualquer coisa, essas pessoas precisam dar “um tiro” ou uma pitada no cachimbo. Mas com “bagulho”, consumidores experientes, até mesmo quando tem períodos de “seca” severos, ficam relativamente tranquilos, ficam até querendo fumar, mas se não tem maconha, vai fazer o quê? Vai para casa e dorme. Não tem desespero,

não tem instigação, não é algo “sem freio” como é quando há o consumo de cocaína, por exemplo.

Para Peter nem todos gostam de fumar maconha. Já presenciou situações que alguns amigos colocaram o baseado na roda, depois de algumas cervejas, e um amigo que não fumava, fumou e ficou meio transtornado. Depois disso, nunca mais quis a erva. Outro amigo eventualmente fuma maconha, mas gosta mesmo da cocaína. Alguns não sentem nada, não gostam das sensações provocadas pela erva. Resume, diz que é igual às pessoas que não gostam de café. É gosto.

Tosh também conhece pessoas que fumavam maconha com certa regularidade e súbito, pararam de fumar. Ele mesmo pára eventualmente. *“De vez em quando eu dou uma cansada de assim... Chega dessa porra, fumando direto... Vou dar um tempo nessa merda.... Tem alguns que é motivo de igreja, mulé. E o cara enjoa, a galera vai ficando mais velha, fuma bem menos. É a coisa mais comum, pegar um cara mais velho que já fuma, desde mais novo também, começou depois velho.... É normal o cara não fumar quase nada, ou vai parando, fica um tempão sem... Quando aparece, vai lá dá ‘um pau’, fica só naquilo mesmo, não corre atrás. Chega uma hora que passa, cansa”*.

O consumo feito por Peter Tosh é um consumo mais esporádico, sem uma periodicidade precisa. Tosh não gosta de associar e condicionar a uma tarefa o consumo de maconha. Por exemplo, toda vez que Tosh vai sair para se divertir, ele tem que fumar maconha. Não é assim que Tosh estabelece seu padrão. Para ele fazer sempre esse tipo de condicionamento ou associação é “dar mole”. Acha complicado.

O tempo quando consome é outro. A percepção muda. A concentração foca apenas em uma coisa. *“Rola muito disso. Rola muito de você estar conversando de alguma coisa... Se começar a pensar naquela coisa, quando você vê, você ficou lá pensando na coisa. Você não continua a conversa, você dá a famosa viajada. Essa viajada rola”*. Tosh ainda diz que quando fuma muito, fica meio “mongol”, não consegue fazer nada. Se estiver vendo um filme nessa situação, você deixa de aproveitar muita coisa que passa.

Algumas implicações ruins em fumar maconha são citadas por Tosh. Às vezes alguns “bichos doidos”, uma pessoa que você nem conhece direito, te liga em uns horários impróprios, que você não quer fumar. Às vezes Peter fuma na faculdade, que é um lugar muito fácil para sair e “dá uma bola”. Depois de fumar, volta para o lugar que estava e encontra várias pessoas: professores, amigos, entre outros. Dependente da pessoa, Tosh não quer encontrar aquela pessoa “doidão”. Precisa conversar com a pessoa mais objetivamente, mais consciente, o que sob o efeito da erva é um pouco mais complicado. Por isso que prefere fumar quando não vai precisar ficar preocupado com nada. Tosh dá outro exemplo de situações incomodas: *“Quando você dá uma bola e vai no supermercado. Ta chapado no supermercado e encontra alguém. As vezes você deu mole, não jogou uma balinha, ta com cheiro da parada. E você quando está doidão demais, você já acha que a pessoa sabe que você fumou... Fica naquela, viajando, a pessoa fala e você está viajando pra caralho. (...) Acontecendo direto, aí nego já percebe. Esse tipo de coisa que eu não gosto... Eu prefiro evitar ao máximo. Não chega dar uma paranóia. Eu acho que no começo, que a pessoa fica mais bolada, logo depois que acaba de fumar... O negócio é saber que você tá diferente para tentar manter a aparência, sem ficar dando muito na cara”*.

Tosh convive com várias pessoas que consome maconha em diversos níveis de proximidade. Primos, amigos, pessoas que só conhece em função da maconha. Na verdade, *“Todo mundo, qualquer um, não tem muito limite não”*. Pelo que observa nessa convivência, acha difícil distinguir os “maconheiros” das pessoas que não fumam. Quem fuma acaba fazendo outras coisas que a pessoa que não fuma, mas em decorrência de ter “fumado um”, de estar em outro estado e por isso se sentir sugestionado a fazer outras coisas. Acontece também de ter pessoas que não fumam e gostarem de coisas que as pessoas que fumam fazem muito, como acampar, usar incenso, entre outras coisas.

A família de Tosh sabe que ele fuma e já deu muita “falação” por conta disso. Depois ficou mais ou menos. A mãe é mais preocupada, o pai mais tranqüilo e resto da família acabou sabendo também. Com algumas tias até conversou um pouco sobre isso. Mas nosso sujeito procura fazer as coisas dele para evitar essa “falação”. *“Assim, eu tento fazer as minhas coisas independente disso, até para que ninguém venha jogar na minha cara porra nenhuma. Vai falar, vai, mas disso não. Vai querer falar merda, me*

esculachar por que eu fumo maconha? Não. Me esculacha por qualquer outra coisa, mas não por causa disso daí. Eu me preocupo. Eu acho que estudar, trabalhar é obrigação minha, independente de ter a parada, mas eu acho que eu só fico assim. Eu tenho consciência do que eu faço”.

Tosh gosta de fumar na praia ou em qualquer lugar bonito, se sente estimulado em fumar nesses locais. De manhã é seu horário favorito quando acorda bem. A música ajuda quando tem uma “galera” junta que gosta e está à-toa à tarde. Houve uma vez que Peter estava com os amigos na faculdade. Todos já tinham almoçado, tinha uma guitarra e um violão, aí foi a hora de “fumar um” e foi muito bom. Nessa hora Tosh lembra que mais à noite vai ter um show de raggae, e fica com vontade de ir. *“Música, bagulho. Ragguaezinho, pela amor de Deus. A parada foi feita em cima disso, na Jamaica, aqueles rastas fumando maconha, a música é meio religiosa, vem disso... Vem muito da relação do cara doidão de bagulho fazendo música. A percepção da música é uma percepção chapada. Por mais que de cara você pode arrumar a música, é chapada”.*

Tosh não tem uma rotina precisa para fumar maconha. Houve uma época que estava correndo no calçadão de Camburi e antes de ir gostava de fumar. “Apertava um” antes de correr, ia fumando até um terminado lugar, guardava a “ponta” que sobrava em um pote sob uma pedra, quando voltada da corrida, lá estava o resto do cigarro. Indo para casa fumava o resto. Tosh reconheceu aí uma época em que seu consumo possuía uma rotina, mas não um ritual, já que hoje não faz mais isso.

Tosh gosta de fumar com a “galera” em acampamentos, em lugares tranquilos, ou nas férias. A “galera” é identificada como os amigos mais próximos e não simples conhecidos que se conhece em função da erva. Gosta de jogar vídeo-game ou de ir para um local com um bom visual para fumar, tais como Convento da Penha, Morro do Moreno e Cachoeira da Fumaça.

Peter Tosh considera que algumas atividades não são boas com maconha, como trabalhos que precisam de concentração. Prefere estar sóbrio do que “doidão”. Tosh não gosta de desempenhar certas atividades musicais sob efeito da erva. Embora “fazer um som” com a “galera de bobeira” seja interessante, para ensaiar ou tocar em shows, a

maconha não é bem associada. *“Dependendo da situação, eu prefiro não. Eu acho que viajo muito na coisa ali... Da viagem mesmo que está acontecendo, e pô, eu tenho que ouvir, eu tenho que fazer um monte de coisas ao mesmo tempo, que acaba ficando fora. Se é para curtir é para curtir, se para outras coisas, é para outras coisas. Que nem quando está com os amigos, tocando violão, você ta na curtição. Mas quando você está com uma banda que está tão ensaiada, ta ali no piloto automático fazendo as coisas... E se você curti aquela música de verdade, não está só tocando...”*

Tosh não fumaria no trabalho, salvo se for um trabalho bem tranquilo ou bem de manhazinha. *“Vai trabalhar nove horas da manhã. Você acorda as sete, toma um café, da um pauzinho, bem pequenininho, bem tripinha mesmo, nove horas está trabalhando e tal, não tem problema. Pode ser que atrapalhe, mas nesse caso em um serviço mais tranquilo, rola. E o tal do dosar...”*. Mas Tosh acredita que no trabalho geral pode mais atrapalhar, que no trabalho é preciso processar o que está se fazendo de modo “sóbrio”.

Peter obteve muitas informações sobre a maconha indo atrás delas. Por filmes, internet, documentários. A partir das informações que possui nosso sujeito acredita que consumir “drogas” é só um sintoma de um monte de outras coisas. As pessoas dizem que as coisas ruins estão sempre ligadas as “drogas”, mas é lógico, as “drogas” estão em todo lugar. As informações divulgadas são um simples recorte mal feito da realidade das “drogas”. *“Aí mostra as famílias todas fudidas, pois tem um drogado na família, só fala isso. Só vende essa imagem só. Sem questionar, só... Já tem uma coisa pronta... Toma logo e engole. Botando medo”*. Tosh se considera bem informado, as informações que possui o satisfazem.

O modo com as religiões, as cristãs aqui do Brasil, vêem o consumo de maconha é sempre pelo viés do fanatismo. *“Você tem que ser um robô da igreja deles lá... Dá uma grana todo mês, e toma Jesus, Jesus vai te fazer tudo, você vai para o céu... É loucura essas mais piração... É muito mais fazer uma lavagem cerebral no cara do que qualquer outra coisa”*. Tosh admite que não vai muito a igreja que é difícil ficar falando. Mas considera que as religiões recriminam o consumo, mas sem o terror da mídia. Mas o que está em jogo é a medida. Tem gente que não pode consumir “drogas” mesmo, que tem problemas, assim como acontece com os remédios. *“Não é também uma maravilha, todo*

mundo pode. Calma lá, também não é assim. É só mais uma coisa aí, quem quiser, ta aí”.

Tosh considera que a legalização da erva vai demorar, mas que a situação do consumidor está melhorando, mal mal está melhorando. Tem muitas pessoas de intenção boa, mas vivemos numa democracia e temos que ouvir também os conservadores. Mas mesmo assim já é possível eventos, como a Marcha da Maconha, que não seria possível até pouco tempo.

Na área da saúde, essencialmente, os profissionais querem tratar as pessoas que necessitam. Mas também há os conservadores que querem mandar o cara ficar rezando para trocar a loucura dele de lugar. Mas de forma resumida *“os médicos estão preocupados que quando chega na porta deles, quem chega para eles? o que acontece? o quê que faz aquilo acontecer? Estão preocupados em tratar...”* Mas a atenção médica é restrita para quem tem grana, principalmente na questão das “drogas”. As clínicas particulares enriquecem os médicos, mas na saúde pública pouco se vê essa atenção a consumidores de “drogas”. Os médicos querem colocar o dinheiro no bolso, mais nada.

5.9 Rodrix – *“Diria que noventa por cento das coisas que faço, quando eu to, assim sob efeito da maconha, eu faço de forma mais prazerosa... espontânea”.*

Rodrix, vinte anos, solteiro, consome tabaco, álcool e maconha. A maconha, das ilícitas, é droga mais consumida. Rodrix trabalha como garçom e estuda filosofia. Quando convidado a participar da pesquisa, Rodrix aceitou com disposição. Disse que poderíamos conversar no seu apartamento. No dia marcado fui até sua residência. Uma república de estudantes típica de um bairro universitário. No seu apartamento, antes de entrar no seu quarto para realizar a entrevista, passei pela sala do imóvel que tinha três moradores/amigos de Rodrix que fumavam maconha e jogavam vídeo-game.

Rodrix consome maconha há quatro anos. Um ano antes já havia experimentado. A regularidade no consumo veio de fato de três anos para cá. Antes de fumar já conhecia e convivia com “maconheiros”. Nunca quis e nem ofereceram a ele. Certa vez, em outra cidade, quis experimentar. Procurou alguém que fumava e fumou. A curiosidade foi um dos fatores apontados para experimentar pela primeira vez. Mas Rodrix pensa que as

pessoas podem começar a fumar por influencia de alguém próximo que fuma ou por possuírem problemas pessoais, onde a droga aparece como refugio.

Rodrix classifica seu consumo como alto. Fuma de três a quatro baseado por dia. Gasta em média vinte reais com fumo. Não acha que seja barato. Sempre pega com os amigos cerca de oitenta a cem gramas e divide por três. O dinheiro não faz falta, é gasto com algo que gosta de gastar.

Nosso sujeito trabalha e estuda. Normalmente, *“chego do trabalho fumo de tarde, e esse um no intervalo do trabalho até a aula... E mais uns dois à noite. Ou três depois da aula, na hora de dormir. Dois, depois da aula e na hora de dormir”*. A maneira que consome preocupa um pouco. Fica preguiçoso e falta aula por causa da maconha. Mas a maconha também traz benefícios. Gosta de criar ou na música ou na escrita sob o efeito da erva.

Muitas pessoas rejeitam a maconha em razão do medo da família e do mito criado em cima. O medo da sociedade, de prejudicar a saúde acaba levando a uma série de pessoas rejeitaram a erva. *“Não só os mitos travam essas pessoas, mas em função de que faz mal mesmo”*. Alguns até deixam de fumar em função da pressão social, de ser apontado como maconheiro, de “esparrar” com a família. Na verdade, pensando melhor, nunca viu ninguém que parou de consumir em razão de fazer mal. O que acontece mesmo é a preocupação com outro.

A mente e os músculos de Rodrix relaxam quando fuma. Tem preguiça, fome, vontade de rir. Sob efeito da erva a propensão para criar é facilitada. *“Consigo sentir mais a musica, a percepção musical é melhor. Eu sinto diferença quando crio sob efeito da maconha e quando não estou... Quando estou, facilita um pouco. (...) Diria que noventa por cento das coisas que faço, quando eu to, assim sob efeito da maconha, eu faço de forma mais prazerosa... espontânea. Qualquer coisa, de trocar ideia de sair mesmo, num parque, numa praia, se torna mais legal...”* O paladar se aguça, os sentidos potencializam-se. A maconha não só pode alterar individualmente, mas pode ser funcional dentro de uma sociedade.

Gosta de fumar em festas, principalmente com amigos que normalmente fuma. Mas se sair com os amigos que não fumam, só bebe e está tudo bem. Gosta de fumar na natureza, na cachoeira. Por morar em republica, fuma mais em casa. Mas quando volta para sua cidade, interior do estado, fuma mais na rua.

O hábito de fumar maconha interfere na sua vida social. Para nosso sujeito, pessoas que tem a mente mais aberta não se importam que as pessoas fumem, mas existem pessoas mais conservadoras, quando sabem que você fuma, elas se afastam. *“No meu caso específico, eu sou de cidade pequena, as pessoas sabem muito fácil o que acontece com as outras, as pessoas criam uma antipatia, as pessoas pensam que se você é consumidor, você não pode ter contato com o filho delas, que você não vai ser ninguém na vida, que você não vai estudar, não vai trabalhar. Num lugar pequeno, as pessoas sabem muito da vida um dos outros... Uma hora eles vão saber que você fuma na rua, a sociedade vai saber mesmo, os pais vão comentar uns com os outros, aí fica uma coisa muito pior.* Mas na cidade grande, se verem Rodrix fumando na sua faculdade, por exemplo, a grande maioria não vai reconhecê-lo. Na cidade grande, há uma abertura maior na opinião das pessoas, existe uma facilidade maior em aceitar, talvez não de aceitar, mas de pelo menos não confrontar.

Muitas pessoas que convivem com Rodrix, fumam a erva. E que se observa nesse meio é que as pessoas que fumam são mais abertas, menos “quadradas” para aceitarem as diferenças de sexualidade, religião e sociedade de forma geral. Rodrix conhece pessoas que não fumam e que convivem bem com quem fuma, mas pensa que a grande maioria dos não fumantes se afastam dos fumantes, segrega.

Os pais sabem que fuma. *“Quando descobriram foi aquela coisa, tradicional de o pai ficar puto, de xingar, mas não muito de brigar, de tentar conversar comigo, mas eu tentei muito desmistificar falando o que é mentira, tentei mostrar. Eles não gostam, não falam, fuma! Mas eles também não ficam reprimindo, não chegam a implicar. Eventualmente rola uma discussão com minha irmã mais velha, meus pais são muito liberais e pelo fato de eu não morar com eles, quando eu to na minha casa, eu não faço uso em casa e nem uso na rua, para não chegar doidão e ir conversar com eles. Tento separar”.*

Rodrix ocasionalmente consome e vai para aula. Às vezes atrapalha. *“Às vezes eu fumo, leio um texto ou vou na aula e pego a ideia muito bem. Mas as vezes, não sei se pela quantidade, fica o oposto... Eu vou ler um texto, to na aula e não consigo compreender direito as coisas”*. Normalmente quando fuma, toca música, mexe no computador e fuma alguns cigarros. Mas não fuma antes de trabalhar. Na outra cidade que morava, fumava e ia trabalhar, e nunca faltou o trabalho ou fez o trabalho mal feito por conta disso. Com a escola é a mesma coisa. Para o vestibular, fumou e estudou, e foi para prova após ter fumando, tanto na primeira quanto na segunda etapa. Conseguiu ser aprovado. Novamente Rodrix diz que a maconha dá preguiça, uma indisposição para realizar as coisas. Eventualmente até estimula ao invés de dar preguiça, mas bem menos.

Para Rodrix, dependendo do trabalho, é possível fumar e trabalhar e até produzir mais. Nas áreas de arte, desenho, pintura, música, escritores, jornalismo, entre outras. Mas também pode atrapalhar, vai de pessoa para pessoa.

Rodrix não percebe nenhuma implicação da maconha na sua saúde, mas acredita que deve fazer mal para o pulmão, para o cérebro. Os males do fumo. As informações que tem e o que conhece sobre a maconha buscou em livros, revistas e internet.

De forma geral, a religião interpreta os fumantes como pessoas afastadas de Deus. Censura, diz que é pecadores. A área jurídica ainda vê o consumidor como criminoso, ainda tem que comparecer perante o juiz e ser fichado. Já a área da saúde enxerga um paciente na pessoa que consome maconha. Rodrix lembra do consumo medicinal. *“A maconha na área médica, como uso medicinal ainda é restrito, eu acho que deveria ganhar força. Você tem muito lugar que a maconha é usada para fins medicinais. No nosso país é totalmente proibido, as pessoas não aceitariam. Nem se tivesse um plebiscito mostraram que vários países do primeiro mundo tiveram benefício”*.

5.10 Wanderley – “Às vezes eu fumo um e esqueço que eu tô doidão. É tão normal ficar doido, que eu não lembro que tô doidão”.

Wanderley, vinte e quatro anos, atualmente gradua-se em gastronomia, trabalha como ajudante de cozinheiro e namora. Fuma maconha e haxixe com regularidade. Wanderley foi um dos sujeitos que consegui ter acesso por indicação, pela técnica de “snowball”. No início da entrevista, Wanderley estava tranqüilo, espichado no sofá fumando cigarro (tabaco) e vendo televisão. Antes de começarmos, nosso sujeito sugere que a entrevista ficaria melhor se “fumássemos um”. Acaba perguntando se quero fumar maconha com ele. Recuso e ele acaba desistindo também de fumar a erva antes da entrevista. Não me pareceu que ficou frustrado por não ter fumado.

Wanderley fuma maconha todos os dias há oito, nove anos. Quando experimentou pela primeira vez, tinha onze ou doze anos. Aos quinze começou a ter regularidade. Na época andava com pessoas mais velhas que já saíam, bebiam, e ia “pros rock”. Convivendo com essa galera, começou a fumar direto. *“Eu via eles fumando, eu via que não era que nem eles falavam... O pessoal não ficava violento... Eles sempre falavam que as pessoas ficavam violentas, mudava o caráter, essas coisas... Aí eu vi que não era uma coisa tão assim. E eu já tinha experimentado, eu vi que não era uma coisa tão forte. A pessoa não ficava idiota, retardada, perdia a razão das coisas”.*

A curiosidade ajudou muito em começar a fumar. Outro forte motivo foi o econômico. Antes saía e tomava de dez a quinze cervejas para ficar bêbado. Quando começou a fumar, “fumava um” e tomava três latinhas e já ficava bem, não gastava tanto e não ficava tão alterado.

Atualmente fuma no mínimo três baseados e no máximo cinco, já que está trabalhando. Mas houve época, como em outras épocas na faculdade, que fumava uns dez baseados por dia. Considera seu consumo alto. Para um consumo alto, um gasto alto. Wanderley não considera maconha barata. Comenta que já gastou mil reais por mês com haxixe. Atualmente gasta duzentos reais por mês com a erva, mas diz que depende muito da frequência e da disposição para fumar. A grana que gasta com maconha é *“que nem gastar com carro, com casa, com conta de água, luz, comida. É aquela coisa que tem*

que ter... É grana! Se eu pudesse gastar menos, eu gastaria, com certeza, como todo mundo. Eu sempre procuro coisa boa também, isso acaba encarecendo”.

O consumo que faz não o atrasou em nada na sua vida. Houve épocas que ficou um pouco preguiçoso. Para Wanderley, se você fica à-toa, você se acostuma a ficar à-toa, ainda mais ele que gosta de ficar à-toa. Mas se a obrigação aparece, é tranqüilo. Nosso sujeito não era acostumado a dormir cedo e muito menos a acordar cedo. Dormia as três, quatro da manhã e acordava às três da tarde. Mas hoje, com o emprego e a faculdade, está levantando todos os dias às seis horas da manhã, realizando as suas obrigações e ainda fumando maconha.

Wanderley, nesse longo tempo de consumo, conheceu amigos que “ficaram meio doido”. Algumas pessoas têm uma aceitação maior para maconha, outras não agüentam. Algumas pessoas fazem mais do agüentam e ficam estranhas. Um amigo, por exemplo, além de maconha, consumia doce (LSD) e quando fumava maconha dizia que era índio.

Quando Wanderley fuma fica mais relaxado, mais calmo. Acontece também de fumar dois, três baseados seguidos até ficar sequelado , rindo muito. Wanderley não gosta de estudar, mas gosta de estudar “chapado”. *“Eu odeio estudar. Se eu tiver que pegar um livro para estudar de cara, eu não estudo de jeito nenhum. Mas se eu fumar um, fico concentrado mesmo, a parada viaja, acaba até tendo até mais concentração para aquilo. Quando você ta doidão você fica, você se pega com fixação nas coisas”.*

Wanderley acha muito bom fumar maconha, e algumas pessoas não fumam por isso, têm medo de gostar. Nosso sujeito também pensa que as pessoas que param, param em razão de que enjoam. Vários amigos já pararam, ficaram um tempo sem fumar e depois voltaram. *“Não tem jeito, se você gosta, vai acabar dando uma bolinha”.*

O tempo de consumo também permitiu ao nosso sujeito observar diferenças entre fumantes e não fumantes. Muito da diferença está no estilo. Normalmente quem fuma é mais “largado”. Como Wanderley, que não liga de ir de chinelo a certos lugares, embora a namorada sempre fique perturbando, pedindo para colocar um tênis. Pensando melhor, não vê tanta diferença assim. A maneira de falar pode denunciar ou sinalizar o

consumidor de maconha, mas tem como omitir. Wanderley exemplifica. Diz que em sua turma de faculdade tem um “velhinho” que ele nunca esperava que fumasse maconha. Ficava até preocupado em ficar “esparrando” para o “velhinho” que fumava. Até que certa vez, quando fumava com o amigo, o velhinho pediu “uma bola”.

A família de Wanderley sabe que ele fuma. São religiosos, o pai policial. Os pais *“fingem que não sabem, eu finjo que não fumo e valeu. Às vezes tem discussão, eu sou curto e grosso e acabou. Fumo mesmo e valeu. Não nego, se perguntar eu falo e acabou, como eu já falei várias vezes, como já falei que não vou parar que não adianta. Eles pedem, a gente fica naquela. Tem uma hora que a gente tem que tomar vergonha na cara e assumir. Vai ficar falando que não? Que vou parar? Ficar chegando em casa doidão com medo? Pode ser pior. É melhor falar que fuma mesmo, para não encher o saco, você já sabe e foda-se”*

Nosso sujeito gosta de antes de dormir ir à praia “fumar um” com um amigo, marcar um tempo. Gosta de fumar na companhia de alguém para trocar ideia. Gosta de fumar e ver tevê. É bom fumar sem estar fazendo nada. Mas também é tranquilo fumar e ir para faculdade, “é de boa”, até ajudar a aprender. Mas preferencialmente, gosta de fumar em um lugar calmo. Se estiver fazendo muita coisa, se embaralha. Gosta comer e fumar. Mas atualmente com o trabalho não fuma mais na hora do almoço. Tem pouco tempo para fumar e deixar “a onda” dar uma acalmada. Prefere descansar ao invés de ir até a praia para fumar a erva. Daria muito trabalho também.

Wanderley não fuma antes de ir para o trabalho. Não é em razão de que vai chegar lá e não vai fazer nada, é mais questão de consciência, de saber a hora certa, de não ficar “esparrando”. Mas considera que seja possível consumir maconha, trabalhar, fazer faculdade, entre outras atividades. Só não associa o tempo de trabalho com o tempo da maconha, prefere separar. Além disso, pensa que *“tem certas horas que é bom você ficar mais na sua, nem todo mundo precisa ficar sabendo disso. Tem uma hora que você tem que manter o respeito”*.

O trabalho na cozinha requer muita concentração. Até daria “umas bolas” ocasionalmente, mas sempre não dá. Mexe com faca, panela quente, é tudo muito

dinâmico. No trabalho já houve situações que considera que sairia melhor se não tivesse consumido, por isso mesmo que não fuma mais para ir trabalhar.

O conhecimento que possui sobre maconha adveio da droga em si. Você começa comprando “dolinha”. Chega uma hora que só comprar “dola”, é prejuízo, fica caro. Aí você precisa descobrir como pegar cinqüenta gramas. Aí você descola um “brother” que pega a “cinqüentinha” para você. *“Geralmente as pessoas, param, vão presas, aí você acaba procurando outras coisas, acaba descobrindo mais gente, conhecendo mais gente. Pô, como maconheiro, o povo todo se conhece, você fuma maconha, você conhece todo mundo, nunca vi igual”*. A informação que possui sobre maconha o satisfaz, já que sabe sempre quem tem maconha e quem não tem.

Wanderley considera que fumar maconha prejudica a sua saúde. É fumaça, por mais que falam que é natural, mas não é assim. A maconha é prensada, cheia de amônia. Comenta que uma amiga foi plantar a erva a partir de uma semente que conseguiu comprando maconha prensada. Quando começou a nascer, nasceu tudo quanto é coisa, várias plantas, além da maconha. Tem muita mistura. Considera que a maconha prensada faz mal como cigarro, mas nem tanto.

Para Wanderley as religiões gostam de falar o que é certo ou que é errado, mas ele mesmo não está nem aí para elas. O que eles querem é alienar a pessoa para congregar para a própria religião. Nosso sujeito prefere ser alienado na maconha ao invés de ser na religião. Já a área jurídica é pensada como algo que precisa ser como era antigamente. A lei tem quer ser a moda antiga, não pode ser moderna. Wanderley pensa que se tem maconha para fumar a culpa não é dele e não é ele que tem que pagar por isso. A culpa é deles, eles que são incompetentes. *“Eu não vou deixar de consumir, se não tiver aqui, eu vou para Argentina. Planto meu pé lá, fico lá felizão. Minha mulé quer ir para lá, então jurídica é isso. Para disfarçar a incompetência deles”*. Na área da saúde nosso sujeito ressaltava as propriedades medicinais da erva. Muita coisa dá para tirar da maconha. Por exemplo, para uma pessoa hiperativa, seria um ótimo terapêutico. *“Depois que eu conheci a maconha, acalmei de um jeito tão bom. Calmante é química pura hoje em dia, ta certo que é tirado muito coisa da natureza. Mas se tivesse um xarope de maconha, eu ia tomar, amarradão”*.

6. DISCUSSÃO

6.1 Circunstâncias no início e progressão no consumo

O grupo investigado atribuiu como droga ilícita mais consumida a maconha e a droga lícita o álcool, sendo o tabaco consumido em proporção menor. Outras “drogas” são citadas em consumo esporádico ou social, sem a regularidade da maconha. Cocaína, haxixe e LSD (“doce”) são as “drogas” mais consumidas esporadicamente. Ainda houve, com menor frequência, referências ao “êxtase”.

A esse respeito, assim como também foi observado por VELHO (1998), entendemos que o grupo considera o consumo irregular de “drogas” como cocaína e LSD como “consumo aceitável”, certa tolerância é assumida. Mas a regularidade em consumir tais “drogas”, assim como o crack, pode ser vista como um “consumo ruim” ou como um grau de dependência preocupante, característica de um consumo não regular ou “normal”, ou seja, um consumo desviante. Certa valoração aparece e tais formas de consumo são indicadas como aquelas com as quais o grupo não se identifica ou não possui como referência. Tal fato pode indicar, na lógica desse grupo, um “controle” exercido, uma norma de constituição grupal, capaz de incluir ou não determinados sujeitos e situações de consumo, por fim, uma representação social orientadora da prática de consumo dos entrevistados.

A primeira experiência com a erva em termos de idade ocorreu na idade mínima de 12 à idade máxima de 21 anos de idade, o que aponta que a iniciação não acontece invariavelmente na adolescência como alguns estudos sugerem (ver, por exemplo, JUNGERMAN, 2005; MAGALHÃES, BARROS, SILVA, 1991 e RIGONI, OLIVEIRA, VALENTE, et al, 2007). Nos relatos dos participantes, os motivos principais associados à primeira experiência foram a curiosidade e a influência da “galera”, do grupo ao qual os sujeitos estavam inseridos. A “galera” trata-se da comunidade imediata dos consumidores, tais como amigos, primos, irmãos, que “iniciaram” os sujeitos no consumo. Pessoas que funcionaram como instrutores do aprendizado de consumir a erva.

Não é incomum na literatura a presença de estudos que postulam a influência de amigos, família e comunidade imediata do sujeito influenciando a primeira experiência de consumo de substâncias como o tabaco, o álcool e outras “drogas” (VIERA, AERTS, FREDDO, et aliae, 2010). Mas Bastiãozinho, João Bosco e Castaneda ressaltam que, embora conhecessem ou convivessem com pessoas que consumiam maconha, a decisão pelo uso foi iniciativa própria, menos associada ao coletivo, para adquirir informações sobre a maconha e experimentá-la, caracterizando uma iniciação não grupal.

Apesar disso, consideramos que, no desenvolvimento do consumo de maconha, a vivência coletiva de consumir e a convivência com outros consumidores mais experientes no consumo de maconha são essenciais na medida em que através delas, regras, valores, técnicas de consumo, lugares apropriados ou não para consumir, fontes de fornecimento da erva, desenvolvimento de estratégias para manter o consumo em certo controle, entre vários outros processos, são compartilhados e aprendidos pelos consumidores iniciantes.

Além disso, os consumidores mais experientes são aqueles que permitem aos iniciantes relativizar os “temores” e tornam a experiência de consumo da erva mais acessível. Pode-se pensar na existência de certo “ritual de iniciação” no qual são ensinados procedimentos básicos para fumar ou para se comportar no momento do consumo. Via de regra, tais elementos são informalmente trocados entre os consumidores, caracterizando e possibilitando gradativamente a seqüência de aprendizado essencial para transformar a experiência de fumar maconha em algo prazeroso, etapa fundamental para a saída do consumo experimental e ocasional para o de estabilidade, que possui regularidade (BECKER, 2008).

A iniciação ao consumo normalmente acontece, conforme citado pelos entrevistados, através de redes de amigos, irmãos, primos, o que sugere algum tipo de influência destes. Entretanto não podemos afirmar que tais sujeitos foram “forçados” a consumir a droga. A afirmação da ideia de submissão ao grupo como único fator de influência para o consumo não nos permitiria explicar a razão pela qual algumas pessoas, após as experiências com a erva, não desenvolvem um consumo regular, adotando um padrão de

consumo ocasional ou simplesmente não consumindo mais. Ou seja, padrões de consumo diferenciados ou mesmo a ausência de consumo, após a experimentação, não seriam possíveis em função da coerção coletiva (MACRAE E SIMÕES, 2004).

Conforme afirmam MACRAE & SIMÕES (2004, p. 51) a questão sobre os motivos que levam a consumir certa droga é complexa e não nos permite explicações generalizadas recorrendo “ora à formulação genérica de determinados traços psicológicos individuais - tais como impulsos escapistas, incapacidade de enfrentar a realidade, etc. - ora à força coercitiva das ‘normas grupais’”.

Na maioria dos relatos dos sujeitos fica evidente que na época da primeira experiência, e até em momento anterior a esta, todos já possuíam certos conhecimentos ou ideias sobre a erva, originados por vias midiáticas, familiares, campanhas anti-”drogas”, escolas ou mesmo pela convivência com pessoas que consumiam maconha. Alguns ainda relatam que antes de sua iniciação ao consumo informações foram buscadas, seja por revistas, internet ou em apresentações de seminários na época de faculdade. Pode-se considerar tal comportamento como possível estratégia de tornar o objeto maconha mais acessível, mais próximo, reduzindo “temores” e adquirindo conhecimento supostamente mais preciso a seu respeito. Com isso as expectativas sobre os efeitos e alterações seriam mais bem consideradas.

A partir de então certas noções teóricas sobre maconha foram construídas. Noções abstratas, não vivenciadas e experimentadas, no máximo observadas através do consumo de pessoas próximas. Fato de destaque é que havia certo consenso de que as informações que possuíam, na grande maioria das vezes, após a primeira experiência, ou seja, em função da real vivência do objeto, mostraram-se equivocadas, seja pela “fantasia” criada acerca do consumo, ou seja, pelos tons alarmistas e dramáticos veículos em concepções sobre o consumo. A primeira e as progressivas experiências permitiram, portanto, testar as concepções iniciais assim como contrapor as informações e noções “oficiais” ou hegemônicas na sociedade com um todo sobre a maconha (MACRAE & SIMÕES, 2004a).

A curiosidade em consumir a erva apareceu com duas conotações: a primeira associada à experimentação de coisas novas, ao conhecimento de novas perspectivas sobre o mundo, de aumentar a percepção sobre o mundo. Nesse caso, o significado não indica fuga da realidade, algumas vezes associado com perdas de referências tais como família, religião e instituições. A segunda conotação apareceu em sentido mais usual, de saber o que é fumar maconha, quais efeitos e alterações seriam causados, como seria a “onda”, ou seja, de acabar com a curiosidade, de sair de uma concepção abstrata do que é maconha para a vivência. Outros motivos foram citados e todos faziam referência a certa curiosidade em função do não conhecimento do que era consumir maconha.

Importante registrar que até alcançar o padrão de consumo atual, os sujeitos destacaram um processo gradual de progressão de consumo e não a frequência imediata. O tempo individual de uma etapa de consumo para a outra, obviamente foi variado, em função do empenho em querer consumir a erva e manifestação de oportunidades. O crescimento gradual na quantidade fumada até a frequência atual não ocorreu sem intervalos. Esses intervalos entre a primeira experiência e a seguinte não ocorreram em igual periodicidade. Como exemplo, para Bastiãozinho o tempo foi de um mês a dois entre as experiências iniciais. Nessa sucessão de experiências, os intervalos deixaram de ser irregulares e posteriormente adquiriram regularidade.

6.2 Aquisição, Distribuição e Classificação.

Inicialmente inserimos abaixo um quadro que resume as informações sobre o consumo dos sujeitos (Quadro 1).

Nome	“Auto-classificação” do consumo	Classificação traduzida em “baseados” por dia	Quantidade comprada em gramas	Tempo gasto até consumir a quantidade comprada	Dinheiro gasto em média na compra da erva	Considera barato ou caro
Bastãozinho Da Laerte	Médio	1 “baseado” por dia	50 gramas	2 meses	50 reais por mês	Barato
Benjamim	Médio	2 vezes por semana	50 gramas	Mais de 2 meses	50 reais em tempo variado	Barato
Castaneda	Médio	2 vezes por semana	Varia	1 mês	20 a 30 reais por mês	Barato
Clóvis Bernado	Alto	1 a 2 “baseados” por dia	50 gramas	1 mês a 1 mês e meio	70 reais	Barato
João Bosco	Médio para alto	Média de 3 “baseados” por dia	Varia	Varia	50 reais por mês	Barato
Leo	Alto	De 3 a 4 “baseados” por dia	50 gramas	15 dias	60 a 70 reais por mês	Caro
Magrinho	Baixo	3 vezes na semana	12,5 gramas	Quase um mês	25 reais por quase um mês	Caro
Peter Tosh	Baixo	Às vezes todos os dias e às vezes não	25 gramas	1 mês	40 reais	Barato
Rodrix	Alto	3 a 4 “baseados” por dia	Média 30 gramas	1 mês	25 reais por mês	Caro
Wanderley	Alto	3 a 4 “baseados” por dia	Não especificado	Não especificado	200 reais por mês	Caro

QUADRO 1 – Resumo das informações de consumo

A esse respeito questões sobre quantidade comprada e as situações associadas, o dinheiro gasto e a percepção do dinheiro gasto, assim como a classificação do consumo feita pelo próprio entrevistado foram investigadas. É interessante atentarmos para a questão de aquisição da erva. O status ilegal da maconha, como é de se supor, incide diretamente na sua comercialização e no seu porte, o que por sua vez gera entre os consumidores redes e laços informais com pessoas que possuem a maconha ou que possuem “contatos” ou “canais” para adquirir a erva para consumo.

Observa-se que essas redes e laços ou grupos de pessoas que consomem maconha são essenciais para que alguém mantenha um consumo regular de maconha, já que, conforme aponta Becker,

A pessoa usa a droga quando está com outras que têm fornecimento, quando esse não é o caso, o uso cessa. (...) à medida que a pessoa se torna mais identificada com esses grupos, e é vista como mais digna de confiança, o conhecimento necessário e apresentações a traficantes tornam-se disponíveis para ela. Ao ser definido como integrante de um grupo, um indivíduo é também classificado como alguém que pode ser seguramente considerado capaz de comprar “drogas” sem pôr os outros em risco (BECKER, 2008, p. 72)

O consumo regular de maconha só é possível, pois, quando o consumidor tem acesso a fontes estáveis de fornecimento e não só consome maconha em encontros ocasionais com outros consumidores. E para conseguir tais fontes é preciso estar “inserido” em tais redes que possibilitam esse acesso. Entretanto, não se deve ignorar que isso é influenciado pela possibilidade de ser preso pela aquisição da erva e pelas demais punições associadas à aquisição, distribuição e porte de maconha.

Ao observarmos a indicação de compra mensal feita por nossos entrevistados, notamos a variação de quantidade de maconha adquirida. Essa variação ocorre em função da quantidade consumida e das oportunidades e situações favoráveis ou não favoráveis para compra, como por exemplo, “períodos de seca” em que o fornecimento ou distribuição da erva é extremamente racionalizado.

Essa escassez provavelmente relaciona-se ao forte empenho direcionado dos órgãos competentes para apreender grandes quantidades de substâncias consideradas ilícitas. A esse respeito, lembramos que a política anti-drogas vigente no Brasil caracteriza-se por

– Buscar, incessantemente, atingir o ideal de construção de uma sociedade protegida do uso de drogas ilícitas e do uso indevido de drogas lícitas; Reconhecer as diferenças entre o usuário, a pessoa em uso indevido, o dependente e o traficante de drogas, tratando-os de forma diferenciada. Tratar de forma igualitária, sem discriminação, as pessoas usuárias ou dependentes de drogas lícitas ou ilícitas.; Buscar a conscientização do usuário e da sociedade em geral de que o uso de drogas ilícitas alimenta as atividades e organizações criminosas, que têm, no narcotráfico, sua principal fonte de recursos financeiros; [entre diversos outros] (CONAD, 2005, s/ pág.)

Nesse estudo a escassez foi comentada pelos entrevistados e boa parte do grupo considera que a situação atual no fornecimento da erva está muito ruim para o consumidor como há tempos não se observava. Além da dificuldade em se encontrar a

erva, os preços usuais estão inflacionados pela escassez, pelo maior risco assumido pelos “distribuidores”, em função de uma maior vigília dos órgãos competentes, e a qualidade da maconha que está aparecendo é inferior à que circula habitualmente.

No grupo, a quantidade mais citada de compra são cinquenta gramas adquiridas em valores que variaram de cinquenta a cem reais. Alguns consomem tal quantidade em dois meses, outros em duas semanas, outros compram e dividem em quatro partes iguais para amigos consumidores, dando manutenção às redes e laços de consumo. Alguns não compram mensalmente. Quando compram, o fazem na quantidade de cerca de vinte e cinco gramas para o consumo por mais de dois meses. Wanderley foi que relatou o maior gasto, duzentos reais mensais. Nesse caso, além do gasto com maconha estava embutido nesse total o consumo de haxixe, que normalmente possui um preço mais elevado do que a maconha. Além disso, a maconha comprada, conforme relatado, era de uma qualidade superior, o que aumentaria o valor final mensal.

O nível percebido de consumo também foi objeto de estudo dessa pesquisa. Os próprios sujeitos classificaram o seu consumo em termos de baixo, médio ou alto. Foi solicitado, então, que tal classificação fosse traduzida em quantidade de “baseados” fumados. Como se pode observar no Quadro 1, a auto-classificação mais utilizada pelos sujeitos foi a de consumo Alto, seguida de Médio e depois Baixo, sendo que João Bosco fez uma menção de Médio-Alto. Wanderley, Leo e Rodrix fazem o maior consumo nesse grupo e na classificação Alto, relataram fumar em média quatro “baseados” por dia. Na mesma classificação, o que menos consome, Clovis Bernado, fuma um a dois “baseados” por dia. Entre aqueles que classificaram o próprio consumo como Médio, encontram-se relatos de consumo variando de um cigarro de maconha por dia a dois cigarros por semana. Os sujeitos que classificaram seu consumo como Baixo, como Magrinho e Peter Tosh, informaram fumar três vezes na semana e às vezes fumar todo dia e às vezes não, respectivamente.

Conseguimos verificar a partir dessa “auto-classificação” a falta de precisão entre os consumidores do que é Baixo, Médio ou Alto consumo. O que parece estar em jogo não é propriamente a quantidade fumada, mas a maneira como se fuma, a qualidade no consumir. Outras lógicas e fatores não quantificáveis parecem ser assumidos pelos

consumidores ao se auto-classificarem. Para ilustrar o que dizemos, Magrinho relatou realizar um baixo consumo fumando cerca de três vezes por semana. Se tomarmos tal consumo como referência, hipoteticamente e em termos de quantidade, seria plausível assumir como um consumo Médio o dobro dessa quantidade, ou seja, seis vezes por semana ou quase todos os dias e assim sendo, o consumo Alto, seria aquele de mais de um “baseado” de maconha por dia. Contudo, alguns entrevistados, como Benjamim, disseram realizar um consumo Médio fumando duas vezes por semana, o que seria uma quantidade até mesmo inferior a quantidade baixa do consumo tomado aqui momentaneamente como referência.

Considerando o exposto acima, nos permitimos concluir e afirmar que a quantidade de consumo percebida não se liga necessariamente à quantidade numérica de consumo (em termos de número de vezes que se consome), embora esta não seja desconsiderada como mais um dos elementos determinantes de tal percepção. A partir da variação na “auto-classificação” que detectamos nesse estudo, outros elementos podem ser admitidos. Poderíamos supor, por exemplo, que tal percepção está ligada à forma com a qual a erva é consumida, às situações de consumo, ao tipo de droga consumida, à quantidade utilizada, às características pessoais do consumidor, às expectativas em relação aos efeitos, entre outros.

Na tentativa de solidificar esse argumento, observamos que os consumidores que possuem consumo Alto assumiram que eventualmente exercem não todas, mas algumas atividades laborais e de estudo sob o efeito da erva. Aqueles que se classificaram em padrão Médio consumo, embora não tenham negado a possibilidade de fumar para algumas atividades ligadas ao trabalho ou estudo, afirmaram preferir consumir em atividades prazerosas, de lazer, de “celebração da vida”, afirmando que maconha não é droga de trabalho. Benjamim, um dos consumidores médios, relatou ainda que a experiência em ter fumado no trabalho foi ruim, que não repetiria.

Nesse caso, a situação de consumo relaciona-se ao contexto e às atividades desempenhadas. Se a maconha for fumada no lazer, o descompromisso é maior, o que não aconteceria em um ambiente de trabalho que requer concentração, em que a ameaça

de descobrirem que se consome maconha é maior, em que o rendimento poderia ser alterado.

Contudo, ressaltamos que não nos fica claro qual é a medida precisa do que é um “baseado”. Alguns consumidores podem considerar um “baseado” um cigarro com cerca de dez centímetros de comprimento e dois de diâmetro, enquanto outros consumidores poderiam alterar esses valores para expressarem o que seria um “baseado” para eles. Entender as lógicas associadas à percepção da quantidade consumida é um empreendimento complexo e demandaria estudos mais específicos para a sua compreensão total.

Outra questão importante que apareceu relacionada à questão do consumo de maconha foi o dinheiro gasto para adquiri-la. Boa parte do grupo acha que maconha é barato. O dinheiro gasto não é percebido como algo que faça falta no orçamento no final do mês. Poucos mencionaram o fato de que em meses que o orçamento está “apertado”, essa “grana” pode vir a fazer falta. Os que consideram a erva barata usualmente comparam seu preço ao valor de outros consumos, como água, luz, telefone, cerveja, cigarros, restaurantes, e entretenimentos de forma geral. Considerando a comparação feita da maconha com água, luz e telefone, pode-se interpretar que para esses sujeitos, a maconha é tão importante quanto os outros elementos que compõem o cotidiano da vida urbana. Nessas comparações o preço da erva é sempre mais barato do que os demais. Além disso, a classificação “barata” também foi relatada em função da partilha do valor da quantidade comprada, já que não é incomum dividir, por exemplo, cem gramas em quatro partes iguais.

Há uma disposição comum no compartilhamento da erva.

Também nesse aspecto as redes de consumo de maconha são mais “amenas” que as de outras substâncias psicoativas ilícitas, como a cocaína, por exemplo: esta costuma cercar-se por interesses e cálculos muito mais egoístas, seja no plano da aquisição, seja no do consumo. Entre consumidores de maconha, em contraste, é bastante comum o fornecimento gratuito e recíproco de pequenas quantidades (“fazer presenças”), prática essa vista como reiteradora de laços de amizade e comunhão entre os consumidores (MACRAE & SIMÕES, 2004, p.78).

Para os sujeitos que consideram a maconha um produto caro, conforme foi observado, é provável que assim avaliem pelo fato de gostarem de adquirir produto de “qualidade superior”. Um dos participantes relatou que acha caro atualmente já que em outras épocas o valor era inferior e a quantidade comprada pelo valor atual era expressivamente maior. Alguns disseram preferir plantar a erva, já que o plantio não apresenta maiores dificuldades: além da economia feita, as situações de compra, que incomodam pelos riscos associados, poderiam ser evitadas. Com o plantio, os consumidores ganhariam também na qualidade da erva, já que não é incomum a mistura com outras plantas e conservantes químicos, como amônia, o que prejudicaria na “onda” e na própria saúde.

6.3 Padrão de consumo

Uma questão interessante que nos chamou atenção ao nos debruçarmos sobre os dados analisados foi o “padrão de consumo” típico desse grupo. Obviamente, padrão refletido não a partir de classificações científicas, mas pensado a partir das respostas dos próprios consumidores. Identificamos certo tipo de discurso muito comum entre os entrevistados de não localizarem o próprio consumo como sendo um consumo experimental, já que possuem regularidade semanal para o mesmo. Contudo, não o classificaram como consumo abusivo, cujas características denotam certas práticas não apontadas ou repelidas pelo grupo. Tais práticas abusivas são referidas como um tipo de consumo que deve ser evitado ou que não é de referência para grupo. E a partir desse elemento facilmente encontrado no discurso dos participantes, consideremos os consumidores abusivos o exogrupo para o grupo de consumidores regulares de maconha entrevistados nessa dissertação.

Se não é experimental, nem abusivo, seria então um tipo de consumo que se localiza entre uma concepção e outra, identificado como um meio termo entre esses dois padrões. Na verdade, o grupo pouco comenta sobre práticas experimentais em sua vivência de consumo. Assumimos que não há identificação e prática desse consumo, já que o grupo consome periodicamente maconha, o que não condiz com um consumo experimental e aperiódico, e até mesmo ocasional. Em contrapartida, o consumo abusivo é amplamente comentado como uma referência contrária ao seu próprio, como o tipo de consumo cuja

prática deve levar à preocupação, pois seria “patológico”, típico de “dependentes químicos”, ou seja, negativamente valorado.

O consumo de maconha praticado por esse grupo, ou seja, o padrão de consumo, foi sempre referido como aquele que não é feito invariável e arbitrariamente em qualquer situação. Na verdade, o elemento que distingue principalmente esse padrão de consumo, típico de consumidores regulares, é a consideração de uma série de circunstâncias que seriam apropriadas para o consumo, não sendo, deste modo, generalizado, sem regras e normas. Tais circunstâncias seriam, por exemplo, as atividades sociais que serão desempenhadas após o consumo, limites ou controles sociais que não permitem o consumo ininterrupto, situações em que o consumo acontecerá, entre outros elementos considerados que procuraremos discutir nessa parte do texto. Supõe-se que esses elementos influenciem fortemente a decisão de fumar e funcionem como “modeladores” desse padrão. Em função ainda destes elementos o consumo pode não acontecer quando as condições não são consideradas “apropriadas”.

Não é incomum o consumidor identificar seu consumo como “hábito”, e não “vício”. O primeiro pressupõe certa autonomia e controle sobre a vontade de fumar, podendo não ocorrer em função das condições apresentadas. Já no segundo, essa autonomia e controle são sobrepostos pela necessidade de realizar o consumo, situação em que as condições para que este aconteça nem sempre são levadas em conta, caracterizando um padrão de consumidores abusivos, segundo a interpretação dos entrevistados.

Clóvis Bernado, por exemplo, admitiu certo grau de dependência, mas tal dependência não é entendida como aquela em que deixaria de se alimentar, de pagar as próprias contas, ou mesmo abandonaria tudo para conseguir a maconha. Entendemos ser uma tentativa de justificar a própria prática de consumo, argumentando que o padrão abusivo típico de “viciados” não é pessoalmente vivenciado por eles. Esse padrão abusivo, por sua vez, não considera riscos, condições e conseqüências associadas para aquisição da erva. Alguns ainda identificaram essa dependência como psicológica e não química. Nesse ponto nos remetemos ao processo de comparação social de que nos fala Tajfel (1983), que torna possível não só a valorização positiva do endogrupo, (consumidores estáveis de maconha), como a negativa do exogrupo (consumidores abusivos de maconha e outras drogas) (TAJFEL, 1983).

Procuraremos ilustrar esse ponto com uma série de relatos que simbolizam tal identificação de consumo, assim como buscaremos mostrar as condições consideradas para que o consumo não aconteça ininterruptamente. Bastiãozinho e João Bosco, por exemplo, afirmaram que quando acordam, eventualmente têm vontade de fumar, mas que não necessariamente o fazem, já que as atividades que ocorrem ao longo do dia devem ser consideradas. E mesmo não fumando, na ausência da maconha, não deixam de realizar as suas obrigações e responsabilidades sociais. A ausência eventual também deve ser considerada já que, como já exploramos, os “períodos de seca” são freqüentes, fazendo o consumidor adaptar-se a essas condições ou criar estratégias para evitar a falta de maconha.

O que parece preocupar os consumidores entrevistados é a perda do controle do próprio consumo, o que eventualmente para alguns de fato acontece, sendo relatados prejuízos na sociabilidade. Mas ao que parece tal condição é contornável e os consumidores entendem que o excesso de maconha elimina o prazer proporcionado – que é a motivação maior. Nesse sentido, procuram poupar-se de perder a satisfação gerada pelo consumo não ignorando completamente essas regras e condições, caso contrário o consumo seria excessivo e o prazer perdido. Não podemos deixar de ressaltar que tal noção funciona, em alguma medida, como certo controle.

Como relata Magrinho, a condição típica de um consumo não abusivo, nem experimental é a seguinte: trata-se de ter um momento específico para fumar maconha, e não fumar em possibilidades inesperadas, ao acaso. Para Magrinho, ao fumar maconha é preciso ter um tempo posterior específico para deixar suavizar a “onda que bate”. É preciso uns dez minutos, ter tempo suficiente para conversar um pouco após o consumo, descontraír, não ser dominado pela “onda”. Afirma ainda que não há prazer no consumo que é realizado e seguido de saída com pressa, sem dar tempo de sedimentar com calma a experiência de ter fumado. Ainda sobre esse relato, Magrinho diz escolher as situações em que quer fumar e descarta momentos que considera inoportunos para o consumo, negando os convites fugazes e furtivos para fumar a erva.

Outra condição considerada importante para delimitar esse padrão típico de consumo é a que diz respeito aos procedimentos realizados para se enrolar um cigarro de maconha. É importante considerar a quantidade de papel para enrolar, o papel apropriado, evitando-se o “papel de pão” ou guardanapo, a separação de sementes e gravetos da maconha, a qualidade da maconha, entre outros procedimentos habituais ao se fazer um “baseado”. Se tais condições não estiverem apropriadas, para Leo, por exemplo, não há o consumo, sendo deixado para depois. É importante esclarecer que essas condições consideradas podem ser “respeitadas” em maior ou menor grau, ou mesmo algumas sim e outras não, mas sempre identificamos a presença das mesmas.

Duas nuances adicionais observadas nos relatos nos permitem dar mais precisão à noção de um padrão de consumo que não é ocasional ou abusivo. A primeira delas é a forma como os consumidores entrevistados enxergam o consumo de outras drogas, que não a maconha. A segunda, mais explorada, é como pensam o que seria um comportamento típico de dependência química. Esta é vista como a necessidade de ter a droga para consumir, sem a possibilidade de sua falta, mas também pode ser entendida como a necessidade da droga para realizar todas as atividades, na ausência da qual a atividade não é ou é parcialmente realizada. Nos relatos dos nossos sujeitos foi possível verificar que não deixariam de realizar as suas obrigações diárias caso acordassem com vontade fumar e não fumassem (por não terem maconha, por exemplo). Tomam esse como um exemplo que os distinguiria do grupo de consumidores abusivos. Outro exemplo utilizado para reforçar a noção de controle sobre o próprio consumo foi dado por um dos entrevistados: ele afirmou ser mais fácil ficar sem a maconha do que sem o álcool, evidenciando uma influência superior do segundo em sua sociabilidade quando comparado com o primeiro e relativizando a necessidade da maconha. Aqui também nos fica evidente os comportamentos de valorização positiva do endogrupo em detrimento do exogrupo em que “frequentemente as pessoas tinham a tendência de estereotipar mais os membros dos grupos de não pertença do que os membros dos grupos aos quais elas pertencem” (DESCHAMPS & MOLINER, 2009, p.67).

A definição de dependência química empreendida pelos consumidores não é reconhecida pelos próprios como o tipo de consumo que praticam. Esse fato, por sua vez, mostra-nos que os consumidores não enxergam tal grau de dependência na sua relação com a erva.

Não nos custa repetir que alguns se consideram dependentes, mas nenhum afirma este grau. Novamente, mais um elemento identificado no discurso dos entrevistados corrobora essa noção de “consumidor regular de maconha” como sendo aquele que se identifica com uma experiência de consumo não abusiva.

Também foi observada uma comparação comum aos sujeitos entre o consumo habitual de maconha e o que seria o mesmo consumo de outras “drogas”. Bastiãozinho, Clóvis, Leo, Peter Tosh e Wanderley exploraram essa comparação, sempre ressaltando que se mantivessem o mesmo consumo que fazem de maconha com a cocaína, ou mesmo com o crack, facilmente desenvolveriam dependência química. Eles lembram a real possibilidade de overdose com outras “drogas”, o que não é admitido ou mesmo notado no consumo de maconha. Mais uma vez verifica-se a referência assumida pelos entrevistados, para que através de outra forma de consumo possam definir a sua própria. Ou seja, há uma definição do padrão de consumo pessoal determinado não pela prática exercida, mas pela prática e experiência de consumo não vivenciada, que seria a de consumo abusivo.

O que parece ser o “pano de fundo” dessa discussão é que os consumidores entrevistados entendem administrar essas pressões e controles sociais de um modo não impeditivo para o consumo. De fato, não foi incomum nos relatos dos entrevistados a seguinte reflexão: as pessoas que não fumam maconha ou mesmo aquelas que fumavam e deixaram de fumar, assim o fizeram em função de certos controles sociais e valores considerados superiores ao prazer ou à vontade de fumar. Aqui podemos citar alguns desses valores e controles sociais que, para os entrevistados, podem ser determinantes para a decisão de não consumir maconha: pressão da comunidade mais próxima, estereótipo de “maconheiro”, valores familiares, falta de prazer, não identificação com a “onda” proporcionada, gostar de outras drogas, conseguir sentir satisfação de outro modo, influência das políticas anti-drogas, mitos associados à maconha, trabalho e carreira, romance, não gostar perder “autonomia” sobre a consciência, “demonização” gerada sobre a droga e o consumidor, valores religiosos, enjoar da erva, envelhecer, e influência ruim sobre a vida social de forma geral.

Fica claro a partir do relato dos consumidores entrevistados que todos eles lidam ou lidaram em alguma medida com a “pressão” que os elementos citados acima exercem, mas que a forma de “administrá-la” permite que mantenham seu consumo. É importante entender que não se trata de nos perguntarmos se tais elementos são de fato mecanismos de controle eficientes. Como possibilidade, cabe-nos investigar como os consumidores lidam com esses controles. Com isso, não estamos postulando ou sugerindo a renúncia a todas e quaisquer medidas de controle. O que se pode fazer é, a partir da investigação desses controles dos consumidores de maconha,

(...) levar em conta os controles já existentes e seus campos de aplicação, assim como outros recursos, de vários tipos, que poderiam ser mobilizados para seu aperfeiçoamento. Assim como preconizam os adeptos das políticas de redução de danos relacionados ao uso de “drogas”, pode-se atentar para as estratégias já empregadas pelos consumidores e tentar limitar os efeitos indesejáveis através de uma múltipla abordagem, reservando um papel importante para a mobilização das suas próprias redes de sociabilidade, tal como em vários países vem fazendo em relação a droga lícitas como o álcool e tabaco (MACRAE, 2003, p. 7).

Os controles próprios do grupo por nós identificados serão discutidos adiante detalhadamente no tópico dessa discussão reservado a eles. A ideia de um padrão de consumo típico desse grupo poderá ser reforçada ainda quando discutirmos as atividades associadas ao consumo e as não associadas. Veremos que há uma série de limites que não são ignorados pelos consumidores, principalmente nas atividades desempenhadas após o consumo. Além disso, iremos discorrer sobre a não percepção de muitos consumidores de um ritual e rotina fixos para o consumo, o que acontece muito em função dessas limitações e controles, não sendo possível adequar os horários das atividades diárias ao consumo, ocorrendo o inverso, o que por sua vez, estabelece uma rotina ou ritual muito variado.

Por fim, foi possível observar nos relatos uma preocupação por parte dos entrevistados de ressaltar que o consumo praticado por eles não se aproxima de práticas consideradas como abusivas. Parece haver, desse modo, a presença de limites, a consideração a respeito de obrigações sociais e de atividades que serão realizadas após consumo, dos momentos específicos para consumir maconha, etc. Consideramos importante destacar o

consumo regular ou habitual de maconha do consumo abusivo, já que tal distinção é pouco evidenciada.

6.4 Alterações e efeitos associados ao consumo

Os comportamentos vivenciados sob o efeito da maconha são diversos e parecem variar de sujeito para sujeito e de contexto para contexto. Os mais comumente citados nas entrevistas foram: diferença na percepção da passagem do tempo - na maioria das vezes há uma percepção lenta, em “slow motion”; surtos de hilaridade; aguçamento dos sabores, sempre associado, com a “larica” (aumento do apetite) após uma ou duas horas do consumo; relaxamento muscular; diminuição de estresse e das preocupações cotidianas; audição mais refinada, principalmente para música; percepção visual relativamente alterada; confluência de ideias; diminuição de concentração, ou focalização da atenção em apenas um estímulo ou um pensamento, e quando esta última acontece reconhece-se nela uma “viajada”.

As primeiras experiências com a erva e seus efeitos associados foram relatados por Bastiãozinho e Benjamim como uma sensação de vislumbre, enquanto João Bosco, Wanderley e Peter Tosh não relataram ter experimentado alterações e sensações tão drásticas quanto imaginavam, como se estivessem redefinindo o que seria de fato as alterações ocasionadas pela erva em função de terem “fantasiado” outra coisa. Apenas Leo comentou que o gosto da maconha e o cheiro não o agradaram inicialmente.

Becker (2008) considera a questão dos efeitos e alterações comportamentais associadas ao consumo da erva de suma importância para o “aprendizado” de consumir maconha. E tal aprendizado possibilitaria, após uma seqüência aprendida, o consumo estável ou regular de maconha. Para o sociólogo americano, é preciso aprender, além da técnica de consumo, associar os efeitos conscientemente com o fato de ter fumado maconha para depois, em um segundo momento, redefinir essas sensações e estar no “barato” como algo agradável, ou seja, após aprender a experimentar os efeitos é preciso gostar deles. Apenas a partir de então as condições possibilitariam o estabelecimento de um consumo estável.

Acreditamos que no grupo pesquisado ocorreu a redefinição dos efeitos como agradáveis e bons. A regularidade foi estabelecida, possivelmente após a redefinição postulada por Becker (2008). Além disso, entre os consumidores há uma discriminação dos momentos em que a maconha pode propiciar efeitos agradáveis e efeitos não agradáveis, sendo essas situações evitadas. De certa forma há o reconhecimento do caráter prazeroso dos efeitos.

Notamos nesse estudo que na maioria dos relatos as alterações e efeitos relacionadas ao consumo cotidiano são concebidos e vivenciados como aquilo que definimos como “psicodelia do mundo real”. Essa definição surgiu para esclarecer que muitos consumidores quando fumam maconha não entram em “transe”, não percebem o mundo como um “universo paralelo” com alucinações visuais. Na verdade, há uma aproximação das condições ordinárias com a percepção alterada. Para o consumidor regular, pelo menos os aqui entrevistados, com o passar do tempo as alterações não são tão drásticas, tornam-se mais suaves, passíveis de serem associadas à cotidianidade.

Para reforçar essa interpretação de que a maconha não suspende ou mesmo cria uma distância das questões ordinárias da vida, podemos citar como exemplo a afirmação de Castaneda que seria uma grande ilusão pensar que a maconha pode ser um facilitador para pessoas que estão passando por problemas pessoais, algo que aliviaria essa dor. Para ele, na verdade seria um equívoco pensar que ao consumir maconha as questões problemáticas da vida seriam resolvidas ou mesmo melhoradas. Quando se fuma, o mundo é percebido não como outro, mas como o de sempre, onde as atividades mais simples e triviais do dia a dia podem ser reconhecidas e realizadas sob o efeito da maconha, já que esta não afastaria o mundo ordinário. Na tentativa de deixar tal noção mais clara, expomos um recorte de duas narrativas que sintetizam muito bem isso que identificamos em boa parte dos relatos:

Para mim, maconha não tem o efeito do estranhamento de que quando você fuma maconha pela primeira vez você tem, de ser um outro mundo. Para mim não. Esse é o mundinho que está sempre perto. Então quando eu fumo, eu to relaxado, me sinto, percebo alteração na percepção visual, mas nada muito LSD. (...) as coisas com a maconha elas não acontecem fora do corpo. Você não fica vendo coisa. As coisas acontecem dentro da sua cabeça (Bastiãozinho da Laerte).

Acho que as alterações nem são tão drásticas assim como algumas pessoas devem imaginar, principalmente para quem faz uso contínuo, elas passam a ser mais suaves. (...) Os horários que você fuma, não é um empecilho na maioria das vezes, mas pode vir a ser, se você fizer um uso em um momento impróprio. (...) Eu acho que existem momentos que você pode fumar, sem ter problemas. Acho que é possível e muitas vezes para determinadas funções pode funcionar inclusive com algo positivo (João Bosco).

Destacamos que apesar da maioria dos relatos assumirem essa possibilidade da “psicodelia do mundo real”, a maior parte dos sujeitos não generaliza o consumo de maconha para todas as atividades humanas. Segundo se pode entender, alguns efeitos poderiam não ser associados de forma positiva com o desempenho de certas atividades. Para algumas atividades, o uso é evitado, principalmente aquelas relacionadas a situações de trabalho e demais situações em que a condição de consumidor de maconha pode ser notada, o que será mais bem discutido quando tratarmos da questão das atividades realizadas e não realizadas sob efeitos da maconha e também da questão do controle social da maconha. Contudo, gostaríamos de registrar o consumo usual de maconha relacionado com a rotina e o dia-a-dia, como tomar um café para estimular, fumar um cigarro ou mesmo fazer a sesta depois do almoço para se sentir mais disposto.

É necessário se abordar ainda a sensação de prazer obtida ao se fumar maconha, o que também pode ser entendido como um dos efeitos ocasionados. Muitos consumidores entrevistados relataram benefícios em função do consumo, principalmente no que diz respeito ao lazer. Observamos que a maconha e seus efeitos possuem uma implicação significativa no lazer e na diversão dos participantes deste estudo. Clóvis Bernado, em uma brincadeira, chegou a afirmar que não há lazer sem maconha, que as situações de lazer ficam expressivamente mais divertidas quando consome maconha. Essa opinião pode ser considerada extrema quando comparada às demais, apesar da maioria afirmar que o lazer pode se tornar mais divertido a partir dos efeitos gerados pela erva. Mas a brincadeira evidenciada nesse relato, não é compartilhada por todos.

O que observamos são consumidores expressando melhora no lazer sob o efeito da maconha. Entretanto relatam que algumas atividades são divertidas com ou sem a erva, como por exemplo, jogar futebol, conversar com os amigos, ir ao cinema, ouvir música, entre outras. Essas atividades são divertidas para nossos sujeitos independentemente do

consumo da maconha, contudo, se fumada para essas atividades, essas são percebidas como mais agradáveis ou prazerosas.

6.5 Atividades associadas e não associadas ao consumo de maconha

Um dos interesses objetivados nessa pesquisa foi o de conhecer as atividades desempenhadas sob efeito da maconha, assim como o de investigar as atividades que não são possíveis de serem cumpridas. Paralelamente a essa busca procuramos também pesquisar os efeitos ocasionados pela erva sobre as atividades. Até que ponto é possível potencializar desempenhos ou prejudicar outros em função do consumo de maconha? Em quais atividades se admite que a maconha “atrapalha” e em quais ela é percebida como elemento que pode “ajudar”?

A partir do que foi referido pelos sujeitos, classificamos as atividades em duas grandes categorias. A primeira delas inclui as atividades às quais o consumo de maconha não é associado de forma positiva. Ou seja, na realização de tais atividades a combinação com o consumo de maconha produz efeitos percebidos como não prazerosos. Atividades ligadas ao trabalho são as mais citadas nessa primeira categoria. A segunda categoria criada procura abranger as atividades cujos efeitos da combinação com o consumo de maconha são percebidos de forma positiva, prazerosa ou como potencializadores de seu desempenho. Nessa categoria as principais atividades citadas foram aquelas relacionadas ao lazer e descompromisso. Entretanto incluem-se também nessa categoria que consideram ser possível a realização de algumas atividades de grande responsabilidade, e por isso, de mais compromisso, sob o efeito da maconha.

Aqui novamente notamos que não há uma generalização do consumo de maconha para todas as atividades sociais dos entrevistados, o que nos permite afirmar que a maconha não é o objetivo final das reuniões sociais ou capital na vida desses sujeitos. “A cannabis passa a constituir um complemento ou adjunto de reuniões sociais, e definitivamente deixa de ser o objetivo desta ocasião. Além disso, passa-se a usar a maconha solitariamente com muito mais frequência” (MACRAE & SIMÕES, 2004, p. 72). Quando, por exemplo, os entrevistados relataram sobre a associação de consumo de

maconha e trabalho, não foi incomum a comparação de que da mesma maneira que eles não beberiam e iriam trabalhar, também assim não fariam com o consumo de maconha.

Também observamos que ao abordarem a realização das atividades sob o efeito da erva, sempre é considerado por parte dos sujeitos um aspecto singular nessas atividades, em que a experiência de fumar e realizar determinada ação é muito específica e varia conforme a pessoa. Por exemplo, foi usual nos relatos dos entrevistados a reflexão de que eles não conseguiriam fumar e trabalhar, mas que conhecem pessoas que realizam tal associação sem problemas, o que denota a particularidade desse aspecto.

Nesse sentido, verifica-se que os sujeitos desenvolvem a ideia de que, por ter um caráter subjetivo, cada um sabe o que pode ou não pode fazer sob o efeito da maconha e isso se torna claro para o consumidor a partir de uma determinada experiência e regularidade de consumo. Equivale a dizer que, com o tempo, é possível administrar com mais precisão as atividades com as quais é possível combinar o consumo. Assim, as experiências que foram percebidas como desagradáveis ou que, em função do efeito da maconha foram desenvolvidas precariamente, não são repetidas.

De acordo com o conteúdo da maior parte dos relatos, pode-se deduzir que há uma desconsideração de rituais e rotinas fixos e imutáveis para se fumar maconha. Somente Clóvis Bernado percebe um ritual cotidiano e preciso para seu consumo. Peter Tosh diz já ter tido um ritual temporário em função de uma associação com outra atividade, mas que assim que deixou de realizar a outra atividade o ritual também foi abandonado. Destacamos ainda o relato de Castaneda que disse que eventualmente, antes de fumar, considera atividades, lugares e pessoas com quem gostaria de estar depois que fumar. Mas parece ser característica comum dos entrevistados a ausência de rituais sedimentados e fechados para consumo. Independentemente do que apreendemos nos relatos desses sujeitos concordamos com Zinberg (1984, apud MACRAE & SIMÕES, 2004) que afirma que

a ausência de rituais altamente estruturados em torno do uso da maconha não deve levar à conclusão de que seus consumidores sejam necessariamente dados a um comportamento imprudente ou temerário. Ao contrário, através da progressão do hábito e do conhecimento aí gerado, as sanções relativas à maconha têm sido internalizadas, e os rituais originalmente desenvolvidos para

reforçar as sanções não precisam mais ser seguidos tão de perto (ZINBERG, 1984, p. 137. *apud*, MACRAE & SIMÕES, 2004, p. 75).

Observamos nos relatos dos entrevistados uma equivalência de predileção entre fumar em casa ou fumar na rua. Alguns sujeitos assumem as duas práticas, outros dizem preferir fumar em casa, e há ainda aqueles que preferem fumar na rua. Notamos certa prioridade em consumir a erva em grupo, mas o consumo sozinho não parece ser prática incomum, já que em muitos relatos nota-se essa experiência sempre associada a uma “onda” mais introspectiva.

Conforme já sinalizamos, a associação entre trabalho e maconha é freqüentemente descartada. São alegados como motivos para tal rejeição a perda de objetividade na atividade desempenhada, principalmente para ações que demandam organização, sistematização, atenção, concentração, etc.; rendimento alterado de produção (normalmente diminuído); a ideia de que trabalho é para trabalhar e não para relaxar. Além disso, há a possibilidade de ter descoberto a condição de consumidor de maconha.

Contudo, essa não é a regra geral, sendo admitido que para determinadas funções no trabalho ou mesmo no estudo a associação com maconha é possível, até mesmo para uma maior produção. A maconha é considerada um estímulo para atividades laborais de caráter intelectual, de criação, para desempenhos artísticos como desenho, atividades que exigem o caráter subjetivo do sujeito, e também, como refere um dos sujeitos, para cálculos matemáticos. Ainda é comentado que a maconha alivia ou diminui o estresse do trabalho.

Ainda que consideradas essas modalidades de consumo de maconha associadas ao trabalho, os entrevistados relatam que fatores como a atividade que será realizada, quantidade fumada, o tipo de maconha fumada, a freqüência em que essa associação é feita são decisivas para que tal combinação seja possível. É comum a noção entre os entrevistados de que não são menos competentes no trabalho por consumirem maconha para algumas atividades e que há pessoas que são incompetentes com ou sem maconha.

Importante notar, como já salientamos, o outro lado do consumo. Para atividades de prazer, agradáveis e descompromissadas, são percebidos benefícios e, talvez por isso,

sejam mais frequentemente realizadas com maconha. As atividades ou ambientes mais comumente associados ao consumo da erva são: ver filmes; conversar com amigos; ir a shows de música; navegar na internet; ir a festas em que o consumo está associado ou naturalizado; comer, principalmente em função da “larica”; realizar acampamentos; consumir para dormir; ir a lugares considerados bonitos e ligados à natureza, como cachoeiras, morros, praia; jogar vídeo-game; assistir televisão, principalmente quando há transmissão de futebol; fumar cigarros e; o próprio ambiente doméstico após um dia longo e exaustivo de trabalho.

Algumas outras atividades são consideradas prazerosas se associadas ao consumo, mas com ressalvas. Por exemplo, ouvir música em um sentido mais contemplativo é possível e bem associado com maconha. Entretanto, Rodrix, um músico entrevistado, disse que para criar musicalmente a maconha o ajuda, já Peter Tosh afirmou que para trabalhar com música, ensaiar, arranjar, “tirar” alguma música, a maconha pode atrapalhar. A associação com sexo também foi relatada, mas houve relatos relativizando para atividades de sedução de parceiros. Ler, por exemplo, foi relatado por Bastiaozinho, Clóvis, Rodrix, Peter Tosh como possível, mas sendo uma leitura menos complexa, como quadrinhos e literatura. Isso porque sob o efeito da erva, ao passar para o parágrafo seguinte não se recorda do que foi lido no primeiro, o que dificultaria o sentido pleno de leituras que demandam mais atenção. Ainda notamos certa associação com práticas esportivas, o que pode ser surpreendente quando contrapomos com a literatura médica psiquiátrica que aponta como efeito associado ao consumo de maconha em longo prazo a “síndrome amotivacional”³

³ Síndrome amotivacional – Caracterizada pela relutância de a pessoa persistir em uma tarefa, seja na escola, no emprego ou em qualquer contexto que exija atenção prolongada ou tenacidade. O indivíduo é descrito como apática e sem energia, geralmente, ganhando peso e parecendo moroso. (KAPLAN, SADDOCK, GREEB, 1997).

6.6 Controles sociais

Uma questão essencial que essa dissertação procurou investigar trata dos controles sociais diretamente ligados ao consumo de maconha. Becker, autor referência para o presente estudo, aborda essa questão afirmando que o consumidor precisa “lutar ainda com as poderosas forças de controle social que faz o ato parecer inconveniente, imoral ou ambos” (BECKER, p. 69, 2008). De forma sucinta, esses controles que os consumidores precisam administrar em sua dinâmica de consumo, a partir da perspectiva de Becker (2008), estão relacionados ao “fornecimento da erva”, à questão do “sigilo” e à questão da “moralidade”.

Além de delinear com mais precisão a ideia de que tais controles “moldam” o padrão típico de consumo desse grupo, procuraremos nos aprofundar nos relatos dos entrevistados para identificar e esmiuçar esses controles sociais, que se organizam em torno de dois elementos (MACRAE, 2003): sanções sociais e rituais sociais. O primeiro trata de “se” e “como” consumir a droga, relacionado, portanto, a valores e regras de conduta informalmente compartilhadas pelo grupo, e às leis e políticas de drogas formais. O segundo abrange uma dimensão maior do consumo relacionada aos comportamentos recomendados em relação ao consumo nas questões de aquisição, meio físico e social para consumo, atividades após o consumo e maneiras de evitar as “bads trip”, ou seja, os efeitos indesejáveis.

Conforme já apontado no tópico sobre padrão de consumo, os controles sociais organizam-se em torno de dois elementos: sanções e rituais sociais, cada um deles relacionado a atividades específicas. Recorrendo a MacRae (2003) encontramos o que seria uma classificação possível dos controles sociais relacionados à questão do consumo de drogas em geral e por isso extremamente pertinente ao nosso estudo. Esses controles estão presentes na dinâmica social e funcionam, em última análise, como “processos regulatórios sociais”. São eles:

Heterocontroles: leis, instituições, etc. Controles societários: pressões informais de pares, vizinhos, etc. Autocontrole: os variados graus de controle que os próprios consumidores são capazes de exercer sobre suas práticas. Muitas vezes são internalizações dos controles societários e legais (CASTEL & COPEL, (1991) *apud*, MACRAE, 2003, p. 6).

O “autocontrole” foi vastamente discutido e relacionado nessa dissertação nos tópicos sobre “padrão de consumo” e “atividades associadas e não associadas ao consumo de maconha”. Já os controles societários e os heterocontroles serão mais especificamente discutidos nesse tópico, sendo estes últimos também entendidos aqui como “controles formais”.

Ao analisarmos certas práticas dos entrevistados percebemos nitidamente a influência direta dos controles formais e/ou dos controles informais que regulam o consumo de maconha. Tais controles fomentam a adoção, por parte do consumidor, de certas ações e estratégias que procuram minimizar ou contornar de alguma forma a “pressão” exercida por esses mecanismos, que associam ao consumo o aspecto de inconveniência e/ou imoralidade. A partir disso, alguns valores tornam-se hegemônicos no grupo e condutas “apropriadas” são estabelecidas.

Por exemplo, um valor difundo é o do consumo voltado para o lazer, para atividades prazerosos, devendo ser evitado no consumo ou para ir ao trabalho, como já exposto. Já um exemplo de conduta apropriada seria aquela de cautela ao consumir em função de possibilidade de descoberta por parte de não-consumidores. Ao longo da dissertação alguns desses elementos foram discutidos e outros serão pormenorizados a seguir.

Uma das sanções formais, por exemplo, traduz-se pela condição de ilegalidade da maconha. Obviamente que tal condição, assim como as conseqüências para quem dela faz uso, é de conhecimento não só dos consumidores. Também os não-consumidores estão a par, ao menos superficialmente, das questões legais que envolvem o uso, porte ou comercialização da maconha. O consumidor ao fumar maconha não deixa de considerar o fato de que seus vizinhos, ou mesmo pessoas que estão próximas no momento do consumo, sabem que fumar maconha é ilegal, e por isso é preciso ter certa cautela em relação a desconhecidos que podem descobrir o “ato ilegal” praticado.

Esse é um exemplo típico de um controle societário derivado de uma sanção formal, em que pares, vizinhos, comunidade imediata, exercem uma “pressão moral” sobre o consumidor de maconha. Nessa pesquisa, embora pouco comum, encontramos, por

exemplo, relatos evidenciando essa pressão exercida por namoradas, grupos de trabalho e família. Essa pressão, como salientado, “força” o desenvolvimento de condutas e comportamentos que visam preservar a identidade de consumidor de maconha para determinadas pessoas, principalmente aquelas de cuja aceitação os consumidores necessitam, como em grupos laborais.

Mais freqüentemente ocorreram relatos de consumidores, como Clóvis e Bastiaozinho, que fumam em casa dizendo escolher o banheiro, ou lugares mais “reclusos”, como locais mais apropriados para o consumo. Ao fumar no banheiro, por exemplo, o cheiro ocasionado ficaria ali retido, não se disseminando para os corredores do prédio ou mesmo para outros apartamentos, criando a noção de um maior controle sobre a exposição da condição de “maconheiro”. Com algumas cautelas, o consumidor “dribla” a possibilidade de descoberta do “ato ilegal” praticado, assim como a condição de consumidor de maconha. Nesse estudo também esteve presente a noção de que “o cheiro é o indício que mais preocupa os usuários: ao se fumar maconha tem-se freqüentemente o cuidado de manter portas e janelas vedadas, ou queimar incenso para dissimular o odor da fumaça” (MACRAE & SIMÕES, 2004, p. 73).

Não podemos deixar de notar que essas preocupações com vizinhos, familiares e comunidade imediata dos sujeitos estão intimamente ligadas à questão do “sigilo”. Também aqui vemos a estreita relação com a “moralidade” ou o fato de que os consumidores precisam lidar com o estereótipo de “maconheiro”, de “viciado em drogas”, de “irresponsável”, entre outras classificações. Nesse estudo foi observado que essa preocupação é de fundamental importância para os consumidores. Os sujeitos entrevistados relataram que procuram evitar serem taxados de “maconheiros”. Benjamim, por exemplo, diz gostar de fumar preferencialmente em casa. Quando fuma na rua, diz ficar preocupado, pensa que pode “viajar” demais ou pode estar com o odor da maconha e isso denunciaria às pessoas a condição de consumidor, o que possibilitaria ser taxado de “maconheiro”. Procuraremos a seguir ilustrar essa preocupação a partir de dois relatos a esse respeito. O primeiro relacionado à preocupação de ser descoberto ou taxado como “maconheiro” no espaço público. O segundo relativizando a noção de que quem consome maconha é um “viciado” ou “drogado”.

(...) Quando você está... Dá uma bola e vai ao supermercado... Tá chapado no supermercado e encontra alguém. Às vezes você deu mole, não jogou uma balinha, ta com cheiro da parada. E você quando está doidão demais, você já acha que a pessoa... Fica naquela, viajando... A pessoa fala que você está viajando pra caralho! Você fica nessa até mais que as pessoas. Só que acontecendo, acontecendo direto, aí “nego” já percebe. Esse tipo de coisa que eu não gosto e que eu prefiro evitar ao máximo. Não chega dar uma paranóia... (Peter Tosh)

Não sabem diferenciar um drogado, de uma pessoa que faz uso da maconha de uma pessoa que fuma pedra. Para mim, isso é uma coisa totalmente diferente. É drogado, louco, vai matar, vai roubar. Tem gente que nem considera maconha droga, mas tem gente que considera tão quanto pedra. Se você tentar argumentar, elas nem te ouvem, tapam o ouvido na mesma hora (Magrinho).

Normalmente, os consumidores procuram criar argumentos e justificações que permitam ou tornem o ato de consumir maconha aceitável, não “negativo” como usualmente é concebido. Salientamos ainda que essas justificativas e argumentos, que colocam em dúvida as concepções negativas sobre o consumo de maconha, são fundamentais para que a prática adquira estabilidade e regularidade. Se assim não procedessem, a sedimentação da regularidade em consumir maconha não aconteceria, em decorrência do controle moral exercido. A esse respeito, a observação a seguir é de extrema pertinência:

Já nos referimos à associação comumente feita entre consumo de maconha e imputações de irresponsabilidade, fraqueza de caráter, marginalidade, doença, dependência, assim como as punições legais que incidem sobre seu uso, porte e comércio. Em princípio, tudo isso atua como um conjunto de sanções efetivas convencionais e legais para prevenir a utilização da erva. Assim, para tornar-se um consumidor regular de maconha, o indivíduo precisa ultrapassar os obstáculos postos por esses mecanismos de controle: precisa ter acesso à substância, manter certo segredo sobre sua prática e justificar para si mesmo a validade e a inocuidade desse hábito (MACRAE & SIMÕES, 2004, p. 63)

Outra consideração decorre da especificidade desse estudo. Um pouco mais da metade do grupo pesquisado é composta por homens que passaram grande parte de sua infância e adolescência residindo no interior, vindo morar em Vitória por razões, em sua grande maioria, de oportunidades de estudo e trabalho. Essa condição fez aparecer nos relatos a informação de que há uma permissividade maior para um suposto “anonimato” na capital, comparativamente ao interior, cuja condição de consumidor de maconha pode ser mais facilmente revelada. Com isso não se nega que os sujeitos entrevistados que sempre moraram em centros urbanos maiores tenham “preocupações” nesse sentido. O

propósito desse estudo não buscou investigar essa questão de modo mais aprofundado, todavia notamos essa diferença nos relatos entre consumidores do interior e da capital.

Por fim, uma última questão a ser discutida sobre esse tópico trata da percepção e influência dos controles formais na dinâmica de consumo dos entrevistados. Essencialmente a polícia, como organização de controle, assim como as punições legais previstas para o consumo são as mais citadas como influências diretas na vida dos consumidores. Para alguns, tais controles inibem o consumo. Alguns locais são evitados em razão da existência de um maior policiamento, por exemplo.

Já a questão das leis e das punições é vista com ressalva. Muitas vezes os consumidores as consideraram mais prejudiciais do que os possíveis efeitos danosos que o consumo de maconha pode ocasionar. Procuraremos explorar a questão da criminalização e das punições associadas em outro tópico. Contudo ilustramos essa noção de que as sanções podem ser mais prejudiciais do que o consumo em si a partir de um relato:

(...) olha a humilhação que o cara passa. Chega lá ele fica na cela com outros presos, alguns que comentaram delitos muito mais graves do que os dele. Sabe-se lá o que vai acontecer nesse meio tempo que ele espera para ser solto pelo delegado. Depois que ele é solto, sabe lá quais os danos psicológicos causados pelo cárcere, pelo cara ter sido preso ou o cara ter sido agredido. Cadeia meu amigo não é um lugar bom, se fosse bom “neguim” levaria o filho para curtir a cadeia, não no parque. É um negócio sinistro. Depois se o cara sair, se o cara for liberado pelo delegado, depois ter... Se não sofreu violência física, sofreu psicológica de ficar preso lá, que é um negócio horrível... Depois tem que comparecer lá em juízo, falar para o juiz: eu estava fumando maconha... E aí vai passar para ele penas alternativas. A pena alternativa é varrer a rua do bairro que ele mora, ou do bairro próximo, ou de fazer algum trabalho para sociedade e tem que freqüentar um mês de NA. As vezes esse moleque fumava maconha uma vez por mês ou estava experimentado pela primeira vez, vai mandar o moleque para o NA? Primeiro que para ir, o moleque tem que querer se tratar, não pode ser mandado para lá, para se tratar. Depois que esse negócio de pena alternativa, tá bom, o cara não foi preso, mas é humilhação (Bastiaozinho da Laerte).

Ainda a esse respeito, notamos que alguns estudiosos da maconha já evidenciam essa preocupação com as punições associadas ao consumo de maconha, as considerando muito mais prejudiciais do que os possíveis malefícios que o consumo de maconha poderia ocasionar. “O perigo maior do uso da maconha é expor os jovens a conseqüência de ordem policial sumamente traumáticas. Não há dúvida de que cinco dias de detenção

em qualquer estabelecimento policial são mais nocivos à saúde física e mental que cinco anos de uso continuado de maconha” (CARLINI, 2006, p. 317).

6.7 Redes de sociabilidade

Ao longo do desenvolvimento dessa discussão, a questão das redes de sociabilidade relacionadas ao consumo de maconha foi mencionada. Conforme MACRAE & SIMÕES (2003, p.64) a “situação de compartilhar sob sigilo uma experiência ilícita e prazerosa acabou por forjar laços de amizade e um certo grau de comunhão de valores entre usuários. Daí o estabelecimento de novas relações pessoais e a ampliação da rede de sociabilidade” Embora pequenas inserções sobre esse tema já tenham ocorrido ao longo da discussão, procuraremos expor nessa parte do texto, as questões que mais nitidamente relacionaram-se à construção desses laços de amizades, assim como os valores e práticas ocasionadas por eles.

A primeira questão de destaque refere-se ao nível de proximidade das pessoas que normal e ocasionalmente consomem maconha com os entrevistados. Como é de se supor, os amigos são os mais citados. Através deles, conforme já discutido, é possível a aquisição de conhecimentos e práticas informais sobre o ato de consumir maconha. Ocasionalmente há também o consumo com pessoas consideradas “conhecidas”, que não possuem um laço de amizade mais íntimo com os entrevistados, também reconhecidos como pessoas que só conhecem em razão do consumo da maconha, que só “ficam na aba”.

Verifica-se no grupo pesquisado a percepção dessas redes de sociabilidade como determinantes para que consumam. Alguns chegaram a afirmar que consumiriam menos se não convivessem com pessoas que fumam maconha. A percepção dessa determinação, algumas vezes, esteve relacionada ao fato de que as amizades construídas são fundamentais para se conseguir obter a erva ou ajudar a adquiri-la em “períodos de seca”.

Numa proporção menor foi citado irmãos e primos, contudo nenhum dos entrevistados comentou fumar com o pai ou a mãe. A relação que os entrevistados estabelecem com suas famílias também foi investigada nesse estudo, já que os pais de todos os entrevistados sabem que eles fumam maconha, o que por sua vez nos permite afirmar, assim como João Bosco fez, que é difícil permanecer “incógnito” para os familiares mais próximos quando se faz um consumo regular de maconha.

Na maioria do grupo as famílias dos consumidores toleram o consumo de maconha, sendo que nesses casos, logo quando os pais descobriram, houve conflitos, brigas e discussões entre os envolvidos. Também nesse caso está associado uma atitude comum de tentativa de “desmistificar” o consumo para os pais como algo negativo. Da mesma forma que os consumidores reconstruíram a sua interpretação sobre a maconha, a partir do consumo regular da erva, nas discussões geradas pela descoberta do consumo, os consumidores tentam “transmitir” de alguma forma esse conhecimento adquirido. Também nessa tentativa de “desmistificar”, muitos ainda relatam que procuram evidenciar para os pais, através de atitudes, que apesar de terem começado a fumar maconha não deixaram de cumprir com suas obrigações como estudar e trabalhar.

Numa proporção ainda significativa, parte do grupo relatou que os pais não aceitam o consumo dos filhos e fazem “vista grossa”, conotando uma tolerância menos flexível do que do grupo anterior. Apenas Magrinho comentou que os pais toleram e “supervisionam” de forma a sinalizar para o filho quando percebe que o consumo está atrapalhando na sua vida profissional. E por fim, apenas Wanderley relatou ter implicações mais sérias e conflituosas com pais em razão de consumir.

Procuramos apreender a partir das entrevistas a forma pela qual os consumidores percebem o próprio grupo consumidor de maconha. Essencialmente a ideia mais comum é a de que o grupo não se diferencia tanto de não-consumidores, de forma que aquilo que poderia diferenciá-los (certo “estilo” de vestimenta ou o modo de falar), pode ser facilmente encontrado em não consumidores ou omitido.

Os consumidores acreditam que existem “caretas-doidões” que não consomem qualquer tipo de droga, mas aparentam consumir por terem uma personalidade extrovertida ou um

“estilo” particular. Da mesma forma existem, por outro lado, os “doidões-caretas”, que não aparentam de forma alguma consumir qualquer tipo de droga, mas consomem. Essa imprecisão permite aos consumidores postularem uma ausência de diferenciação explícita do grupo de pessoas que consomem maconha para o grupo de não-consumidores. Um dos entrevistados faz um relato bem ilustrativo a esse respeito:

Eu acho que é um pouco difícil resumir as pessoas que fumam, a partir de um perfil único da mesma maneira que é difícil resumir as pessoas que não fumam a partir de um único perfil (João Bosco).

Apenas Clóvis e Magrinho afirmaram categoricamente que há uma diferença entre pessoas que consomem maconha e pessoas que não consomem. Tais diferenças apareceriam na maneira do sujeito se portar e no conhecimento ou desconhecimento da “cultura maconhística” que permite estar a par ou não das peculiaridades da erva e aos consumidores notar indícios como “dedo amarelo”, “larica”, odor característico ou olhos avermelhados. Contudo essa diferenciação é sutilmente percebida, não podendo ser considerada marcante.

Por fim, um último elemento a ser destacado a respeito da própria percepção dos consumidores de maconha sobre as pessoas que fumam maconha, trata-se da já explorada diferenciação em relação às supostas práticas e valores de consumidores abusivos, “viciados”, que ao longo de todas as entrevistas foram insistentemente evidenciadas pelos sujeitos. Através dela a positividade do próprio grupo pode ser justificada e estabelecida como elemento essencial à sua constituição.

Percebemos uma clara diferenciação em relação a esse grupo, aqui identificado como “abusivo” e, por outro lado, uma clara tentativa de aproximação ou valorização das características do próprio grupo que se assemelham às peculiaridades de não-consumidores, grupo esse socialmente mais valorizado, menos passível de discriminação pela sociedade.

6.8 Informações, Conhecimento informal e Representações Sociais

Um dado a que tivemos acesso a partir das entrevistas e que foi complemento importante para alcançar o objetivo principal a que nos propusemos alcançar diz respeito às fontes de informação que os consumidores regulares possuem sobre maconha, assim como os conhecimentos advindos e gerados pelo contato com essas fontes. Nesse sentido dois níveis foram averiguados. O primeiro, das fontes que forneceram informações aos consumidores, tais como revistas, televisão, jornais, outros consumidores, entre outros. Associado a esse primeiro nível, procuramos saber de que maneira os consumidores classificam as informações que possuem: são consideradas pertinentes e próximas à realidade do consumo da maconha? Ou são consideradas distantes, “fantasiosas”?

No segundo nível procuramos nos deter sobre a forma com que algumas instituições centrais em nossa sociedade, e que estão extremamente ligadas a questão das “drogas”, enxergam o consumidor de maconha, segundo a percepção de nossos sujeitos. Selecionamos três instâncias: a religiosa, a jurídica e a médica ou da saúde como um todo. Em relação a essa última, buscamos também saber se os consumidores percebem alguma consequência em sua saúde decorrente do fato de fumarem maconha.

Como fontes de informações sobre maconha os consumidores alegaram descobrir e construir conhecimentos sobre o tema principalmente através do próprio consumo ou na experiência mais ampla que tal condição envolve. Todos afirmaram possuir conhecimentos mais “práticos” do que “teóricos” sobre a temática. Como fontes secundárias foram citadas a internet, televisão, livros, jornais e revistas, sendo que essas foram ativamente procuradas pelos entrevistados, refletindo uma intenção clara de busca de informações e não de passivamente recebê-las.

A esse respeito consideramos importante notar que essa “busca de informações” tem como fundamento a noção ou a necessidade dos consumidores de possuírem informações mais coerentes com o que estavam vivenciando quando começaram a consumir. Observamos nos relatos dos entrevistados o consenso de que as primeiras informações que tiveram sobre maconha mostraram-se equivocadas, não condizentes com que vivenciavam; experiência essa possibilitada com aproximação real do objeto maconha.

Daí a nossa pressuposição de que essa necessidade de novas informações ocorre em razão de que as primeiras apresentadas, normalmente baseadas em discursos oficiais e politicamente corretas, não parecem ser suficientemente plausíveis ou correspondentes ao que a experiência de fumar maconha proporciona a esses sujeitos. E obviamente, tais informações iniciais fornecidas pela família, escola, religião e televisão, são interpretadas como “fantasiosas”, alarmistas, e por isso, ruins.

Para os consumidores entrevistados, essas informações são pouco fundamentadas, e assim sendo, entendem que a informação de qualidade ruim é pior do que ausência de informação. Isso porque essas podem causar muito mais prejuízos do que a própria experiência de consumo de maconha. Um dos relatos ilustra esse raciocínio e o reproduzimos a seguir:

Esse que é o grande problema também, a molecada cresce escutando que droga faz mal. Primeiro que droga aparece no singular, como se só existisse uma, “drogas” existem várias. Aí o camarada vai, aí numa dessa acaba experimentando maconha, ou qualquer outra droga, e não é aquele fim do mundo. O cara não acorda burro no outro dia, não tem grande seqüela, não tem grandes efeitos... Ele pode acabar achando que todas as outras “drogas” são a mesma coisa, e não é. Acho que falta... Acho que o grande problema é tratar as “drogas” como se fosse uma entidade, como se fosse uma entidade do mal, um ser satânico, que vai levar seu filho para criminalidade, vai destruir a sua vida, então, quando o moleque usa uma determinada substância e isso não acontece, ele tende a acreditar que ele não deve acreditar em nenhuma daquelas informações que ele recebeu antes... O que de certa forma é interessante para o cara começar a pensar por conta própria, mas se ele não tiver... Se ele não procurar a informação, corre o risco de ele achar que as “drogas” realmente não oferecem um perigo, e eu acho que as “drogas” oferecem um perigo sim (Bastiazinho da Laerte).

Por considerarem as primeiras informações formais que recebem insuficientes e sem correspondência com a realidade do consumo, os consumidores acabam buscando outras informações sobre maconha. Entretanto, não nos parece que as informações tidas como equivocadas sejam totalmente descartadas pelos entrevistados. Inferimos que elas sejam tão essenciais quanto as novas informações adquiridas para a solidificação de um conhecimento sobre a erva.

A partir do que recebem de informação e conjuntamente com os novos “dados” adquiridos no grupo, os consumidores criam um novo conhecimento, estabelecido a partir da consideração e processamento dessas duas fontes. Entendemos que mesmo as

primeiras fontes se mostrando equivocadas para os consumidores, elas são vitais para o conhecimento construído sobre maconha, já que o conhecimento não só engloba o que é a experiência, mas também o que não é ou não condiz.

Obviamente que os consumidores dão ênfase maior às novas fontes de informação, já que essas parecem fornecer mais sentido e lógica à experiência. Essencialmente, as informações podem ser adquiridas na experiência com a maconha e no grupo que usualmente consome a erva. A partir dessa experiência coletiva, de fumar maconha e de buscar informações sobre a mesma, o conhecimento informal é construído e compartilhado entre os consumidores, que, como não podia deixar de ser, relaciona-se à “cultura” de fumar maconha.

Dois recortes de narrativas dos consumidores podem exemplificar muito bem o conhecimento adquirido com a experiência de fumar maconha. No caso de Wanderley trata-se de como obter a maconha, e Leo fala sobre o conhecimento compartilhado no grupo.

Não é uma coisa que você vai na padaria e vou lá comprar um maço de maconha. Você vai querer comprar... No começo você vai comprando ‘dolinha’ em boca, você vai e pega cinco conto... Aí você dá o dinheiro para alguém comprar, até a hora que você descobre onde é que você compra a ‘dolinha’, até a hora que você vai... Pô, to gastando muito dinheiro com ‘dola’, vou pegar uma cinqüenta grama... Aí você descola um brother que sabe, vai dando dinheiro até saber quem quer, você vai e pega. É assim que vai indo. Geralmente as pessoas param, vão presas, aí você acaba procurando outras coisas, acaba descobrindo mais gente, conhecendo mais gente. Pô, como maconheiro, o povo todo se conhece. Se você fumar maconha, você conhece todo mundo, nunca vi igual (Wanderley)

Nunca tive isso em escola, nunca vi isso em livro, internet. Você vê as fotos e tal, mas mais das coisas, sempre na conversa na rua mesmo. No seu cotidiano ali no seu bairro, na sua galera. Já tem bairros que não tem isso, esse convívio urbano, social... Agora no meu bairro, as pessoas andam nas ruas, tem várias praças... Esse convívio desde novo com gente mais velha no bairro, eu aprendi muita coisa ae. Aprendi mais na conversa... Tem essa conversa... A gente conversa, tem maconha boa aqui, um cara lançou uma seda que é transparente, que é de celulose, é mais ou menos esse tipo de conversa. Potencializar é só quando fuma um melhor que o outro. Aí a galera fala, fumamos um melhor. Eu tenho um amigo que tem um, é diferente, que é mais barato. Os amigos estão sempre trocando esse tipo de informação. Quando pega uma coisa boa, liga pro outro para mostrar, olha esse aqui tal. . Vamos fumar um comigo que estou com um bom e tal, mas todo mundo trabalha tal. Eu conheço gente que fuma maconha a cinqüenta anos, um coroa, amigo do meu pai, ninguém é seqüelado (Leo).

Dois aprendizados transformados em conhecimento: um desses conhecimentos diz respeito a diferenciação entre fumar maconha e comer maconha. Os consumidores parecem ter claro que há uma diferença significativa dos efeitos da maconha quando o consumo é por vias diferentes. Diz Magrinho: “É igual fumar maconha e comer maconha, nada a ver. São se iluda, você vai passar mal. Tem gente que para no hospital. Conheço gente que passou mal mesmo”.

O outro conhecimento relaciona-se ao não consumo de maconha após a ingestão razoável de álcool. Essa combinação pode resultar numa “bad trip”. Comumente, os que assim fazem, passam mal em função dessa junção.

Então você conhece quem fuma, então a sua rede de contatos vai aumentando nessa área, então passa a ter um conhecimento melhor, a respeito de gente que... Ah, já fumei uma vez tive um tapa, caí de cara e tal... Aí você começa a trocar essas ideias. Como, por exemplo, ninguém fuma depois de beber. Todo maconheiro sabe que se você bebê e depois fuma, você passa mal. Isso é uma coisa que muita gente aprende pela experiência ou pelo discurso (Leo).

Com referências menos frequentes outras informações são citadas e compartilhadas pelos consumidores, mais relacionadas às pessoas que consomem maconha e que como elas desenvolvem-se no consumo. Por exemplo, quem fuma muito ou pouco, quem rouba para fumar, quem viciou, quem consegue separar trabalho do consumo e quem não consegue, entre outras. Essas outras informações parecem ter uma conotação mais moral e especulativa, no sentido de mostrar como as pessoas lidam com o consumo regular. Mas também não deixam de estar associadas às várias maneiras que a maconha pode se configurar na dinâmica do consumidor, o que pode ser entendido como um conhecimento sobre ela.

Obviamente não podemos deixar de evidenciar a estreita relação que esse conhecimento compartilhado informalmente entre os consumidores possui com a Teoria das Representações Sociais, já que tal teoria definiu seu conceito capital como um conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, assim como é o conhecimento trocado entre os consumidores.

Entendemos que esses conhecimentos ou essas representações criadas no grupo de consumidores de maconha são essenciais para a prática do consumo, no qual as experiências são consensualizadas em torno do objeto maconha e a partir disso as práticas de consumo podem ser compartilhadas. Consideramos que as representações sociais de maconha originadas a partir do consumo são de suma importância para que possamos entender as lógicas pelas quais os consumidores experienciam o fenômeno de consumir maconha. A partir delas, “redes coletivas” que permitem a construção de uma representação, estrategicamente são criadas e buscam se contrapor às teorias científicas e formais sobre maconha, consideradas distantes da experiência desses sujeitos..

Conforme salientamos, a produção dessas representações, ou desse conhecimento informal compartilhado entre os consumidores, é o que permite a re-elaboração do significado do consumo de maconha como algo não necessariamente negativo. Essa re-elaboração é essencial para o consumo de maconha, já que esse só alcança regularidade quando as antigas concepções, fundamentadas em um discurso científico e “oficial”, tornam-se enfraquecidas ou são pouco consideradas na decisão de consumir a erva. Com o descrédito às informações até então tidas como referência o sujeito fica “esvaziado” de informações concretas sobre a maconha. Assim, através da troca com outros consumidores, a construção de novos conhecimentos sobre a maconha é possível já que “as representações sociais têm como finalidade primeira e fundamental tornar a comunicação, dentro de um grupo, relativamente não problemática e reduzir o ‘vago’ através de certo grau de consenso entre seus membros (MOSCOVICI, 2003, p. 208).

Dessa forma as representações compartilhadas, geradas no desenvolvimento e progressão no consumo de maconha devem ser reconhecidas como elementos que não só orientam as práticas desses consumidores, mas também as constroem. Acreditamos, portanto, que uma representação clara de maconha é aquela relacionada à desmistificação dos efeitos ocasionados pela erva, que, segundo os relatos, sempre são entendidos como diferentes e menos drásticos do que tinham como expectativa. Isso possivelmente direciona a prática dos consumidores ocasionais para o estabelecimento da regularidade.

Além disso, as referidas cautelas em não consumir maconha, após o consumo expressivo de álcool, assim como a diferenciação entre “comer” maconha e fumar maconha,

também podem ser entendidas como representações sociais que circunscrevem a prática comum de seu consumo. Tais conhecimentos são compartilhados entre os consumidores, que ao agregarem-no a sua prática de consumo, procuram restringir o consumo de álcool em determinadas situações, por exemplo.

Outro elemento da representação de maconha que gostaríamos de apontar relaciona-se a associação do consumo da erva com atividades prazerosas e descompromissadas em detrimento do consumo com a grande maioria das atividades laborais. Estas são vistas sempre como atividades nas quais os efeitos ocasionados pela maconha não combinam com as demandas e as exigências que o trabalho impõe. Essa representação de maconha como lazer e seu afastamento de atividades laborais é compartilhada pelos consumidores e identifica sua prática mais comum de consumo.

O elemento que nos pareceu ser mais forte e organizador dos outros componentes da representação é o caráter natural da maconha, traduzido pelo uso do termo *erva*. Se é natural não causa tantos danos como se pode equivocadamente pensar – esse parece ser um raciocínio que está na base dessa representação. É comum nos relatos as referências ao absurdo de criminalizar uma planta. Ainda notamos nos discursos a predileção da maconha em seu estado puro, sem conservantes químicos ou as misturas com outras plantas ou até mesmo com fezes, o que mais vez, demonstra essa representação de maconha estreitamente ligada a algo natural, não químico, e por fim, não ligada a malefícios.

Queremos ainda evidenciar que o conhecimento e domínio sobre as representações sociais dos consumidores sobre maconha são essenciais para que possamos compreender o fenômeno sem um grande distanciamento de sua realidade. Além disso, pode contribuir para que sejam propostas medidas de prevenção pautadas na experiência dos próprios consumidores, como pressupõe, por exemplo, a política de redução de danos. O conhecimento sobre as representações sociais desse fenômeno pode oferecer um ângulo alternativo para o enfrentamento da questão do consumo não só de maconha, mas das drogas, que usualmente está associado a uma carga moral muitas vezes impeditiva de uma compreensão mais ampla do fenômeno.

Por fim, queremos ainda discutir como os consumidores percebem a forma como algumas instituições centrais relacionam-se com o consumidor de maconha. A religião é vista pelos consumidores como aquela que é formada por dogmas, verdades incontestáveis. Os consumidores entendem que para as religiões, qualquer um que fuja às suas premissas está se desvirtuando dos caminhos de Deus. Entretanto há entre os relatos menções a religiões que convivem muito bem com o consumo de maconha. Alguns consumidores destacam que determinadas religiões adotam o consumo de maconha como ritual, próprio da dinâmica interna dessas religiões. Mas fica claro que tais afirmações foram feitas sem base em conhecimento mais profundo sobre qualquer religião que adote essa prática – ou seja, provavelmente recorreram a elas como forma de relativizar a posição predominante por parte das religiões mais conhecidas que é a do veto ao consumo.

Também foi possível identificar que, segundo a percepção de nossos sujeitos, as religiões predominantes no Brasil encaram os consumidores de maconha como desvirtuados dos valores ou dos dogmas. Para eles as religiões encaram e condenam o consumo de maconha, pois esse não é condizente com seus princípios. A explicação mais comum dos entrevistados a esse respeito é a de que ao realizar tal “condenação”, as religiões preservaram a sua funcionalidade no interior de uma sociedade, já que os desvirtuados precisam “encontrar novamente os caminhos de Deus”. Alguns ainda explicam que as religiões só reproduzem o que é socialmente aceito, condenam as drogas, mas dificilmente, ou numa frequência bem inferior, fazem comentários sobre o consumo de cigarro, por exemplo.

Alguns consumidores ainda se estendem nessa questão para afirmar que a intervenção religiosa em caso de abuso de substância é algo ruim. A participação religiosa nesses casos, sempre é vista com desconfiança, sendo que acaba ocorrendo a substituição de uma “dependência” por outra, da droga pela religião. É percebido ainda certo risco nessa intervenção religiosa. Para alguns consumidores, determinadas pessoas, em casos extremos, ao invés de procurar especialistas ou profissionais com formação para lidar com o problema acabam procurando padres e pastores que administram clínicas de reabilitação. Essa alternativa pode gerar mais sofrimento e humilhação, pois usualmente

essas pessoas, de alguma forma, usam a abstinência e culpabilização como tratamentos mais efetivos.

Em relação à instância jurídica a noção comum que circula entre os entrevistados é a de que apesar de certos avanços, o consumidor ainda é visto como criminoso. Ainda, caso flagrado com maconha, é preciso ser fichado e comparecer em juízo, denotando, para os consumidores, a ausência de distinção entre consumidor e traficante pelo aparato legal. As punições associadas são vistas como humilhação, pouco eficientes e fomentadoras de abusos e arbitrariedades dos órgãos repressores. Ressaltamos ainda que a maioria dos consumidores percebem uma recente mudança sobre essa questão citando, por exemplo, a recente descriminalização do consumo na Argentina e em outros países. Mas consideram o Brasil ainda conservador e que tais medidas não serão sancionadas no nosso país tão cedo.

A área da saúde, segundo nossos sujeitos, vê o consumidor de maconha mais como um paciente, não como um criminoso. Mas isso não quer dizer tal área apóia ou estimula o consumo. Segundo os consumidores, a preocupação está mais em tratar e pensar quais medidas podem ser tomadas quando algum consumidor procura ajuda. Referencias explicitas foram feitas sobre a possibilidade do consumo medicinal da maconha associando-o à ideia de que a medicina já não está em tempo ser limitada ou de se limitar; nesse sentido, práticas alternativas de tratamento com a maconha poderiam ser usadas por essa área no Brasil como o fazem outros países.

Sobre as implicações do consumo em sua saúde, houve equilíbrio de opiniões entre os entrevistados. Metade do grupo disse não perceber implicações em sua saúde. Não percebem malefícios ou “atrasos” em sua dinâmica social em função do consumo. Já a outra metade relatou perceber efeitos maléficis mais associados não a alguma propriedade específica da maconha, mas aos males do fumo, como tossir e problemas respiratórios em geral. Além disso, alguns ainda lembraram que a maconha adquirida por eles possui muita mistura com fezes, urinas, outras plantas, conservantes químicos o que acrescentaria maiores prejuízos em sua saúde física.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa dissertação foi o de conhecer representações e práticas de consumo de maconha elaboradas por consumidores estáveis dessa substância. Optamos por trabalhar com esta substância pelo fato de que essa é a substância psicoativa mais consumida em todo o mundo. Já a opção por esses consumidores, está no fato de que a maconha é essencialmente consumida por eles, que realizam um consumo “não-problemático” da erva. Essa forma de consumo é pouco evidenciada academicamente ou mesmo nas concepções hegemônicas na sociedade, que ainda pouco discriminam os diversos tipos de substâncias e as consideram todas igualmente prejudiciais e perigosas.

Tendo como base a literatura pesquisada e os dados de nossa pesquisa, podemos afirmar que o consumo estável de maconha possui lógicas muito próprias. Há singularidades presentes nesse consumo que o distingue, não como superior ou inferior, mas como único com propriedades distintivas. Consideramos que qualquer estudo sobre maconha não pode deixar de considerar uma perspectiva que leve em conta a percepção do próprio consumidor sobre a sua prática, como organiza e orienta os valores e condutas comuns ao ato de fumar maconha. Tal consideração parece ser essencial para uma compreensão fidedigna e não fragmentada do fenômeno.

As pesquisas, os programas de saúde voltados para atenção a consumidores de álcool e drogas, devem ser embasados em pesquisas científicas, em consultas a médicos, psicólogos, policiais, juristas, mas também por aqueles que vivenciam o fenômeno como consumidores, traficantes, artistas, minorias étnicas, familiares, amigos, habitantes de classe média a favelados, entre outros. Somente assim novas formas de abordar essa questão poderão ser criadas deixando para trás as atuais formas “viciadas” de encarar tal questão.

Uma de nossas principais conclusões refere-se a identificação dos sujeitos a um padrão de consumo não associado a práticas abusivas, sendo justificado através do cumprimento de obrigações sociais e observância de controles sociais. Obviamente que tal identificação, vastamente enunciada pelos entrevistados, pode ser entendida como um valor que circunscreve essa prática, que considera limites e cria mecanismos para fundir

as pressões sociais com o prazer de ser fumar maconha. Isso nos levar a pensar na possibilidade de falar em consumos não-problemáticos, de certo nível seguro, não sem riscos, mas pelos menos encarado de modo a não negar uma prática milenar na história como possível. A história nos mostra que as drogas não desaparecerão. As pessoas continuaram a consumir substâncias psicoativas como fazem desde a origem do homem e nada importará a proibição a essas substâncias que só foi massivamente adotada no início do século passado.

Consideramos ainda de suma importância conhecer as representações sociais que envolvem a prática de consumo de maconha. Uma outra conclusão importante nessa pesquisa foi relacionada aos controles sociais e aos autocontroles que os consumidores se “aplicam” como forma de “conter” o próprio consumo. Nesse sentido, ao nos atentarmos para questões como essa, estamos buscando mobilizar os recursos sociais e culturais disponíveis para tornar mais eficazes as já estratégias usadas pelos consumidores para evitar efeitos indesejáveis. Isso por sua vez, possui extrema importância para programas de prevenção e para políticas existenciais que busquem não insistir na utopia de erradicação total das drogas, mas que procurem conviver com elas, sem negá-las, buscando apenas evitar possíveis conseqüências danosas.

Consideramos importante destacar que quando abordamos e discutimos as questões relacionadas às drogas na atualidade, uma moralidade sempre atravessa tais discussões. É preciso deixar o julgamento apaixonado, moralista e conservador ao qual boa parte da sociedade se utiliza. Tal como as drogas se configuram em nossa sociedade é emergente uma nova forma de encará-las. Não se conclui ou sugere-se com isso uma uniformidade harmônica nas opiniões, assim como não se sugere que o consumo de maconha estará invariavelmente livre de riscos. Apenas constatamos que a maconha e seus consumidores não podem ser dissociados de seus ambientes sócio-culturais, de seus contextos que evidenciam até mesmo a permissividade ou não do consumo dessa substância. Isso possui a sua fundamental relevância para a compreensão de qualquer fenômeno relacionado às drogas que se pretende eticamente consciente do que se divulga, uma vez que, conforme explorado na pesquisa, esse fenômeno possui a sua especificidade sócio-cultural não podendo ser determinado e generalizado arbitrariamente.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, J.C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: A.S.P. Moreira & D.C. de Oliveira (orgs.) **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998.

ALEXANDRE, M. Representação Social: uma genealogia do conceito. **Comum**, Rio de Janeiro, v.10, nº 23, p. 122 a 138, julho/dezembro 2004. Disponível em: <www.facha.edu.br/publicações/comum/comum23/artigo7.pdf> Acesso em: 12 de Junho de 2008

ALMEIDA, A. A pesquisa em representações sociais: proposições teórico metodológicas. In: Santo, M.F. & ALMEIDA, C. M. **Diálogos com a Teoria da Representações sociais**. Alagoas: UFAL/UFPE, 2005.

ALVES-MAZZOTI, A.J. e GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências sociais naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 2001.

ARRIBAS, J. R. Proceso de construcción de um estigma: la exclusión social del drogodependiente. **Nomadas**. Nº 4. Univerdad Complutense de Madrid, Madrid, Espanha, 2001. Disponível em: < <http://www.ucm.es/info/nomadas/>> Acesso em: 02 de fevereiro de 2009

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.

BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUMRIND, D. **Familial Antecedents of Adolescent Drug Use: A Developmental Perspective**. In: Etiology of Drug Abuse: Implications for Prevention. JONES, C.L. e BATTJES, R. J. (Orgs.) Washigton D.C., 1984. Disponível em:

< <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=11&rep=rep1&type=pdf#page=22>>

Acesso em 03 de março de 2009

BECKER, H. S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2008.

BUDNEY, A. J., VANDREY, R. G. & STANGER, C. Intervenções farmacológicas e psicossocial para os distúrbios por uso da *cannabis*. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. Vol. 32, supl. I, 2010, p. 46-55. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v32s1/a08v32s1.pdf>> Acesso em: 10 de agosto de 2010

BITTENCOURT, A. **O processo de contato com as “drogas”: uso, abuso, sentidos e lugares**. Mato Grosso do Sul. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Psicologia - UCDB), 2007. Disponível em: < <http://www.qprocura.com.br/dp/78553/O-processo-de-contato-com-”drogas”:-uso-e-abuso--sentidos-e-lugares.html>> Acesso: 12 de abril de 2009

CARLINI, E. A. A história da maconha no Brasil. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. Vol. 55 (4), p 314-317, 2006. Disponível em: < http://www.ipub.ufrj.br/documentos/JBP_55_4_%28314-317%29.pdf> Acesso em: 10 de agosto de 2010

CALDEIRA, Z. F. **“Drogas”, Indivíduo e Família: Um Estudo de Relações Singulares**. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado (Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz - ENSP/FIOCRUZ, 1999. Disponível em: < <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/>> Acesso: 7 de Abril de 2009

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

CINCO, R. **Renato Cinco - Lei 11.343/06**. YouTube, 10 de novembro de 2007. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=NAsK4URPaaE>> Acesso: 15 de Abril de 2009

CINCO, R. **Renato Cinco Defende a legalização da maconha**. YouTube, 20 de fevereiro de 2009. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=Z6IxdkqaoZ8>> Acesso em: 15 de Abril de 2009

COLETIVO, **Marcha da maconha. ONU aprova estratégia conservadora e utópica contra “drogas”**, 2009. Disponível em: <http://www.marchadamaconha.org/blog/onu-aprova-estrategia-conservadora-e-utopica-contradrogas_473> Acesso em: 20 de abril de 2009

CONAD, Conselho Nacional Antidrogas. **Política Nacional Anti”drogas”**. Brasília, 2005. Disponível em <http://www.almg.gov.br/eventos/imgens/olitic_nacional_anti”drogas”.pdf> Acesso em: 14 de Fevereiro de 2009

CUVELLO, S. T. V. **Representação social de adolescentes sobre o “viciado” em “drogas”**. Vitória: UFES. Dissertação (Mestrado em Psicologia), 2004.

DEA, H.R.F., SANTOS, E. N., ITAKURA, E., OLIC, T. B. A inserção do psicólogo no trabalho de prevenção ao abuso de álcool e outras “drogas”. **Psicologia Ciência e Profissão**. Vol. 24, nº 1, Brasília, 2004. Disponível em: < <http://www.adroga.casadia.org/prevencao/psicologo-trabalho-prevencao-abuso-alcool-drogas”.htm>> Acesso em: 29 de dezembro de 2008

DESCHAMP, J.C. & MOLINER, P. **A identidade em psicologia social**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

ESTADÃO, Jornal. **FHC defende descriminalização da maconha para uso pessoal**. 2009. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/nacional/not_nac322187,0.htm> Acesso: 13 de fevereiro de 2009

FATO, Brasil de. **ONU aposta em política falida**, 2009. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/internacional/onu-aposta-em-politica-falida>> Acesso em: 13 de Abril de 2009

FERNANDES, L. & CARVALHO, M.C. Por onde anda o que se oculta: o acesso a mundos sociais de consumidores problemáticos de drogas através do método do snowball. Vol. **Toxicodependências**. Vol 6., Nº6, 2000, p. 17 – 28. Disponível em: <<http://repositoriooberto.up.pt/bitstream/10216/14532/2/Por%20onde%20anda%20o%20que%20se%20oculta%20o%20acesso%20a%20mundos%20sociais%20de%20consumidores%20problem%C3%A1ticos%20de%20drogas%20atrav%C3%A9s%20do%20m%C3%A9todo%20do%20snowball.pdf>> Acesso em 13 de abril de 2009

FUENTE, A. V. LA FORMACIÓN DEL PSICÓLOGO ANTE LAS “DROGAS”: UNA URGENCIA. **Papeles del Psicólogo**. Nº 24, Universidad del País Vasco. San Sebastián, 1986. Disponível em: <<http://www.papelesdelpsicologo.es/vernumero.asp?ID=253>> Acesso em: 12 de janeiro de 2009.

GABEIRA, F. **A maconha**. São Paulo: Publifolha – Folha explica, 2000.

GAETE, T. Representaciones Sociales de psicólogos sobre el consumo de droga, consumidores y tratamientos. “El Jucio Psicológico”. **Revista Psicología**. Vol XVI, nº 002, Universidad de Chile, Santiago, Chile, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-ng-es&nrm=iso> Acesso: 02 de fevereiro de 2009

GARCIA-MIJARES, M. e SILVA, M.T.A. Dependência de “drogas”. **Psicologia USP**, 2006, 17(4), 213-240. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/psicousp/v17n4/v17n4a12.pdf>> Acesso em: 11 de Abril de 2009

GLOBO, O. **Marcha da Maconha: legalização ou barbárie**, 2008. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/opiniao/mat/2008/05/02/marcha_da_maconha_legalizacao_ou_barbarie-427176164.asp> Acesso em: 12 de Abril de 2009

GONZÁLEZ, E. M. Psicología y “drogas”: Aproximación Histórica, Situación Actual y Perspectivas de Futuro. **Papeles del Psicólogo**. Nº 077, Espanha, 2000. Disponível em: < <http://www.papelesdelpsicologo.es/vernumero.asp?ID=840>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2009.

HOUT, M.C. A community perspective of cocaine use in Ireland: a brief exploratory study. **Contemporary Drug Problems**. Vol 34., Spring, 2007. Disponível em< http://www.accessmylibrary.com/coms2/summary_0286-35482519_ITM> Acesso em 3 de fevereiro de 2009

IGLESIAS, E. B. Bases psicológicas de la prevención del consumo de “drogas”. **Papeles del Psicólogo**. Vol 28, nº 1. Universidad de Santiago de Compostela, 2007. Disponível em < <http://www.papelesdelpsicologo.es/vernumero.asp?ID=1424>> Acesso em : 7 de fevereiro de 2009.

JÁUREGUI, I. La personalidad adictiva de nuestro tempo. **Nomadas**. Nº 016. Universidad Complutense de Madrid, Madrid, Espanha, 2007. Disponível em: < <http://www.ucm.es/info/nomadas/>> Acesso em 11 de Janeiro de 2009.

JODELET, D. Representaciones sociales: contribución a um saber sociocultural sin fronteras. In: D. Jodelet & A. G. Tapia (Orgs.) **Develando la cultura: estúdios em representaciones sociales**. México: UNAM, 2000.

JUNGERMAN, F. S. **A efetividade de um tratamento breve para usuários de maconha**. Tese (Doutorado em Medicina). Universidade Federal de São Paulo, 2005. Disponível em: < <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=436932&indexSearch=ID>> Acesso: 14 de novembro 2009

TRINDADE, Z. A. **Representações Sociais da Paternidade e da Maternidade: implicações no Processo de Aconselhamento Genético**. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo, 1991.

KAPLAN, H.I., SADOCK, B. J. & GREEB, J.A. **Compêndio de Psiquiatria**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

KARAM, M. L. A lei 11.343/06 e os Repetidos Danos do Proibicionismo. **Boletim do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais**, ano 14, nº 167, outubro 2006, São Paulo-SP. Disponível em: <http://canalmaconha.awardspace.com/index.php?option=com_content&task=view&id=6&Itemid=2> Acesso: 8 de agosto de 2010

KARAM, M. L. Um olhar sobre a política proibicionista. In: **Diálogos: álcool e outras drogas**. Ano 6, Nº 6, Novembro de 2009.

LOECK, J. F. **Narcóticos anônimos: um estudo sobre estigma e ritualidade**. Disponível em: <http://www.neip.info/downloads/jardel/jardel_01.pdf>, Acesso em 8 de novembro.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. Métodos de coletas de dados: observação, entrevista e análise documental. IN: LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986, p. 11-24

MACRAE, E. **Aspectos sócio-culturais do uso de “drogas” e políticas de redução de danos**. , 1993. Disponível em: <<http://www.neip.info/downloads/edward2.pdf>>, Acesso em: 8 de novembro 2008

MACRAE, E. **A subcultura da droga e prevenção**. Texto apresentado ao Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CETAD) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2003. Disponível em: <www.neip.info/html/objects/_downloadblob.php?cod_blob=677> Acesso em: 14 de maio 2010

MACRAE, E. & SIMÕES, J.A. A subcultura da maconha, seus valores e rituais entre setores socialmente integrados. **NEIP**. Bahia, 2005. Disponível em: <www.neip.info/html/objects/_downloadblob.php?cod_blob=677> Acesso em: 29 de agosto de 2009

MACRAE, E. **Abordagens qualitativas na compreensão do uso de psicoativos**. In: “drogas”: tempos lugares e olhares sobre seu consumo. Tavares, L.A , Almeida, AR. B. MACRAE, E., Ferreira, O. S. et al (ORGS), Salvador, EDUFBA; CEETA/UFBA, 2004a. Disponível em: <http://www.santodaime.it/Library/RELATEDSUBJECTS/macraeXXa_portuguese.pdf> Acesso em: 23 de outubro de 2008

MACRAE, E. & SIMÕES, J. A. **Rodas de fumo: o uso da maconha entre camadas médias urbanas**, Salvador: Edufba, 2004.

MAGALHÃES, M.P. BARROS, R.S. SILVA, M.T.A. Uso de drogas entre universitários: a experiência com maconha como fator delimitante. **ABP-APAL**. Vol. 13 (3): 97 – 104, jul – set, 1991 Disponível em: < <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=123230&indexSearch=ID>> Acesso: 12 de abril 2010.

MARCONI, M. A. e LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10ª ed. São Paulo: Hucitec, 2007

MINAYO, M.C. de S. Sobre a toxicomania da sociedade. In: **Drogas e Pós-Modernidade: faces de um tema proscrito**. BAPTISTA, M., CRUZ, M.S., MATIAS, R. (Orgs). Rio de Janeiro, EdUERJ, 2003.

MINAYO, M.C. de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21^a Edição. Petrópolis: Vozes, 2002

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política do ministério da saúde para a Atenção Integral a consumidores de Álcool e outras “drogas”**. Brasília, 2003. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pns_alcool_”drogas”.pdf> Acesso em : 09 de Fevereiro de 2009

MORALES, B. S. V. **A dependência de “drogas” no discurso do psicólogo: efeitos de sentido**. Porto Alegre, Universidade do Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), 2002. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/4098>> Acesso em : 09 de Fevereiro de 2009.

MORGAN, J. **Porque legalizar a maconha**. YouTube, 10 de dezembro de 2007. Disponível em:< http://www.youtube.com/watch?v=J58YUol_PiA&feature=related> Acesso em: 13 de Janeiro de 2009

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MOURA, C. P. Becker, Howard S. 2008 [1963]. *Outsiders. Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar. 232pp. **Mana**, vol.15, nº.2, Rio de Janeiro Outubro 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132009000200011&script=sci_arttext&tlng=en> Acesso em: 13 de agosto de 2010.

NEAD. Núcleo Einstein de Álcool e Drogas. **História da Maconha: aspectos históricos**, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://apps.einstein.br/alcooledrogas/novosite/drogas_historia_maconha.htm> Acesso em: 10 de agosto de 2010

NOTO, A.R., BAPTISTA, M.C., FARIA, S.T., NAPPO, A.S., GALDURÓZ, J.C., CARLINI, E. A. “drogas” e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos

publicados em jornais e revistas. **Cad Saúde Pública** vol.22 no.1 Rio de Janeiro, Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, J.F., PAIVA, M. S. e VALENTE, C.L.M. Representações sociais de profissionais de saúde sobre o consumo de “drogas”: um olhar numa perspectiva de gênero. **Ciência e Saúde Coletiva**. Vol. 11 (2), 473 – 481, Bahia, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v11n2/30434.pdf>> Acesso em: 05 de fevereiro de 2009

PEREIRA, V.F.S. **Um estudo da experiência de implementação do Programa de Redução de Danos ao uso “drogas” do Distrito Federal**. Rio de Janeiro: s.n. Dissertação de Mestrado (Escola Nacional de Saúde Publica Sergio Arouca), 2007. Disponível em: <http://www.saudentaledireitos.com.br/cao/index_int.php?id=6> Acesso: 5 de Abril de 2009

PINSKY, I. E PAVARINO FILHO, R.V. A apologia do consumo de bebidas alcoólicas e da velocidade no trânsito no Brasil:considerações sobre a propaganda de dois problemas de saúde pública. **Revista Psiquiátrica RS**. Vol. 29 (1), 2007. Disponível em: <<http://www.revistapsiqrs.org.br/administracao/arquivos/v29n1a19.pdf>> Acesso em 2 de março de 2009

PLANALTO. **Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006**. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111343.htm> Acesso: 12 de agosto de 2010.

RIBEIRO, T.W., PERGHER, N. K., TOROSSIAN, S. D. “drogas” e Adolescência: Uma análise da ideologia presente na mídia escrita destinada ao grande público. **Psicologia Reflexão e Crítica**. Vol. 11, nº 003, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000300003&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 03 de Fevereiro de 2009.

RIGONI, M. S., OLIVEIRA, M. S., MORAES, J.F.D., ZAMBOM. O consumo de maconha na adolescência e as conseqüências nas funções cognitivas. **Psicologia em**

estudo. Maringá, v. 12, n 2, p 267 – 275, maio/ago, 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a07.pdf>> Acesso em: 1 de agosto de 2010

ROMANELLI, G. A entrevista antropológica: troca e alteridade. In: **Diálogos Metodológicos sobre prática de pesquisa.** ROMANELLI, G. (org.) & Biasoli-Alves, Z.M. Ribeira Preto: Legis summa, 1998.

ROMANI, O. Etnografía y “drogas”: Discursos y Prácticas. **Revista Nueva Antropología.** Vol. XVI, nº 53 – 52. México, 1997. Disponível em: < <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=15905303&iCveNum=4154>> Acesso em: 01 de fevereiro de 2009.

SCHENKER, M. e MINAYO, M.C.S. Fatores de risco e de proteção para o uso de “drogas” na adolescência. **Ciência e Saúde Coletiva**, Vol. 10 (3), p. 707 – 717, 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n3/a27v10n3.pdf>> Acesso em 3 de março de 2009

SCHRAMM, F. R. A moralidade da prática de pesquisas nas ciências sociais: aspectos epistemológicos e bioéticos. **Ciência e Saúde Coletiva**, 9 (3):733 –784, 2004.

SECADES-VILLA, R., GARCÍA-RODRÍGUEZ, O., FERNÁNDEZ-HERMIDA, J. R., CARBALLO, J. L. Fundamentos Psicológicos Del Tratamiento De Las Drogodependencias. **Papeles del Psicólogo.** Vol. 28, nº 1, Departamento de Psicología. Universidad de Oviedo, 2007. Disponível em: <http://www.papelesdelpsicologo.es/vernumero.asp?ID=1426>> Acesso em: 08 de fevereiro de 2009.

SILVA, R. C. e SANTOS, M. A. **A intolerância frente à questão das “drogas”:** Algumas reflexões. In: Crianças e Adolescentes: Construindo uma cultura da tolerância. BIASOLI-ALVES, M. e FISCHMAN, R. (ORGS.), São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SOUZA, J. e KANTORSKI, L. P. Embasamento Político das Concepções e Práticas Referentes às “drogas” no Brasil. **SMAD**. Vol. 3, nº 2, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, 2007.

SOUZA, L. BONOMO, M. LIVRAMENTO, A. M. BRASIL, J. A. e CANAL, F.D. Processos identitários entre ciganos: da exclusão a uma cultura de liberdade. **Liberabit**: Lima (Peru) 15 (1): 29-37, 2009. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/dfichero_articulo?codigo=3018345&orden=0> Acesso em: 7 de agosto de 2010.

SUTHERLAND, I. e SHEPHERD, J. P. Social dimensions of adolescent substance use. **Addiction**, Vol. 96, p. 445- 458, UK, 2001. Disponível em :<<http://www3.interscience.wiley.com/journal/120188494/abstract?CRETRY=1&SRETRY=0>> Acesso em 4 de março de 2009

SWAIN, T. N. Feminismo e representações sociais: A invenção das mulheres nas revistas “femininas”. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 34, p. 11-44, 2001. Disponível em: <<http://66.102.1.104/scholar?hl=pt-BR&lr=&q=cache:belr8NmeDMUJ:calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewFile/2657/2194+feminismo+e+representa%C3%A7%C3%A3o+social>> Acesso em: 10 de Maio de 2008

SZYMANSKI, H. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano, 2002.

TAJFEL, H. **Grupos Humanos e categorias sociais – II**. Lisboa: Livros Horizontes, 1983.

TRINDADE, Z. A. **Representações Sociais da Paternidade e da Maternidade: implicações no Processo de Aconselhamento Genético**. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo, 1991.

TRINDADE, Z.A. ; Menandro, M.C.S. ; Gianórdoli, I.F. Organização e interpretação de entrevistas: uma proposta de procedimento a partir da perspectiva metodológica. Em: M. M.P. Rodrigues; P.R.M. Menandro. (Org.). **Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em Psicologia**. 1 ed. Vitória, ES: Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES e Editora GM, 2007.

VELHO, G. **Dimensões Cultural e Política do Mundo das “drogas”**. In: INEM, C. I. & ACSELRAD, G. (orgs.). “drogas”: Uma visão Contemporânea. Rio de Janeiro, Editora Imago, 1993.

VELHO, G. **Desvio e divergência: uma critica da patologia social**. Gilberto Velho (org.) 5ª Ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar, Ed., 1985.

VELHO, G. **Nobres & anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

VIEIRA, P.C., AERTS, D.R.G.C., FREDDO, S.L., BITTENCOURT, A., MONTEIROL. Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares em município do Sul do Brasil. **Cadernos Saúde Pública** 2008; 24:2487-98. Disponível em: < http://www.abead.com.br/artigos/arquivos/uso_de_alcool_tabaco_drogas> Acesso: 7 de agosto de 2010

WIKIPEDIA. **War on drugs**. 2009. Disponível em: < http://en.wikipedia.org/wiki/War_on_Drugs> Acesso em: 27 de fevereiro de 2009

ZALUAR, A. **A criminalização das “drogas” e o reencantamento do mal**. In: INEM, C. I. & ACSELRAD, G. (orgs.). “drogas”: Uma visão Contemporânea. Rio de Janeiro, Editora Imago, 1993.

ANEXOS**ANEXO A****INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS - ENTREVISTA****1º BLOCO - CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO**

- a) Qual a sua idade?
- b) Qual bairro você mora?
- c) Qual é seu grau de instrução?
- d) Qual é seu estado civil?
- e) Qual é a sua profissão/ocupação?
- f) Qual é a sua religião?

2º BLOCO – RELAÇÃO DO SUJEITO COM A MACONHA E A DROGADIÇÃO

- a) Você consome algum tipo de droga? Se sim, qual predominantemente? E há quanto tempo faz uso? Lembra-se da idade que começou? O que incentivou o consumo?
- b) Como classifica seu consumo? Baixo, médio ou alto? (traduzir em semana) Isso para você é uma preocupação? Por quê? Quando você acha que um sujeito fica dependente de alguma droga?
- c) No seu dia-a-dia, convive ou conhece pessoas que consomem drogas? Qual é o seu nível de proximidade com elas?
- d) Em geral, o que motiva uma pessoa a usar drogas? E no seu caso, o que o motiva a consumir ou não consumir? E em geral, o que motiva uma pessoa a parar de usar drogas?

- e) Você pensa que existe uma situação melhor, mais propícia ou que estimularia mais para se consumir drogas, ou seja, aonde seja mais comum o consumo? Em que locais? Existe razão para escolha desses lugares?
- f) Existe uma rotina para consumir drogas? O que se faz antes? E o que se faz depois? Usualmente, é sempre assim?
- g) Você pensa que o consumo de drogas é um estilo de vida barato? Você tem noção de quanto um consumidor médio gasta por mês na compra de drogas? Você se importa com isso?
- h) Como você pensa que as pessoas conhecem as drogas? Existem fatores que facilitam isso em sua opinião?
- i) A maioria das informações que você obteve sobre consumo de drogas advém de onde? Pensa que foi bem informado sobre isso?
- m) Quais alterações ocorrem e quais efeitos você supõe ou descreve mediante o uso de maconha?

3º BLOCO – A DROGADIÇÃO – O OLHAR SOBRE O OUTRO

- a) Você poderia citar seis características de uma pessoa que é considerada drogada? Qual dessas é a mais definidora desse sujeito? Por quê? Você considera que essa característica é positiva ou negativa?
- b) Você pensa que existem diferenças marcantes entre um sujeito que consome drogas e o que não consome? Pensando em exemplos, você pensa que o sujeito que consome sofre implicações em função do uso na sua vida social? O quê?
Na sua saúde? O quê?
E no seu lazer? O quê?

Com sua família? O quê?

Na sua vida profissional? O quê?

c) Você pensa que quando as pessoas consomem drogas conseguem realizar suas atividades cotidianas normalmente? Como é isso para você quando você consome?

d) Como você acha que a sociedade vê uma pessoa que consome maconha? Como pensa que a religião vê essa pessoa? Como pensa que a área jurídica vê essa pessoa? E a área médica, como a vê?

4º BLOCO – VIDA PROFISSIONAL E CONSUMO DE MACONHA

a) Você considera que seja possível consumir drogas com certa frequência e manter uma relação produtiva com certas ocupações?

b) Você considera que o consumo de drogas influencia no desempenho de um profissional? Para melhor ou pior? Por quê?

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Eu,, tendo sido convidado a participar como voluntário do estudo “ *Todo vagabundo é maconheiro, mas nem todo maconheiro é vagabundo*”. Um estudo sobre consumidores estavéis de maconha, concordo” em participar dessa pesquisa discriminada abaixo nos seguintes termos:

IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA

PESQUISA: “ *Todo vagabundo é maconheiro, mas nem todo maconheiro é vagabundo*”.

Um estudo sobre consumidores estavéis de maconha.

NÍVEL: Mestrado

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a Maria Cristina Smith Menandro.

RESPONSÁVEL PELA COLETA DE DADOS: Francisco de Assis Lima Filho

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

JUSTIFICATIVA E OBJETIVO DA PESQUISA

A pesquisa tem o objetivo de conhecer os sentidos e os valores atribuídos à maconha principalmente e a seus consumidores através dos relatos de consumidores e da substância. Procuraremos estudar a relação que a sociedade atual mantém com a maconha, enquanto uma substância ilegal. Isso possui sua importância primordial na medida em que poderemos refletir os valores cultuados ou refletidos por nossa sociedade atual.

DESCRIÇÕES DOS PROCEDIMENTOS A QUE O PARTICIPANTE SERÁ SUBMETIDO

São entrevistados consumidores de maconha, cuja participação será voluntária, sendo garantido o anonimato e sigilo das informações obtidas. As entrevistas são semi-estruturadas e serão gravadas e transcritas na íntegra. O material coletado será analisado e interpretado de acordo com o método da Análise do Conteúdo.

BENEFÍCIOS ESPERADOS

Os resultados do estudo serão divulgados através de publicação em artigos especializados e participarão em congressos, contribuindo para a ampliação da literatura que se tem produzido sobre a temática da droga como um todo e mais especificamente ajudará na construção do panorama da realidade da Grande Vitória sobre a questão do consumo de substâncias psicoativas.

Identificação do participante

Nome: _____

Idade: _____ anos

RG: _____ Órgão emissor: _____

Estando assim de acordo, assinam o presente termo de compromisso em duas vias.

Participante_____
Responsável pela pesquisa

Vitória, ____ de _____ de 2009.